

2º FESTIVAL DE  
**CULTURA**  
PUC-SP

#poesianapuc



PUC-SP

**educ**  
Editora da PUC-SP

2º Festival de Cultura PUC-SP

**#poesianapuc**



**educ**  
Editora da PUC-SP

São Paulo, 2018



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

*Reitora:* Maria Amalia Pie Abib Andery

EDITORA DA PUC-SP

*Direção:* José Luiz Goldfarb

*Conselho Editorial*

Maria Amalia Pie Abib Andery (*Presidente*)

Ana Mercês Bahia Bock

Claudia Maria Costin

José Luiz Goldfarb

José Rodolpho Perazzolo

Marcelo Perine

Maria Carmelita Yazbek

Maria Lucia Santaella Braga

Matthias Grenzer

Oswaldo Henrique Duek Marques

**educ**

*Produção Editorial*

Sonia Montone

*Editoração Eletrônica*

Waldir Alves

Gabriel Moraes

*Capa*

Equipe Educ

*Administração e Vendas*

Ronaldo Decicino

Rua Monte Alegre, 984 - Sala S16  
CEP 05014-901 • São Paulo • SP  
Tel./Fax: (11) 3670-8085 e 3670-8558  
[www.pucsp.br/educ](http://www.pucsp.br/educ) • [educ@pucsp.br](mailto:educ@pucsp.br)

*A poesia é a criação rítmica da beleza em palavras.*  
(Edgar Allan Poe)

Como parte das atividades do 2º Festival da Cultura da PUC-SP, a Educ – Editora da PUC-SP criou o evento #poesianapuc, por meio do qual convidava professores, funcionário, alunos e a comunidade puquiana a postarem poemas autorais, nas redes sociais.

Uma iniciativa que buscava mostrar os talentos da nossa comunidade, que, além de estudar, trabalhar, pesquisar, correr pelos corredores da Universidade para cumprir seus horários de aula ou de trabalho, têm tempo e motivação para escreverem belíssimos textos.

Esses poemas, inicialmente, ficariam postados na página do facebook @poesianapuc e seriam expostos nos *campi* da Monte Alegre e da Marquês de Paranaguá, durante os dias do Festival.

No entanto, tamanho o sucesso de postagens (foram mais de 250 poemas!), decidimos reunir os poemas recebidos pelas redes sociais e disponibilizá-los em versão e-book, de modo que todos possam ter acesso fácil a esse material tão rico que ajudou a deixar nossa PUC-SP ainda mais poética!

Em breve, também será editada a versão impressa de uma seleta de poemas escolhidos, com previsão de lançamento na II FliPUC (Festa Literária Internacional da PUC-SP), que acontecerá de 22 a 24/10/2018.

Agradecemos a participação de todos e esperamos, para os próximos anos, incrementar nosso evento com #prosanapuc, #cronicanapuc, #contonapuc. Que tal? Então, caneta e papel nas mãos desde já!

## SUMÁRIO

Alberta E. D. Goes . . . . .	7-8
Alexandre Ginzler . . . . .	9
Amilcar R. Fonseca Júnior . . . . .	10
Ana Carolina Fávero . . . . .	11-14
Ana Laura Pereira . . . . .	15-19
André Vaz Tourinho . . . . .	20-35
Anônimo . . . . .	36-37
Anônimo . . . . .	38-40
Anônimo . . . . .	41-43
Aquiles Rodrigues . . . . .	44
Ariane Freire . . . . .	45-47
Bárbara Lucatto . . . . .	48
Beatriz Di Giorgi . . . . .	49-54
Beatriz Torres . . . . .	55-57
Bernadete Marcelino . . . . .	58
Bruno Grandchamp Rodilha . . . . .	59-60
Carol Mirabella Belloque . . . . .	61-62
Carolina Rieger Schiavon . . . . .	63-67
Daiane Regina Ribeiro Sanches . . . . .	68
Daniele Serafim Pereira . . . . .	69-73
Desirée G. Puosso . . . . .	74-75
Diógenes Sousa . . . . .	76
Edilaine Correa . . . . .	77-79
Elieni Caputo . . . . .	80-93
Gabriel Maia . . . . .	94-98
Gabriela Plaza . . . . .	99-152
Gilberto Azeredo Filho . . . . .	153-161
Guilherme T. Gusson . . . . .	162-170
Gustavo Abdala . . . . .	171-175
Heitor Alves . . . . .	176
Isabella Parra . . . . .	177-179
Jade Hilario . . . . .	180-182
Jade Vasconcelos . . . . .	183

Jerry A. V. Chacon . . . . .	184
João Dantas . . . . .	185-187
John Bran . . . . .	188-190
Jorge Arbage . . . . .	191
Jorge Claudio Ribeiro . . . . .	192-194
José Eduardo Rendeiro . . . . .	195-197
Julio Cesar . . . . .	198-199
Kwame.Y . . . . .	200
Larissa Teixeira . . . . .	201-205
Leonardo Pinheiro . . . . .	206-208
Luciano Bitencourt . . . . .	209
Lucivania Maia . . . . .	210
Luis Barbuda . . . . .	211-220
Luiza Novaes . . . . .	221
Marcelo Vieira Graglia . . . . .	222-223
Marcos Santos . . . . .	224-225
Mariana Ribas . . . . .	226
Marilia J. Marino . . . . .	227
Maristela Grossi . . . . .	228
Marta Tanuri . . . . .	229-234
Martha Malheiro Launay . . . . .	235-237
Maurin Ka . . . . .	238
Nátalie Verndl . . . . .	239
Nayá Fernandes . . . . .	240-243
Paola Cantarini . . . . .	244-249
Pedro Aguerre . . . . .	250
Pedro Dadalto . . . . .	251-254
Pedro Geneze Liberato . . . . .	255-256
Peter Ferreira . . . . .	257-260
Rafael Shintate . . . . .	261-264
Rafael Tubone Magdaleno . . . . .	265-267
Raquel Morgana . . . . .	268-269
Ricardo Ikedo . . . . .	270
Samia Athayde Smaili . . . . .	271-272
Santiago Segundo . . . . .	273-274
Simone Zanotello de Oliveira . . . . .	275
Sofia Coelho . . . . .	276-277
Sonia Montone . . . . .	278-280

Therence Santiago . . . . .	281-289
Ulysses Barros Papageorgiou . . . . .	290-291
Victor Melo . . . . .	292-294
Vinícius Godoy . . . . .	295
Vito Antonio Antico . . . . .	296-298
Vitor Hugo Gonçalves . . . . .	299-305
Vitor Perdonatti . . . . .	306-309
Vivian Chazan . . . . .	310-312
Waldir Alves . . . . .	313
Wellington Penna . . . . .	314
Wilson Brancaglioni . . . . .	315

## ODE AOS FILHOS DO ESTADO

Acolhidos,  
Encolhidos,  
Sequestrados,  
Subtraídos,  
Maria e agora?  
E agora José?  
O abrigo acabou,  
A liberdade alcançou,  
A autonomia chegou,  
E a maioria te levou...  
Maria e agora?  
E agora José?  
As tias se foram, os técnicos também,  
Não houve até logo,  
Apenas, vai meu bem...  
Maria e agora?  
E agora José?  
Não tem fantasia,  
Não tem mais ninguém,  
A realidade é o seu guia  
Volta para casa, José e Maria!  
Mas, para a casa de quem?  
E agora Maria?  
E agora José?

continua...



continuação

Onde estão suas raízes?  
Onde está o seu irmão?  
Devem saber os juízes  
Que destinam com a mão...  
E agora Maria?  
E agora José?  
Você que é do bem,  
Não tem Zé-ninguém,  
Amou muito além,  
E resiste tão bem,  
E agora Maria?  
E agora José?  
Recebeu solo fértil ou o impossível chão?  
Vai ser feliz, aprendiz, meretriz...  
Vai viver na alegria ou vai buscar o seu pão?  
E agora Maria?  
E agora José?  
Têm que terminar bem,  
E, onde é o fim,  
Não pertence a mais ninguém...

**Alberta E. D. Goes**

## **NOTAS DE SANGUE**

Tem o amor sabor de sangue, temperado por vingança e rancor.

Sepultemos o amor... Máscara da morte!

Dilacera com seu toque, queima com calor.

E a morte, que nunca dorme

deixa no coração eterno corte,

que de amor se alimenta, e permanece com fome.

**Alexandre Ginzal**

## **METAPOESIA**

poesia é lugar de fala  
da parte que se cala  
que diz sobre nós  
que serve de voz  
ao ser que sente ser  
incapaz de dizer  
o que pensa de si

**Amilcar R. Fonseca Júnior**

## **DAS INCERTEZAS**

Das incertezas  
Incontingências mal vistas  
Impaciência em vistas  
Nunca hábil  
Singelo relapso  
Não encarecimento  
ao mundo  
Fuga voraz  
O deserto em tentativa  
desenfreada  
A espera  
À espera  
Destilar em sequência  
Anuência  
Indagar-se aos extremos  
Aguardemos  
Angústia, angústia  
Recorrida a minúcia  
O adeus mais sincero  
Dor e flagelo  
Até mais se ver  
Eis aqui  
Entardecer

**Ana Carolina Fávero**

## **TÊNUE**

Tiro vívido em suspenso  
    Dispenso  
Força etérea, ao desalento  
    Fulgurada assertiva  
    Do ideário desleal  
Das fugas dos termos  
    Enfermos  
    E ditos preceitos  
    Afeitos  
    Embargo irreal

**Ana Carolina Fávero**

## **TERMOS**

Linhas contínuas, efeito da razão  
Descrever também faz parte  
Das artes, inclusão  
Há os momentos certos  
Agora sou livre  
Meu universo exaspera  
São os contornos das coisas  
Finalizados para sempre  
As perdas  
De mudanças, heranças  
Abstratas, as clássicas  
maneiras, refeitas  
Eu temo  
A manutenção dos meios  
meios  
inércia

**Ana Carolina Fávero**

## LINGUAGEM

A linguagem cabível  
Conversível  
Transmutadora da razão à ação  
Inflexível, da rigidez às sobras  
Detentora de questionável possibilidade  
De conter em si, as fórmulas de expressão  
Válidas (?) Eficazes (?)  
Em missão predisposta a traduzir  
E padronizar lapsos de pensamentos perdidos  
Cabe a ela abranger a amplitude humana?  
A tentativa  
Os resquícios

Ana Carolina Fávero

## NO PALCO DESTA VIDA

Teu ofício baseia-se em memorizar o momento,  
Isto posto tornou-se refém do teu próprio tempo,  
Somente sustenta-se do espetáculo encerrado,  
Apenas se satisfaz das cenas do obsoleto teatro.  
Desvairada vaga seduzindo-se pelo futuro,  
Outrora, perdurar-se obcecada pelo passado,  
Nostalgia de uma chama que não se inflou,  
Melancolia de um amor que jamais se consumou.  
No prosclênio que se desenrola este drama,  
Intenta prosseguir coesa nesta trama,  
Demasiada a ensaiar seu papel peculiar,  
Domina o preciso instante o qual irá falhar.  
Estreando misterioso personagem na inédita peça,  
O roteiro dirige-se por nova utopia,  
Nega-se ser identificado como paixão,  
Não obstante, foi designado ao cargo de ilusão.  
Na simulação da apresentação, acolá está,  
No alto do palco novamente a se arriscar,  
De olhos vendados o palanque atravessar,  
Traída pelo desatino destino o qual profetizou,  
Frente a frente com a plateia do jirau despencou.  
Todavia, pela primeira vez no presente elucidou,  
E o grande lapso sua psique solucionou,  
Entretanto já caíste na armadilha,  
O qual a fadada sina lhe pregaria.  
Amar o ápice da loucura ao se entregar,  
Não conseguir no palco de seu coração as intensas emoções equilibrar,  
Apesar de com suas imperfeições se conformar,  
Receia se sua arte alguém irá aceitar,  
Antes do dia que este fugaz espetáculo da vida irá sair de cartaz.

Ana Laura Pereira



## ALEGORIA DE CARNAVAL

Desta ínfima poção de mandinga,  
A alma ordinariamente se inebria,  
O corpo intensamente ânsia,  
A mente assombrosamente se angustia,  
A carne incomensuravelmente carecia,  
Entregar-se à essa dicotomia.  
Um punhado de sorrisos e magia,  
E um bocado de melancolia,  
Por meio deste paradoxo se nutrir,  
Pressupondo quem primeiro há de ir,  
Apenas aguardando a transformação,  
De mais um grande amor em solidão.  
Apesar de na maré alta gostar de se aventurar,  
Sem muito se atentar,  
Com a onda que invade, envolve e cresce sem cessar,  
Mesmo sabendo que em instantes irá quebrar,  
Não deixas de gozar,  
No infinito decurso deste misterioso mar.  
Porventura irás mergulhar,  
No âmago deste olhar,  
A profunda escuridão,  
E a perfeita vastidão,  
Das águas azuis- esverdeadas,  
Tão cristalizadas,  
Mais uma perdição.  
Ainda que tal miragem venha a evaporar,  
Através da brisa advinda desse mar,  
Um grão de areia será similar,  
A tristeza,  
Que no coração irá se instaurar.

continua...

continuação

Neste ínterim, os dias de alegria irá festejar,  
E nas noites de calor irá bailar,  
Sua simpatia ostentar,  
Deixando-se encantar exclusivamente pela beleza da natureza,  
E do sambar,  
Manuseando as cores unicamente para o amor reinventar.  
Embora recorrerá a proteção intrínseca implantar,  
Com o amor jamais deixará de brincar,  
Os segundos no qual se produz uma paixão,  
São os mesmos utilizados para juntar os pedaços despedaçados,  
De seu coração.  
Se quiseres agregar é só chegar,  
No carnaval linda e bela, irá se reiterar,  
Prefácio com desfecho em proeza,  
Mais uma vez irá vivenciar,  
E em caso de tua ausência, irás olvidar.

**Ana Laura Pereira**

## PERSEGUE-ME

Tu andas por todo lugar,  
No meu íntimo edifica sua casa,  
Dentro do meu coração faz sua morada,  
Como se sua estadia fosse convocada.  
Acompanha-me na mesa do bar,  
E preenche meu copo ao se esvaziar,  
Desta forma o teu cálice sigo a tomar,  
Ante as estrelas e o luar.  
No fumo o qual adoras se agarrar,  
Ilumino-te diversas vezes ao passar das horas,  
Engulo-te para que aos poucos possas,  
Tal como gostarias, me aniquilar.  
Caso careça não é preciso lhe buscar,  
Tu persegues-me desatino a saltitar,  
Em êxtase, pelas tantas que conquistou,  
Tu és egoísta e jamais considerou,  
O sofrer e as lágrimas a gotejar.  
Tal existência divina não aparenta tomar sua posição,  
Desapontaram-se por tantas vezes falsos profetas,  
Unicamente me indago diante tal dissimulação,  
Exequível será apoderar-se de sua posição?  
Tu que já se instaurou em minha alma,  
Solidão.

Ana Laura Pereira

## FLORES DO SEU JARDIM

Felicitações pela nova flor do interior,  
Que a ablepsia da eterna perfeição,  
Caia como um véu sobre seu rosto,  
De maneira que não haja dor, rancor, desamor ou desgosto.  
Mas cuidado, em um jardim tão vasto,  
Tulipas, Rosas, Violetas, Lírios,  
Fique atento com os matinhos,  
E com as flores que tem espinho.  
Indago-me a aptidão de permutar,  
Com tamanha destreza a decrepita flor,  
Sem ressentimentos, sem rancor,  
Mera bisbilhotice de alguma murcha flor.  
Esta maestria gostaria de dominar,  
Mas não obstante, minhas pétalas estatelaram-se,  
Dessarte terei que aguardar o tempo curar:  
Germinar, crescer, florescer, polinizar...  
Bem me quer,  
Poupa-me uma pétala,  
Mal me quer,  
Extirpa-me outra pétala,  
Peculiaridade de ser Margarida..  
Contudo, desta vez suplicarei,  
Não mais serei Margarida,  
Cansei de ser destruída,  
Desabrocharei uma Rosa Vermelha,  
Vigorosa, tem o poder de enganar,  
O que se supõem ser amar.

Ana Laura Pereira

## ASSOALHOS ARRANHADOS

Demasiados textos fogosos  
Percorrendo pelos meus olhos  
Anca na cadeira, demolidor de paradigmas  
Ao vivo um Complexo de Napoleão domina  
Tantas mentiras tão bem protegidas  
Ditas com maestria na minha telinha  
O herói nacional cai e toda torcida grita  
Dividiste a anestesia em quantas vidas?  
Em meio ao agito dum povo perdido  
Distrações que só fazem atrasar o tão sonhado destino  
Ao encontro da mudança vagarosa doutras temporadas  
Desmorona nas badaladas dum sino  
Saberia dizer em qual galáxia  
A utopia do hino de fato fica?  
Cantarolo como um rouxinol  
Na fé de ter um vão digno frente ao Sol  
Andamos a ritmo de caracol  
E caímos como pato ao dentar o anzol  
De promessas que garantem atalhos  
Cartas repetidas no mesmo baralho  
Na selva da sobrevivência de desavenças  
O caos avança até em quem tem crença  
Pepitas de ouro já não mais encontro na beira do rio  
Quem pôde zarpou novos mares ou muros construiu  
Fantasia atolada numa quase anarquia de carteirinha  
Que nem sequer cego ou ingênuo cria ainda acredita  
Dos assoalhos arranhados  
Aos cascalhos do passado  
O desalento culmina com ímpeto decreto  
Ao ver tão traiçoeiro brio do então amigo.

André Vaz Tourinho

## ÚLTIMO LEMBRETE

O frio vem chegando  
Meu sangue no entanto  
Esquenta ao te ver  
Tomado pela saudade  
E sem maldade  
Eu só quero você  
Antes que seja tarde  
Apenas em pensar quase arde  
De uma só vez te ter com todo prazer  
A chuva limpa com maestria cada esquina e avenida  
E os resquícios de antigas paixões não correspondidas  
Jamais o sentimento que lhe guardo  
Em mim ser seu amado sempre haverá espaço  
Enfim minta assim mesmo, finjo que não me abalo  
Escondo com zelo os estilhaços  
Perco o respeito, nunca o passo  
Os sinais necessários já foram dados  
Coração machucado tornou-se um tiro ao alvo  
Tão somente no aguardo de receber seu dardo  
Caso não tenha notado, não sei mais o que faço  
Apenas você para me enlouquecer ao máximo  
O Sol não perdoa a nossa pele e escurece  
E deixa mais claro o que te deixa belo  
Só preciso de um pretexto perfeito que serve  
Para estar perto de ti como no inverno  
Mais que um sorriso no rosto  
Ou uma viagem a Trancoso  
Após mais um último lembrete  
Em forma de toque em seu corpo  
Você irá pensar só em mim  
Sem saber porque como nenhum outro  
Saiba que este  
É o meu e tão quão seu  
Último lembrete do que  
Talvez não seja mais existente  
Pouco a pouco você vai ver o quão era gostoso  
Pois tudo que é bom se vai com tom de sonho.

André Vaz Tourinho

## FAÍSCA

[INTRO]

Nesse mundo, tudo passa  
Menos a saudade daquela braza  
Nas piores temporadas de caça  
Você protegeu-me com toda força

[ESTROFE 1]

Enquanto outros jogavam pedras  
Limpava a sangria de cada ferida  
Mesmo eu caindo nas mesmas armadilhas  
Em ti finalmente descobri o que faz  
Subir rumo aos cosmos dopamina e euforia

[PRÉ-REFRÃO]

Duas taças do melhor licor  
Para despertar o domínio de seu frescor  
O brilho dos olhos dão outra cor  
Ao que é o espelho de nosso interior

[REFRÃO]

Quem realmente precisa arrisca  
E desiste jamais até a última faísca  
Nunca cessada pelo furor das palavras  
Mal pensadas pelo calor do momento  
Sempre nos levando à dor e arrependimento

[ESTROFE 2]

Exagero eternamente, mesmo tendo poréns  
Apenas refém do que me torna homem  
Há dias em que quero ver ninguém  
Outros que não durmo sem seu amém  
E assim meu corpo se aquece e o aperto some

continuação

[BRIDGE]

Famintos por pontos vazios à noite  
Em busca de novos horizontes sem nome  
E quando eu me libertar das algemas da dúvida  
Todos verão que de nada vale a vida sem tensão

[REFRÃO]

Quem realmente precisa arrisca  
E desiste jamais até a última faísca  
Nunca cessada pelo furor das palavras  
Mal pensadas pelo calor do momento  
Sempre nos levando à dor e arrependimento

(A última, última faísca

Última faísca que nunca se apaga)

[PRE-REFRÃO]

Duas taças do melhor licor  
Para despertar o domínio de seu frescor  
O brilho dos olhos dão outra cor  
Ao que é o espelho de nosso interior

[REFRÃO]

Quem realmente precisa arrisca  
E desiste jamais até a última faísca  
(A última, última faísca  
Última faísca que nunca se apaga)  
(A última, última faísca  
Última faísca que nunca se entrega)  
Não importa a ventania, essa faísca será minha

André Vaz Tourinho



## AMOR MATERNO

Primeira e perpétua afeição  
Desde o inédito fôlego terreno  
Afeto solidificado pela abdicação  
Desde o segundo ao tê-lo em teu seio  
Límpido e puro como águas cristalinas  
Doses de paciência em meio às desavenças  
Laço ímpar que supera ações de ruínas  
Tal missão jamais cumprida as torna heroínas  
Relação inexorável em tempos liquefatos  
Onipresentes somos em cada pensar diário  
Único ofício custoso sem qualquer lucro  
Renegável dom de cultivar nossa raiz  
Porto seguro quando ninguém nos quis  
Em eras de inseguranças, maior matriz.  
(Sucinto soneto o qual dedico ao sujeito mais especial  
na vida de qualquer ser vivo: mãe).

André Vaz Tourinho

## YOUR SKIN

[INTRO]

You know me well enough  
To be sure that I'm not a material person  
And you must also have heard  
There're some things you should never give up (on)

[STANZA 1]

No matter even for better (how short)  
Is the treacherous gap between our spots  
I won't bail on us acting as if I stand for  
What would be like untie the knot  
Of all that built our shrine of joy  
A story that got no jots or any pause  
Till then never had reasons to stop

[PRE-CHORUS]

Soft, thick or sweat  
Dry, sensitive or wet  
I don't mind, I don't care  
'Cause I'm only going to sleep tonight  
If I can feel the heat that I only get  
When you are in the bed, right there

continuação

## [CHORUS]

All I need to carry all this suffering  
To learn how to live holding tears  
Is your, is your, is your skin, skin  
The only thing I keep thinking of in  
Each dream with no borders or limits  
It's your skin, your skin right next to me  
Just make this nightmare no more reality  
That's all I'm asking for you gently, baby  
(A last request I won't ever be close to quit)

## [STANZA 2]

Even your lips being starving of mine  
You say we are very unlike  
That while I'm a electric light  
You're the waters of a waterfall and it'd cause  
A fatal shock that'd let someone die (just the sight)  
Don't you pretend you'll put the hands  
In your pocket when I get comin'

## [PRE-CHORUS]

Soft, thick or sweat  
Dry, sensitive or wet  
I don't mind, I don't care  
'Cause I'm only going to sleep tonight  
If I can feel the heat that I only get  
When you are in the bed, right there

continua...

continuação

[CHORUS]

All I need to carry all this suffering  
To learn how to live holding tears  
Is your, is your, is your skin, skin  
The only thing I keep thinking of in  
Each dream with no borders or limits  
It's your skin, your skin right next to me  
Just make this nightmare no more reality  
That's all I'm asking for you gently, baby

[BRIDGE]

I'm gonna overcome our nature now  
Ready to leave the sands to drown  
Then the lost belief will be found  
In your depths, beyond life and death  
That's only happens 'cause it's about love  
The only craziness no one can get rid of  
Run the risk is nothing in front of the prize  
One last intimacy and I'd do it millions of times

[CHORUS]

For your, for your, for your skin (skin)  
For your, for your, for your skin  
The only thing I keep thinking of in  
Each dream with no borders or limits  
It's your skin, your skin right next to me  
It's your skin, your skin (stuck on a longin')  
Just make this nightmare no more reality  
That's all I'm asking for you gently, baby  
(A last request I won't ever be close to quit).

André Vaz Tourinho

## CICATRIZES

Eu sou a junção de tudo  
Eu sou o velho remorso do nada  
Uma espécie de escudo  
Que atrás há apenas uma farsa  
Doce flor que a priori agrada  
Clichê, em seus espinhos tem sua plena cilada  
E a dor encontra em si a culpada  
Você, sim, você mesmo, dê agora a cara a tapa  
Tanto escondemos em nós mesmos  
Por trás de sorrisos pálidos e beijos  
Desejos impossíveis de mantê-los  
Uma eterna insegurança que questiona  
Um leão interno que avança na savana  
Cicatrizes, feliz por celebrar então o término da sangria  
Todavia, a que memória que um dia a sentia nunca saíra  
Suvenir nunca requisitado  
Prece com ônus sem saída  
Marcas, rugas, manchas e perfuros  
Neles vejo em mim a ação do mundo  
Que jamais fora um objeto estático apenas planejado  
Mas corpo que constrói história pelos traços ganhos  
Vida à deriva nos estilhaços quebrados do destino  
Quedas diárias que em minha pele mártir resisto  
Talvez pior que a própria dor  
É a lembrança do que a gerou.

André Vaz Tourinho

## AMOR CIGANO

Leve e sutil como uma pruma  
Invade delicadamente minhas quinas  
Disfarçado em meio à dúvida  
De que será uma inofensiva companhia  
Quem diria que acabaria como  
Começou como vizinho desconhecido  
Ele na dele e eu na minha  
Logo entre idas e vindas  
Pedi que ficasse outros dias  
Agora como inquilino cigano  
Sempre a sombra que me acompanha  
Vive em uma cabana em minha manga  
Reconheço esse apego como façanha  
Já se assumiu como dono do campo  
Colhendo sem jeito meus ramos  
Quebrando as paredes e portas  
Não há hora para descanso ou pausa.

André Vaz Tourinho

## SAUDADE BAIANA

Não sei, talvez uma singela parte de mim  
Tenha sido deixada às escadarias do Bonfim  
Tomados pela energia do Pelourinho  
Lá não há quem fique sozinho  
Um encontro marcado no Farol da Barra  
Ar puro e tropical que acalma a alma  
Do Campo Grande à Ondina  
Lembranças de carnavais passados  
Do Elevador Lacerda à Ilha de Itaparica  
Iguarias antigas, cantigas juninas ao abraço  
A cada esquina, uma bela história  
Onde foi o início dessa raça guerreira  
E sem beira ao decorrer das fronteiras  
Terras em que vive o nirvana da mistura  
Berço de heroínas, cultos sábios e artistas  
Vistas musas das mais antigas melodias  
Cenário das maiores vitórias e conquistas  
Habitat da inspiração para a vida  
Fauna e flora encontram sintonia  
Formando sons em uma só sinfonia  
Não há outra roda, recinto ou lugar  
Em que o meu coração perdido na  
Recordação das brisas e alegrias queira estar  
Hoje não é o tempo que digo que fico  
A bem-aventurança deixo aos bons amigos  
Pois há outros horizontes à frente  
Dou a minha nostalgia como único presente

continua...

continuação

A culpa é dessa saudade baiana  
Que a cada passo sempre me acompanha  
Lá não é noite ou dia, mas uma só folia  
Uma eterna serenata entre Sol e Lua  
Enfeitiçado pela ternura de viver a esperança  
De nunca perder essa saudade baiana  
A mais bela estrela em nossa bandeira  
Dos dias longos e quentes ao lado do mar  
A variedade de espécies de gente ao olhar  
Do preto ao branco, do vento ao encanto  
Às ladeiras dos sorrisos sem motivos  
Apenas um resquício em minha memória  
Daquele paraíso imperfeito que nunca irá embora  
(Uhh uuhh) Bahia Bahiá  
(Uhh uuhh) O meu único lar.

**André Vaz Tourinho**



## APOSENTADORIA COMPULSÓRIA

Diálogos práticos  
 Palavras sucintas  
 Que assombram sempre  
 O meu dia a dia  
 Não mais falamos com harmonia  
 A eloquência dos tempos áureos  
 Talvez uma utopia não tão tardia  
 Resgatar a grandeza que passou  
 Uma donzela não mais formosa  
 Meramente uma mina chavosa  
 As noites não são hora de seresta  
 Mas o momento de dar uns pegas  
 O requinte e primoroso perderam o viço  
 Para o jogador mais sórdido existente  
 A funcionalismo de falar-se sem conflito  
 Um expresso sem garantia de qualidade  
 Batalha perdida pela natural preguiça  
 Os sucessos de antes agora mofados  
 Quiçá os filosóficos de séculos passados  
 Da detalhada descrição do calor da cena  
 A meras reações monossilábicas apenas  
 Não há indenização ou regalias  
 Aos adjetivos e verbos aclamados outrora  
 Uma aposentadoria compulsória  
 Que nem provém menção honrosa alguma  
 Restam a eles debruçar sobre a humilde memória  
 De longas cartas tórridas em estupenda grafia  
 Ontem ovacionados com energia, hoje velharias  
 Antes morrer com um lugar eterno em certos livros  
 A ser pronome contido ao passo do fúnebre sumiço  
 E com um orgulho trágico do ser moderno  
 Escrevemos em mostruários ao mundo  
 Onde se diz tudo ao óbvio superficial ser dito  
 Vocíferas tu que o menos é mais  
 Não seria uma cortesia clamável por todo pleito  
 Então vossa língua ofensiva jamais  
 Ser mal usada, decepada ao primo choro no berço?  
 Mais hj ce ta tipo de boa só zuado né? aí pq enrolar?  
 valeu e bora pro bizuti na moral vei.

André Vaz Tourinho

## CONFESSONÁRIO

Se em algum instante você precisar de alguém  
Saiba que estou aberto a propostas  
Talvez eu sempre continue sendo refém  
De seu charme que tanto me agrada  
O plano era dar como acabado e recomeçar  
Mas não é natural de repente  
Esquecer todas razões que lá atrás  
Fizeram-me amar-te loucamente  
Quem nunca se afogou em outro mal sabe  
Diga o procedimento certo  
E eu assim farei com todo critério  
Já tentei de mandiga a remédio tarja preta  
E até mesmo disse o padre  
Que no caso não há milagre  
A gente se adapta quando não há saída  
Confesso que fere até o fundo da pele  
Estar bem perto e fingir sermos estranhos  
Como apaixonado, sou mal ator  
Ignorar o passado de um amor  
É como se pedisse: não respire  
Só peço, não sei porquê, mas venha de uma vez  
Tantos sentimentos tão tensos pra conter  
Só mais uma taça de vinho tinto  
E as palavras irão vir sem filtro  
Já saiba que minto  
Se disser que foi instinto  
Apenas um mal entendido de fim de domingo  
Uma pitada de pensar menos  
E enfim digo tudo o que sinto

continua...

continuação

Esse quarto é quase um confessionário  
Digo o que nem mesmo escrevi em diários  
Ou no rodapé do meu livro favorito  
Esse quarto é quase um confessionário  
Para assim achar algum atalho  
Aumentando o passo até nosso reencontro  
Perdoando o pecado  
De ter por um ano nos deixado de lado  
Não há tesouro ou bom salário  
Que valha mais que o seu abraço apertado  
Um desvio que até hoje pago caro  
Só preciso de um sinal  
E será o fim de todo mal  
A dúvida perfura e nasce novas feridas  
Não é hora de nossa história tomar outra trilha?  
Talvez em meio a incerteza da nossa dor  
Nasça um recomeço em forma de flor  
Não importa se você for além  
Saiba que com coragem vou também.

**André Vaz Tourinho**

## APENAS VOCÊ

Não tenho a intenção de lhe incomodar  
Mas desde a última vez não encontro paz  
    Simplesmente queria dizer oi ou olá  
E saber se você se lembra do lado de cá  
    Onde meus braços eram seu lar  
    E sua inocência a minha lareira  
Quando a queda de uma mera lágrima  
Era suficiente para bater em minha porta  
    Desculpe se não fui um herói  
    O qual você sonhava em suas utopias  
    Agia como aquele que destrói  
Aquilo que um dia era fonte de euforia  
    Então finalmente percebi  
    Mesmo após esse triste fim  
    Que apenas você (não sei porquê)  
    Para completar as falhas de meu ser  
Presente em cada queda nas minhas ruínas  
    Para assim viver as palmas da glória  
    Sei que você nunca estará sozinha  
    Seu talento é ser facilmente amada  
E o meu defeito é lembrar que agora  
Há outro felizardo no meu antigo lugar  
Respirando aquilo que seria o meu ar  
Tendo seu coração como único habit  
    Tantos planos jogados fora  
    E boas memórias dolorosas  
    Suaves e delicadas como cetim  
    Mas como eternas marcas em mim  
Lembranças de um grande risco tomado  
Imortalizado graciosamente no passado  
    Não via os erros como fracasso  
    Mas crescimento a cada passo  
Porém, você foi a única ressalva (desvio perfeito)  
Suficiente para destruir minha teoria (por completo).

André Vaz Tourinho

## UM DOURADO DIFERENTE

Queria saber se você já alguma vez nadou em algum raio.

Um raio de sol  
sei lá,  
às vezes me pego pensando  
enquanto nado no de chuva  
que é prateado:  
- Eu nunca nadei em um dourado.

Nem em uma praia:  
Me disseram uma vez que tem planetas  
em que se nada em mar  
em água  
aqui nem água existe  
elas são invisíveis  
só podem ser sentidas  
e mesmo assim  
só quando se usa óculos específicos  
cor-de-rosa  
(bem assim mesmo, espaçado e com hífen)  
que podemos ver as portas  
que ao abrí-las  
sai água  
um monte delas.

Pelo menos é o que dizem.

continua...

continuação

Eu nunca consegui sentir  
quer dizer,  
nunca tentei,  
preciso primeiro nadar nos raios;  
para então ser pincelada  
e ter pulsão  
para ir atrás da árvore  
amarela  
como a mulher que mora comigo  
que cuida dos óculos  
cor-de-rosa.

Queria saber se é verdade:  
se ao nadar no raio solar,  
o tempo ganha cor  
de vidro  
(que não é transparente)  
tipo janelas  
ganha-se visão  
horizonte  
um céu só seu  
reflexos  
fantasia  
calor  
e carinho.

Anônimo

## NÁUSEA

Já se passou o que?  
Seis? Sete meses?  
Parece muito mais,  
e muito menos.

Depende do instante..  
sabe como é né,  
com toda hora essa inconstância,  
bagunça, barulho.

É tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo  
que tudo-  
absolutamente tudo-  
para de fazer sentido:

“ah, mas é porque você não presta atenção!”  
Quem me dera.  
Percebo todo detalhe,  
cada piscada  
cada suspiro,  
cada arrepio.

E então acabo por não perceber nada.  
Nada.  
Sabe o que é isso?  
Nem eu,  
mas sei que não sei.

continuação

Sim, sim, é sim muito frustrante.  
Sim, sim, já tentei ir por outros caminhos.  
Sim, continua entupido.  
Sim, não sei. Não, não sei não. Talvez?

Por favor, pare com as perguntas,  
tudo o que eu sabia eu já não sei mais.  
Não, não está me ajudando.

Obrigada.

Tem dias mais lúcidos, sim,  
mas esses são os mais bizarros  
porque somem.  
É, as pessoas esquecem.  
Eu sempre esqueço o que já senti,  
doido né?

Tinha tanta certeza,  
como uma certeza dessa some assim?  
tão de repente,  
tão branca,

como nuvem  
que provém  
do reflexo do mar  
que é azul  
igual ao céu  
onde ficam as nuvens.

continua...



continuação

Às vezes esqueço que tudo,  
na verdade,  
não passa de um reflexo.  
que bate  
e volta  
ou não volta.

Não vejo que voltou  
(porque os reflexos também são invisíveis)

Sim, sempre volta.

É, o tempo passa  
desse jeito estranho  
todo esquisito,  
misterioso.

O tempo passa,  
pessoas são cansadas,  
e se perdem nele.

**Anônimo**

## CHÁ DA NOITE

Venho chorando sempre mais com o corpo do que com os olhos.

Mas hoje,  
hoje chorei com os olhos,  
é.

Daqueles dias que sua alma precisa transpirar,  
esvaziar um pouco  
se não, paramos de funcionar  
buga  
nada mais acontece.

Se está tudo gigante  
e gritando,  
nenhuma reação química  
tem energia suficiente  
para acontecer.  
(já que tudo tá tão sugado que ocupa todo o espaço)

Sim, suga e ocupa  
por isso a lágrima  
(por último)

não sei se você sabe,  
mas água  
simboliza a emoção.

Chorei.

continuação

Ainda há muito choro em mim  
mas tem um pouco mais de espaço agora  
espaço esse que é bom para entender  
para;  
quem sabe  
ver algo novo  
algo espaçoso  
que de alguma forma me puxe um pouco pra cima.

É necessário o espaço  
porque dele brota o entendimento  
da ausência  
da dor  
do medo  
do amor  
do branco  
- que não sente.

Ou não.  
Tem vezes que puxa e depois puxa de volta.  
Mas é  
nunca da pra saber  
  
só sei que chorei.

E que tem mais espaço  
tanto é que ponho em palavras  
(um pouco)  
do que tem nele.

Tem algo de além também,  
não do corpo  
ou dos olhos, das lágrimas.

continua...

continuação

Tá no ar,  
e por mais que esse é um texto sobre água  
e peixes  
tá no ar.

No meu pelo menos.

É tão intenso,  
tão sensível.

não é desse mundo.

(às vezes me pergunto se você também sente)

Um ar que pesa,  
daqueles que dificulta os gestos.

Eu sempre deito  
e acendo o vermelho das luzes

e então que choro com os olhos,  
com água  
que são as únicas que podem se mover  
abrindo o tal espaço  
tão compactado como já disse.

A água chia  
como se fosse fazer um chá.

**Anônimo**

Chave certa, fechadura errada  
Anna tinha uma trava  
Cara certo momento errado,  
Anna tinha se decepcionado.  
O quarto é escuro  
Tem um cantinho pra chorar  
Mas la fora faz frio,  
Então vá se agasalhar  
Um passo para frente e dois para traz,  
Mas da porta para fora ela não sai  
Volta pra cama e chora outra vez  
Anna o que foi que você fez?  
É mais seguro em casa  
Sem falar com ninguém?  
Seu medo, afinal, é ficar sozinha  
Ou é estar com alguém?  
No quarto ela permanece  
Sozinha e acuada  
Anna medrosa  
Anna assustada.  
A chave era a certa  
Mas a fechadura a errada  
Anna tinha o que mesmo?  
Ah é...  
Uma trava

**Aquiles Rodrigues**

Não há justiça em uma guerra  
Não há ganhos com a dor  
Não há conquistas se destroem a terra  
E se há mortes, não há vencedor.  
Cada criança vitimada  
É uma esperança perdida  
Cada família separada  
Uma triste despedida.  
Todo mundo é suspeito  
Todo mundo é atacado  
Todo mundo está sujeito  
A ser o próximo alvo errado.  
A miséria é o resultado  
Do egoísmo construído  
O sofrimento encontrado  
Mostra um mundo corrompido.  
Querem encontrar a alegria  
Que pela guerra foi roubada  
Querem viver em harmonia  
E não na paz armada.

**Ariane Freire**

Menina,  
Não tenha medo de andar sozinha  
Sei que a rua é perigosa  
Mas não espere uma companhia.  
Não espere que te levem para todos os lados  
Nem deixe de sair quando não achar uma amiga  
Teu caminho é apenas seu  
E mesmo com medo, prossiga.  
Vai e corre pelos teus sonhos  
É clichê, mas segue teu coração  
Não desista quando questionarem suas escolhas  
Pois é você, quem sabe a razão.

Menina,  
Não tenha medo de estar distante  
Esteja perto de ti, mesmo em novos caminhos  
Sair das estatísticas é uma batalha constante  
Mas você é um universo inteiro,  
Não apenas um pedacinho.

**Ariane Freire**

Eu dormia e acordava  
Entre tiroteios e bombas  
Eu dormia, não sonhava.  
Eram pesadelos e sombras.  
Nosso campo era minado  
Eu não saía e nem vivia  
Podia morrer em um atentado  
Ou sobreviver por mais um dia.  
Nossa vida era a guerra  
Nasci e cresci nesse conflito  
Nossa história está na terra  
Manchada pelo sangue maldito.  
Pela manhã eu lavava meu rosto  
Com as lágrimas que caíam  
Pela manhã eu limpava a calçada  
Com a dor dos que morriam.  
Não era apenas o meu sangue  
Mas do inocente, do ladrão e do rabino  
Não eram apenas meus medos.  
Mas de todos os meninos.  
Um minuto de silêncio  
Pelos que estão na memória.  
Meu último suspiro,  
Também estou indo embora

Ariane Freire



## A ESPERANÇA

Silêncio nas brumas da indiferença,  
Sem um rosto familiar  
As pessoas não buscam mais se conectar.  
Entramos neste amorfismo de relações,  
Onde ninguém se estende ao outro  
Por não se verem refletidos nas águas rápidas  
Das possíveis conexões.  
Tudo é imediato;  
Tanto começos quanto fins.  
Preferimos então nos fechar,  
Para que plantar uma semente  
Se logo depois irá secar?  
Tornamo-nos aquilo que nunca acreditamos que podíamos  
Almas céticas por vivência,  
Mas endeusando tudo o que nos tirar da insônia  
sem a necessidade do pensar,  
Apenas ofuscando os sentidos e iludindo a nossa essência.  
Onde você está?  
Onde realmente está?  
Provável que em algum lugar distante,  
Sem dar-se conta da luz que  
Todo dia vem banhar a janela do seu olhar  
Tentando mostrar que o brilho não está vindo de fora  
E sim de você.  
Já é tarde. Tarde demais?  
O sino toca,  
Mas ninguém está a escutar  
Como pode estar a ressoar se não há ninguém lá?  
Esta será uma questão que terei que dormir para me aprofundar  
E, amanhã, talvez,  
Te contarei, se caso queira me encontrar.

Bárbara Lucatto

## SENTIMENTO SEM NOME

Um dos meus olhos deixa uma lágrima pronta no canto para emergência de emoções. No caso grave de tédio ou indiferença invadirem a vida, a lágrima elegantemente se recolhe, sugada como o leite da mãe pela recém-nascida faminta. De uma forma, ou de outra, a gente aprende, mas prefiro que fique minha lágrima de canto à disposição de amar.

Beatriz Di Giorgi

O que fazer com as manchas de sangue?

Algumas mais fáceis na roupa, do corpo, da cama, dá para tirar com água oxigenada. Algumas mais difíceis se vão com esguicho. Ainda assim é preciso perguntar mil vezes o que fazer com as manchas de sangue, as poças de sangue jorrado em vão, por mera afirmação de força que formam enormes rios poluídos.

Ainda assim a gente gasta sem sucesso tanta energia para esquecer, para não enxergar, o vermelho refletido dentro de nós, que é roxo, que é marrom, que é preto que a gente faz invisível, como é a dor que nasce da porrada violenta do tiro de atos impensados.

A flor cor de sangue enfeita o vaso da sala como uma rainha que apenas avisa que a cor da dor e do amor está enfiada no mesmo recipiente, no seu continente, no nosso.

Eu sei bem que, absurdo que seja, sangue é essência de nascer.

Beatriz Di Giorgi

Chove chuva!

Quando chuva é miragem.  
Quando o deserto oprime.  
Lembro da chuva ideal  
A chuva de criança tomar enquanto dança.  
A chuva lava o limpo e o sujo.  
A chuva é lava do vulcão de cima.  
Na seca a chuva é bonança.  
Na cheia a chuva é tempestade.  
A chuva é linda e quando falta causa saudade  
da fertilidade.

Beatriz Di Giorgi

## Retrato imaginário

Bem que podia ter fotografado.  
Aventei fotografar.  
Em plena calçada próximo ao largo da  
batata  
Tinha uma casa miúda, uma morada  
de rua  
Bem arquitetada com material  
reciclável  
E harmonia nas linhas na minúscula  
morada  
Decorada com um enorme relógio de  
pilha parado  
A marcar eternamente vinte para as  
quatro.  
Não fiz o retrato, pois que vi o retrato  
em si.

Beatriz Di Giorgi

### A vida de Beatriz Di Giorgi

A vida é uma prova  
de resistência física, emocional e  
espiritual,  
Um teste de múltipla escolha  
E perderam o gabarito.

Beatriz Di Giorgi

## Idealismo

Meu problema é que tenho ideias demais. De tudo faço ideia. E tenho ideia que a maioria das ideias não dou conta de realizar. Ainda assim mergulho alegremente na torrente de ideias que estão sempre a me atropelar. Esta é a minha ideia de viver. Caso contrário estou afogada.

Beatriz Di Giorgi

Tanta gente que segue caminhando  
Sorrindo, cantando..  
Com a cabeça erguida Sem demonstrar que estão enfrentando  
Todos os problemas da vida...  
Toda dor, dói Toda barreira, cansa  
Toda saudade, destrói  
E tudo depois se amansa.  
Seria narcisismo, então  
Considerar por um instante  
O meu problema algo assim tão unicamente fulminante?  
Em um mundo em que todos sofrem  
Um momento de alegria seria  
Sorte?

**Beatriz Torres**



## UM TOQUE DE AZUL

Sentir encharcar a alma  
Mergulhar de norte a sul Na imensidão perene da calma  
Em costas quentes ou frias  
Nunca sentir vazia  
Transbordar maré cheia  
Cantar, sorrir, viver sereia  
Ah, morada da lua cheia  
Que lindo é te ter em meu olhar  
Que doce melodia põe-se a tocar  
E se eu fechar os olhos  
Vens me encontrar?

**Beatriz Torres**



**Se queres caminhar ao lado de outra alma  
Lembre que é preciso ir com calma  
Cada ser é um misterio diferente  
Uma historia, um passado e um presente**

**Se nem eu me conheço totalmente  
Nao tente entender minha mente  
Se um dia tudo é ardente  
No outro é frio e incoerente**

**Ah, se soubesse como gosto da gente...**

**Mas de tanto querer cuidar  
Acabamos por nos afastar  
Parece que tudo se perdeu  
E pra longe você se meteu**

**Dentro de mim nada mudou  
Parece que o sentimento só aumentou  
Te procuro a cada olhar  
Como queria poder te abraçar  
Mas logo preciso acordar  
Foi só a saudade que ficou....**

## PERCEPÇÕES ACERCA DE UM DEPOIMENTO PÚBLICO

Olhar fito no nada,  
Frente à multidão atenta,  
De repente uma lágrima.  
    Calafrio no corpo,  
    Na garganta um nó,  
    Tudo, parece sentir.  
Sentimento profundo,  
Que não precisava doer,  
Mas dói em quem sente.  
Sente por ser migrante,  
    Sente por ser negra,  
    Sente por ser mulher.

**Bernadete Marcelino**

## HISTÓRIA DE TERROR

Um ar fácil de respirar.  
Uma verdade difícil de engolir.  
Dias a fio tentando encontrar  
O homem que se esconde atrás da porta.  
Quando abro, ele não está.  
Ao fechar, ouço seu suspiro.  
Sinto seus olhos me seguindo.  
Dias a fio tentando encontrar  
O homem que se esconde atrás da porta.  
Me acompanha por toda a casa.  
Me escondo no banheiro,  
ele sobe pela escada.  
Dias a fio tentando encontrar  
O homem que se esconde atrás da porta.  
Um dia o homem apareceu em minha sala.  
Não mais se escondeu.  
Abri a porta.  
O homem sempre fui eu.

**Bruno Grandchamp Rodilha**

## MINOS

E mesmo vendo a fumaça,  
que passa pelos meus lábios  
enquanto falo,  
não perco o fio que conduz meu caminho.  
Sobre as pegadas que sigo,  
minto se digo que nunca estive sozinho,  
ou que nunca quis estar  
fora do labirinto que construí  
com meu linguajar.  
Mas no fim, é onde vivo e onde devo ficar.

Bruno Grandchamp Rodilha

## ACEROLA NO QUINTAL

Às vezes dá acerola  
às vezes dá Carambola  
mas muitas vezes  
dá limão

às vezes dá manga  
às vezes dá Amora  
mas sempre-sempre  
tem limão

às vezes dá banana  
banana da terra  
mas limão  
não falta não  
tem até caqui  
nesse lugar aqui  
Mas limão,  
não esquece  
É o que sempre permanece!

Carol Mirabella Belloque

## **SÃO PAULO TEM MUITA GENTE FELIZ**

Muito sonho realizado  
Muita casa bonita  
Muito futuro planejado  
São Paulo tem apartamentos aconchegantes  
E baladas alucinantes  
Tem cultura em cada esquina  
E muita criança traquina  
São Paulo tem muito trânsito  
São Paulo é muito difícil  
Tem fome e violência  
Mas tem esperança e inocência  
São Paulo, metrópole de luz  
Dentre tantas, a preferida  
São Paulo, São Paulo  
Minha cidade querida  
Tanto sobre São Paulo  
Que não cabe num poema  
Dizer, sentir, viver, cantar  
Sao Paulo: tantas formas de amar

**Carol Mirabella Belloque**

## A SUA HOSPITALIDADE

Se num alvorecer nevoento  
O ar do quarto estiver sufocativo  
Roupas jogadas no chão poeirento  
E o amor for um paliativo  
Se nossa dança for algo sem nexo  
Bela e frágil como porcelana  
Se o quarto cheirar cigarro e sexo  
Abramos uma fresta na veneziana  
Deixemos o rasgo do dia invadir  
Sintamos, prodigamente, a nostalgia  
Ao vermos escorrendo a noite partir  
E a atmosfera quente ficar fria  
Se de manhã eu for um estrangeiro  
De quem você não entende a linguagem  
Que passou pelo seu corpo como um romeiro  
Em busca do que é somente miragem  
Eu serei sempre um grato andarilho  
A quem deste alimento e amor  
Que volta a sua terra pelo mesmo trilho  
Quando chega o outono e finda o calor!

Carolina Rieger Schiavon



## HOMO SAPIENS VOLENTES

Voa o pássaro  
Eu o observo  
Sinto um desejo súbito de voar  
De ser pássaro um momento  
Acaso sabe o pássaro que está voando?  
Acaso sabe o pássaro que é pássaro?  
De que adiantaria ser pássaro  
Se eu não soubesse que sou?  
E se soubesse que sou pássaro  
E que voei? Então?  
Então observaria os peixes no mar  
E desejaria nadar como eles  
E uma vez tornada peixe  
Do fundo do mar  
Observaria os raios do Sol  
Rasgando os mistérios das águas  
E alimentando as árvores firmes no solo  
E desejaria ter no Sol meu alimento  
E sorver da terra  
A seiva da minha vida...  
E uma vez tornada árvore  
Ficaria entediada  
Na fixidez perene  
E veria os homens a caminhar  
E desejaria ter liberdade  
Para me mover por todo mundo  
Então, tornar-me-ia outra vez mulher...  
E tudo se passaria assim, sempre?  
Desejaria sempre o que não sou?  
A não ser que...  
Eu não soubesse que sou  
E apenas fosse!

Carolina Rieger Schiavon

## **APOCALIPSE**

É chegada a véspera  
Do juízo final  
Nos ventos os presságios da hecatombe  
Espera e reza!  
Não fuja, não tombe  
A cada um será dada a parte que lhe cabe  
Numa partilha das coisas estabelecida  
aquém e além de cada um de nós...  
Ovelhas, resignem-se!  
Este dia repetir-se-á todos os meses  
Por cinquenta anos de suas vidas  
E de modo invariável  
Será herdado por vocês  
Será o legado de vocês  
Porque ao proletário resignado  
O juízo chega no quinto dia útil de cada mês.

**Carolina Rieger Schiavon**

## PRIMEIRO DIA DE INVERNO

Cães e mendigos dividem a calçada  
Vasculham o lixo na caçada  
Em busca de migalhas  
Vísceras vazadas a navalhas  
Primeiro dia de inverno  
O vento é um general de ferro  
Não se comove com choro ou berro  
Rajadas rasgam qual espadas  
Sangue no gosto e no cheiro das geadas  
É o primeiro dia de inverno  
Aliado inocente dos imperadores  
Das parasitas tornadas senhores  
Ele olha no fundo do olho  
Vai ceifar até o restolho  
É o primeiro dia de inverno...  
Veio varrer os becos do mundo  
Os miseráveis, os moribundos  
Aquele desnutrido ou o doente  
Como os poderosos, ele é inclemente  
É o primeiro dia de inverno  
E nos barracos, pelas frestas,  
Pelas ruas cinzas e infestas  
Pela fome e pela penúria  
Ele avança com mais fúria...  
É o primeiro dia de inverno  
E ele fez aliança com a liderança...  
É o primeiro dia de inverno  
E apenas mais um de matança....

Carolina Rieger Schiavon

## **NOBRES RAZÕES**

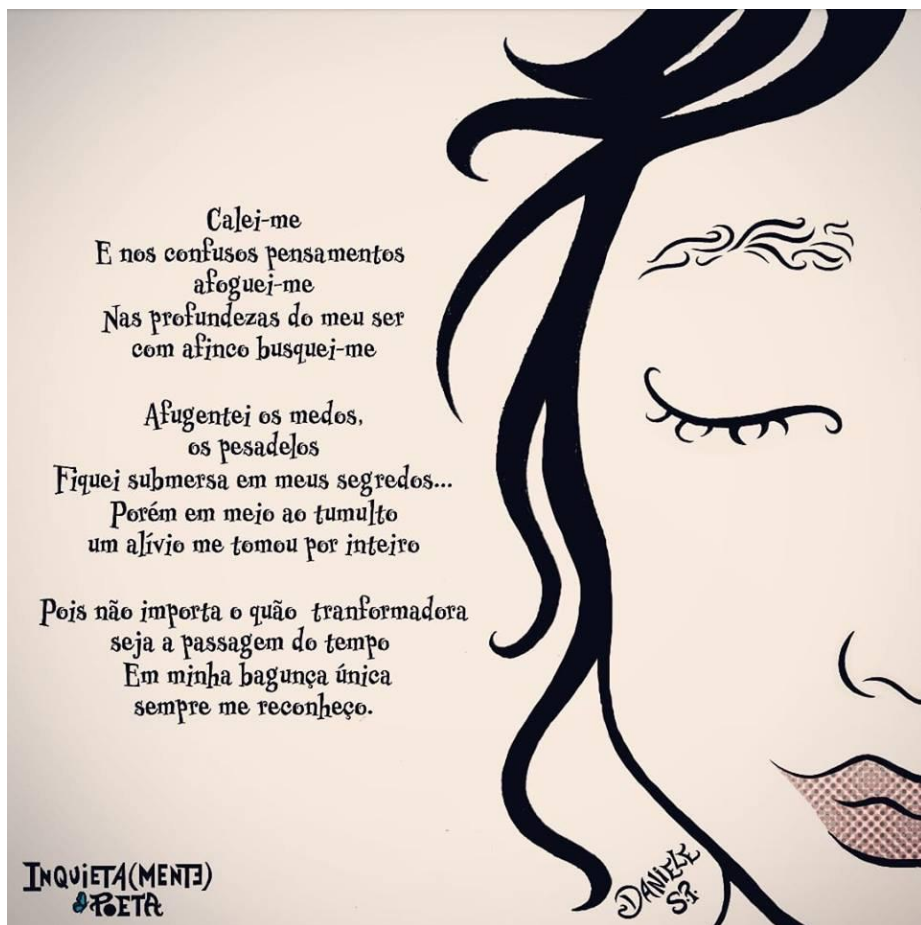
Nobres entediados queriam especiarias  
Ansiavam  
Quem diria?  
A história escrita pelo estômago.

**Carolina Rieger Schiavon**

continuação

Querer a todo momento estar com você!  
Eu sei que eu posso viver sem você, mas não quero  
Eu sei que eu posso ver você com outra  
pessoa, por mais doloroso que seja  
Eu sei que eu posso te ouvir dizer que ama  
ou que quer estar com outra pessoa  
Eu sei que a única coisa que eu não aguentaria,  
seria você me tirar da sua vida!  
Você é o verdadeiro significado da amizade  
Você é o verdadeiro significado da paixão  
Você é o verdadeiro significado do amor  
Você o verdadeiro significado de alma gêmea  
Então, eu desejo que você me veja  
Eu desejo que você me note  
Eu desejo que você participe da minha vida  
Eu desejo que você sinta tudo isso que eu sinto em relação a você  
Mesmo não sendo atendido meus desejos, eu sou grata!  
Sou grata por estar passando por todas essas sensações  
Sou grata por ver que a razão e a emoção andam separadas  
Sou grata por ter conhecido você, ou por ter me conhecido!

**Daiane Regina Ribeiro Sanches**



Daniele Serafim Pereira

## O SEGREDO

Não se esqueça  
Você é polissemia, você é antítese, você é poesia  
    Você é fluxo, você é abrangente energia  
        Forma, traço, compasso  
    Você é mais um, parte do todo, um pedaço  
Por mais que às vezes se sinta sozinho, deslocado  
    Feito matéria perdida no espaço  
Você é o que é, de sua própria história o sujeito  
    Você é o corpo no qual está preso  
        As veias e artérias, a estrutura  
        Essa essência que é toda sua  
        Esse ar que inspira e expira  
        Esse coração de intensa batida  
    Você é o enigma, a vida...  
    Está em nós, não percebe?  
Guardamos o segredo que tanto nos instiga.

Daniele Serafim Pereira - Inquieta(Mente) Poeta

## **ESSÊNCIA**

Dentro de uma casca da qual não entendo nada  
Presa a esta carapaça, sem saber o que nela se passa  
Sem ver por fora ou por dentro  
Ela condiz com o que sou ou com o que penso?  
Grande mistério da vida  
Intriga o que desconheço.

**Daniele Serafim Pereira - Inquieta(Mente) Poeta**



## SOMOS LIVRES?

As jaulas existem  
Apenas não estão visíveis  
Nossas almas não são livres  
Em uma sociedade que com naturalidade poda asas  
E veladamente reprime...  
Sonhos sequer se tornam metas  
E os “deslocados” que não se adaptam ao jogo, às regras  
Contaminam-se pela sensação de incapacidade  
Sentem o peso da “incompatibilidade”  
Ah, irônico destino de uma modernidade  
que é repleta de praticidades  
Mas ganham espaço enfermidades  
E predomina o sentimento de ansiedade  
Pudera, o ritmo é insano!  
Ser humano mal tem tempo de SER humano...  
Inquietante realidade em que é privilégio a liberdade  
E a essência, de tão rica diversidade, com seus variados formatos  
É obrigada a adaptar-se ao padrão, ao quadrado  
Falta encaixe, algo está errado...  
Não lamente sua visão diferente  
Não se desespere se frequentemente sente que tudo está ao contrário  
Tenha em mente que às vezes o autêntico pode ser revolucionário.

Daniele Serafim Pereira - Inquieta(Mente) Poeta

## **APENAS VOE**

A casca já está toda rachada  
E aos poucos se liberta a pensativa lagarta  
Das paredes que ela mesma criou  
Dos resquícios que outrora deixou  
Insegurança até sobra  
O medo muito a paralisou...  
Mas se a vida lhe deu um par de asas  
Por que teima em não usar?  
Ela vai sair do casulo  
Ela vai sim voar

Daniele Serafim Pereira - Inquieta(Mente) Poeta

## “MISOGUNO” DOS “MISOGUNOS” \*

“Acharam-me [...], espancaram-me, feriram-me,  
tiraram-me o véu [...].”

Que ele me respeite com o respeito que sente pelos homens, porque  
como humana também tenho direitos e isso é melhor  
do que as flores e os vinhos que me presenteias.

Sou assim como sou, ó minhas irmãs, sou apazível do jeito que sou  
e não justificareis minhas características físicas, porque minha beleza  
é como os montes e as montanhas.

A minha beleza não anula a tua, ó minha Amiga, pois tú és formosa  
a tua maneira, eis que és formosa! Os teus olhos insinuam a beleza  
da tua alma, porque mulher não és somente corpo,  
eis que também és alma, ó minha irmã.

Eu sou o lírio do vale e que ele entenda que ele  
não pode ser os espinhos.

Esta é a voz de uma mulher, de várias mulheres, que são o que são,  
que são o que querem ser, que são o que dá para ser,  
que não nasceram mulheres, mas se tornaram.

\*o que odeia as mulheres

Baseado em o Cântico dos Cânticos (Shir Hashirim)

Desirée G. Puosso

Ave Maria da Silva  
Cheia de graças e poesias  
A Senhora é da cor do ébano  
A calidez da tua pele nos alegra  
E abençoados são nossos dias convosco  
Bendita sois vós  
Por tudo o que batalhas neste mundo  
E bendito é o fruto  
Do vosso ventre, que não fez vosso filho sozinha,  
mas o criou e educou sozinha  
Doce Maria da Silva  
Minha...  
Maria!  
Rogai por nós  
As tuas filhas  
Agora e nas horas  
Em que sofremos com a desigualdade, amém.

**Desirée G. Puosso**

Na madrugada os pensamentos vem à mente,  
te espreitando tal qual serpente, para descobrir o que se sente,  
só o que se vê dentro da gente.  
Sexta-feira é quando um corpo ao outro se mistura  
Sem pudor, sem medo, sem vergonha, sem censura.

**Diógenes Sousa**

Chorava eu de saudade  
Da pessoa que não queriam que eu fosse  
Justo eu, tão simples, tão sonhadora, tão apaixonada pela vida  
Cíclicas então foram as diversas crises para resgatar a força  
que habitava meus sonhos  
E enfim entrei em atividade e expeli todos  
os meus desejos em forma de lava  
De paixão em paixão fui marcando territórios com pernas,  
seios, língua, braços e emoção  
Corri milhas  
Me abri para o mundo  
Aprendi todas as línguas  
Sorri com o simples  
Amei os abandonados  
Me compadeci dos desalmados compreendendo que são  
infelizes, pobres coitados, por não terem motivos para  
chorarem de saudades de algo bom que lhes pertença.

**Edilaine Correa**

## **FEZ ECONOMIA A VIDA TODA!**

Economizou dinheiro para sobreviver  
Tempo para estar disponível para todos  
Alegrias para poupar conflitos  
Oportunidades em nome dos outros  
Amores para não desobedecer  
Prazeres para não ser mal interpretada  
Auto estima para não despertar em si  
a sede absurda de liberdade.

Economizou todos os “nãos” que desejava falar, sonhos,  
audácia e gozos para deixar pedaços de si esquarterados  
pelo pequeno mundo onde lhe foi permitido circular.

Agora dorme no nunca  
Esquecida de si  
Perdida em pesadelos

Deprimida porque pensa que já não lhe resta tempo para esbanjar,  
loucamente sem juízo, a energia que a vida tanto  
lhe ofereceu, represada e incapaz de romper o dique.  
Só lhe resta agora ser economizada a Lembrança  
de ter sido alguém na vida.

**Edilaine Correa**

Mulheres da terra ou que atravessaram mares,  
mulheres que gritaram a dor do parto,  
mas nunca levantaram a voz contra a servidão.

Mulheres que foram fortes e suportaram as agruras da vida  
em sertões sem luz, sem água, sem conforto, sem compreensão.  
Mulheres que quaravam suas roupas, se levantavam ainda no escuro  
para preparar alimento para os reconhecidos como provedores da  
família ou o valorizado varão.

Mulheres que se anularam, que não deixaram outros registros a não  
ser o que me corre nas veias, o que define o contorno de meu rosto,  
o que dá cor e forma aos meus cabelos.

Sou uma dessas mulheres entre tantas outras que sequer  
conheço, mas que buscam libertação.

Cada geração: uma conquista e várias renúncias.

Cada geração a dor e a delícia de respirar  
um pouco mais livre dos grilhões do juízo dos outros.

Sou apenas parte dessas mulheres que escreveram a história,  
conquistaram quietas e pacientes o que são hoje.

Sou cabocla velha, sou índia, sou mineira, alemã, espanhola,  
sou estrangeira para mim mesma.

Olho o fogo, acredito em benzedura, acredito em intuição.

Fui lavadeira e tenho cheiro de sabão com anil.

Sou fogão à lenha, sou tapera, sou farinha e sangria,  
tripas e chouriço, sou chimarrão.

**Edilaine Correa**



## A VOLTA

Sempre volta a saudade,  
fitando o olhar dos avós em um retrato amarelo,  
aspirando o cheiro embolorado do baú de roupas velho,  
encharcando casas de barro,  
oferecendo rosas às avós cobertas pelo orvalho.

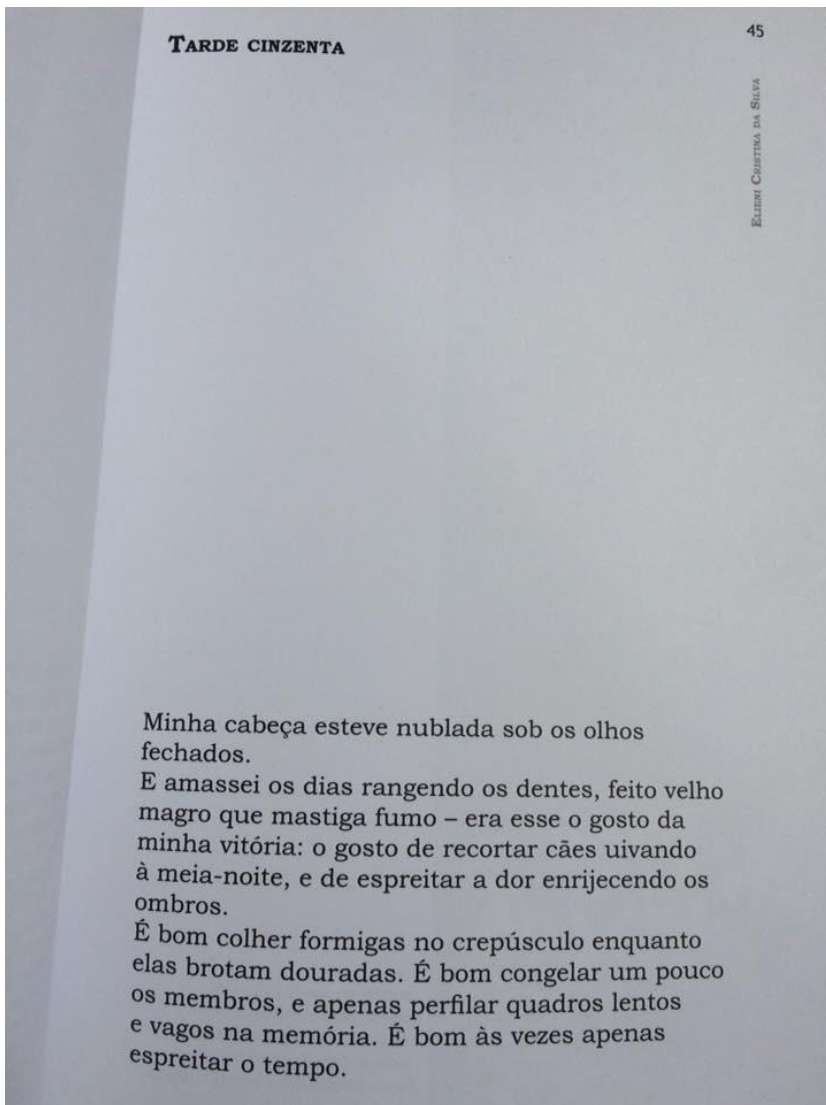
Sempre volta a saudade,  
vestindo colares de pérolas mortas,  
comendo doces em compota,  
abrindo os livros despedaçados,  
remendando os bibelôs quebrados.

Sempre volta a saudade,  
fritando em gordura antiga  
as receitas dos antepassados,  
esquentando o sabão no tacho  
e o feijão na panela de barro.

Sempre volta a saudade  
na primeira imagem do altar materno,  
aliviando a dor das primeiras feridas  
com seu sorriso terno.

Elieni Caputo

Publicado na Antologia Poética da Universidade do Vale do Paraíba  
(São José dos Campos, Univap, 2011)  
Também publicado no livro *Casa de barro*  
(São Paulo, Editora Patuá, 2018)



Elieni Caputo

Coletânea de Poemas da Biblioteca Popular de Afogados (Recife, 2010)  
Também publicado em *Casa de Barro* (São Paulo, Patuá, 2018).

## Ciranda

Nas brincadeiras de roda, eu me recordo, o giro pairava sobre o chão – disso não falta verossimilhança: alguém daquela época, me diga, não pairou junto com a roda?

Tudo isso era a vida muito jovem (o jovem rebento ainda afinilado no ventre-roda) – a roda condensava os corpos – girava, girava, de mãos dadas, e, em grude, tudo se compactava – em novo ventre, tudo agora voava.

Quando se cresce assim, com esses ritos que celebram a pequenez aglutinada em rodas compactas, a gente cresce bem. Não é duro crescer assim, com ritos.

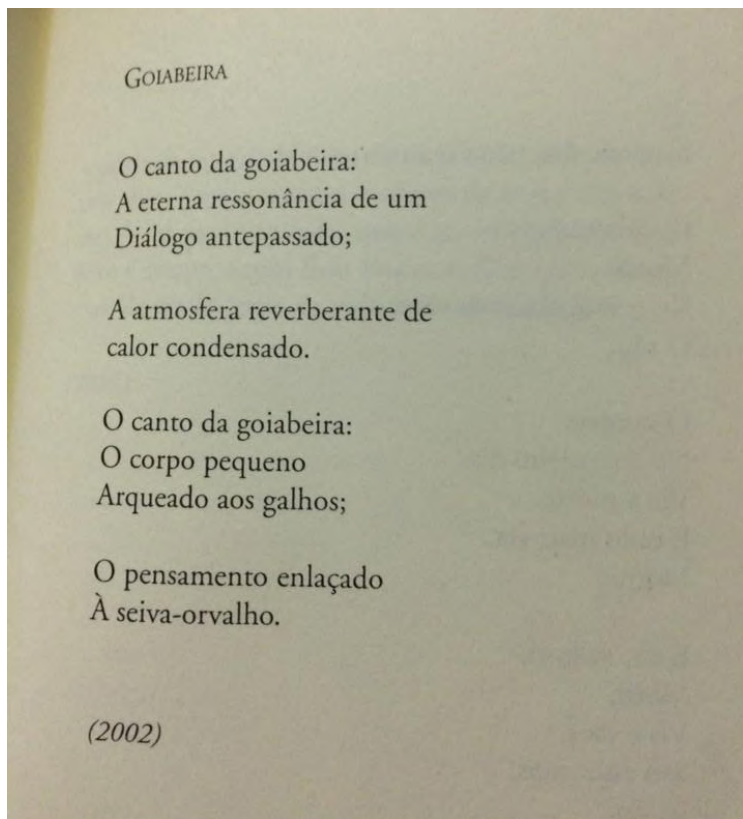
O sonho também trata de cuidar do crescimento: Ele prepara para o voo, que é o salto para o novo tamanho. No sonho também há os abismos que sugam a enorme altura de agora para a pequenez de outrora.

Quando cresci, e ainda me faltava crescer, era de todo feliz. Mas nada veio depois d'eu crescer de todo. Nada, e estou afoita por o que haverá na velhice, seja encolhido, esticado ou de todo novidade.

328

## Elieni Caputo

Poema premiado no sexto concurso poético do Cancioneiro Infanto-Juvenil para a Língua Portuguesa, publicado na coletânea *Amo de Ti* (Lisboa, Instituto Piaget, 2010). Também publicado em *Casa de barro* (São Paulo, Patuá, 2018).



Elieni Caputo

Publicado em *Poema em pó*, em homenagem a Bento Prado Júnior  
(Rio de Janeiro, 7Letras, 2006).

16<sup>ª</sup> lugar – Categoria Poesia

## Biografia

Antes ele era  
 como flor pelo caminho  
 Era menino  
 Era sabido e vivo  
 Era seiva e erva  
 Era da substância da terra  
 Pássaro saído do ninho  
 Broto franzino  
 que mais tarde virou árvore  
 que mais tarde criou espinhos

Homem protegido  
 dos ataques desferidos  
 por quem esperava carinho  
 Dor e desilusão  
 cresceram em seu coração

Homem endurecido  
 pelas quedas  
 pelos vícios  
 pelas pedras  
 no caminho

Pequenas mortes  
 deixaram-no só meio vivo.

Mas dizem que a poda  
 é o que renova  
 e faz o broto mais bonito

Então um dia  
 ele ressurgiu das cinzas  
 com novo viço  
 trazendo o encanto do dia  
 e o ensinamento  
 de que o sofrimento  
 é o que transforma a vida  
 em biografia.

Eleni Caputo

Antologia Prêmio VIP de Literatura  
 (Maringá, A. R. Publisher Editora, 2016).

## DESPEDIDA

Em seu último dia na cadeira de balanço, ela deixou seu lenço branco cair e, ao tateá-lo, viu nele refletidas suas lembranças ~ algumas tinham textura e arranhavam a pele fina dos dedos; algumas não tinham sido enterradas e afiavam suas garras perto do leito morno do coração.

O balanço da cadeira outrora suave, agora imerso nas imagens, trazia a vertigem da primeira vez em que fora lançada aos céus, em um balanço de borracha feito pelo pai.

Agora ela ensaiava novamente o voo, e tornava-se leve como a pluma dos primeiros pássaros que acompanharam o despertar de seus dias.

Agora ela ouvia o som desses pássaros e o da reza das avós e tias que a carregaram no colo, balançando-a bem alto ou embalando-a nos braços emplumados durante o sono.

Agora ela dormia novamente, flutuando entre os sonhos mornos e macios desta noite derradeira em que fechou os olhos e partiu.

Elieni Caputo

## **DESTINO**

Não escrevo carta  
Nem diário.  
É mudo,  
Sem moldura  
Meu passo ~  
Leve e bailarino.  
Todo meu dia é de morte.  
Como sombra volátil,  
Meu passado.

**Eleni Caputo**

## **VIDA**

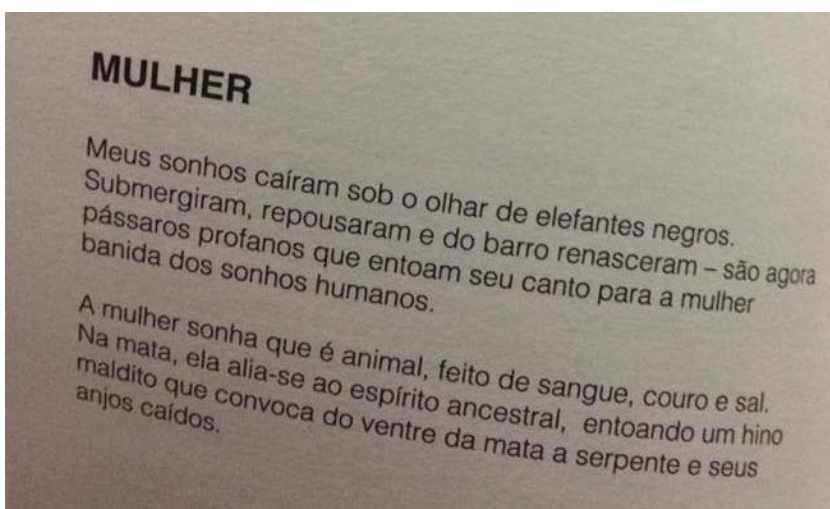
Quando a vida é pequena, ela ensaia para crescer: cai do ventre e do colo, sobe nos ombros do pai e no solo, em cadeiras e mesas, voando no balanço à sombra da goiabeira ~ escala essa árvore e a mangueira, tirando de seus frutos carne e fortaleza. A vida ensaia do algo seu futuro tamanho, que será sem galhos ou ombros amparando, em um crescimento que é sempre trêmulo e bambo, cheio de tombos e queda nos sonhos. O crescimento cessa em um dia que nos é estranho, à revelia daquela porção da vida que continua se esticando, mesmo quando velha e fraquejando.

**Elieni Caputo**



Minha dor se esconde.  
Invejo o enfermo  
Que escancara a fonte.  
Minha dor é transeunte  
Sem pegada,  
Sem vislumbre.  
Minha dor não cria encantamento.  
Lança uma ou outra estátua  
Do altar  
Ao vento.

**Elieni Caputo**



Elieni Caputo

Publicado em *Casa de barro* (São Paulo, Patuá, 2018)

O gavião é a ave  
Que agarra a  
Árvore.

No crepúsculo, doura – broto da planta loura –

Louça –  
Quebra a vista e avoa.

(2004)

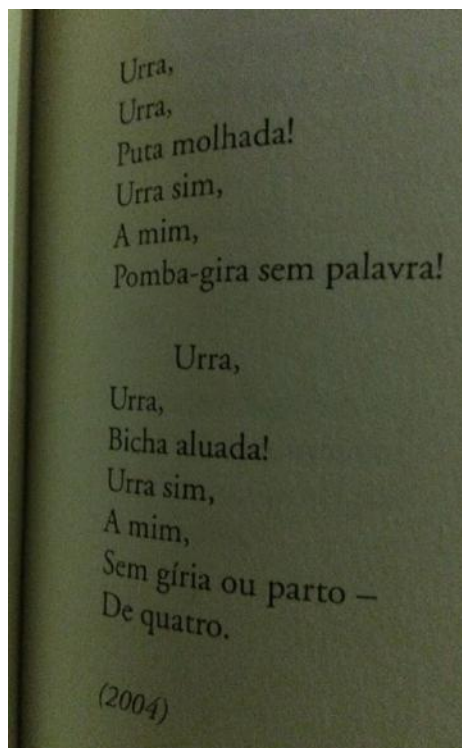
Elieni Caputo

Publicado em *Poema em pó* (Rio de Janeiro, 7Letras, 2006).

Hoje o dia caiu sem esperança.  
A estrela dormiu;  
Bebeu  
Minha lágrima  
Chorosa  
E diamante.  
Ei-la orvalhando a mão  
Que a língua lambe.

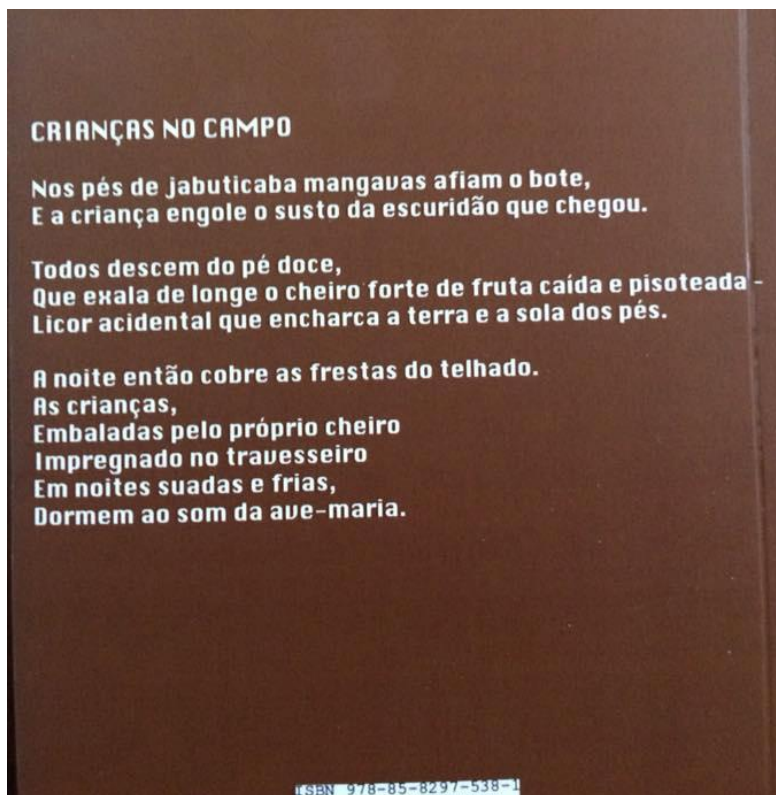
Elieni Caputo

Publicado em *Poema em pó* (Rio de Janeiro, 7Letras, 2006).



Elieni Caputo

Publicado em *Poema em pó* (Rio de Janeiro, 7Letras, 2006).



Elieni Caputo

Quarta capa do livro *Casa de barro* (São Paulo, Patuá, 2018)  
Premiado no V CLIPP – Concurso Literário de Presidente Prudente,  
em 2011.

Pra quem protege a dívida  
Pra quem promete a dádiva  
Eu projeto a dívida  
Do projeto de vida

**Gabriel Maia**

O mundo me usa  
Apesar da recusa  
Em tornar-me inútil  
Meu único uso  
Desmascarar o abuso  
O coma fútil  
Descobrir o fuso  
Em que a alma não dorme  
Para que a forma  
Não se conforme  
Mas acuso  
Não só o mundo  
Eu me uso!  
E recuso  
Esse abuso  
Inútil

**Gabriel Maia**



Procure sentir dor na vida  
Procure sentido na vida  
Procure sem ter dó  
Procure sentir dó  
Procure sem ter  
Procure sentir  
Procure-se  
Cure-se  
Cure

**Gabriel Maia**

Por que só com tato?  
Por que não o fato?  
Ou vir ao fato  
Ao sabor do ver?  
Olhar  
Causa de visão  
Ilha do olho  
Olhar da cor, por idade  
Do corpo vil  
Imagem de visão  
Olho no olho  
Margem, divisão  
Olho por olho  
Compele o tato  
Como ouvir ouvido  
Como ver o vidro  
Na raiz do fato  
Comover a vida  
Para dar ao gosto  
Sem pele  
Sem tato  
Com trato  
Contra ato

**Gabriel Maia**

Eu queria ser livre, não ter nem passado  
Voar e esquecer que existe outro lado  
Queria ter o tempo todo pra mim  
Queria conseguir dizer sempre sim  
Queria descobrir que não existe nada  
Que tudo não passa de uma linda estrada  
E que não hovesse um caminho a seguir  
Mas que eu pudesse simplesmente ir  
Queria ver a dor como uma saída  
E sorrir a tudo que lembrasse a vida  
Sentir o gosto de cada ferida  
Como a felicidade a ser digerida  
Olhar do céu como é a terra  
Estar na terra sem olhar pro céu  
Saborear os frutos que me caem no colo  
E não lamentar os que tocam o solo  
Eu queria chorar ao te ouvir cantar  
Eu queria cantar ao te ouvir chorar  
Caminhar, caminhar, caminhar, caminhar  
Sonhar, sonhar, sonhar, sonhar  
Eu queria ter as mãos bem abertas  
Deixar escapar as coisas mais certas  
Queria abrir também meu coração  
E poder abraçá-lo como a um irmão  
Eu queria amar sem perceber  
E me deixar somente ser  
Fechar os olhos e receber  
Um beijo seu e me perder  
Sem perder, eu me perder  
Sempre, sem perder  
Sempre, me perder  
Somente ser  
Eu queria não querer

**Gabriel Maia**

## O DELÍRIO MAIS HUMANO

Às vezes eu sinto  
que o mundo inteiro  
foi feito pra mim.  
Como se  
cada gotícula de orvalho  
e cada canto de pássaro  
e o coaxar dos sapos  
Me fosse um presente.  
Às vezes eu sinto  
que o mundo inteiro  
foi feito sobre mim.  
Todo olhar que machuca  
todo cinismo que zomba  
todo vento que corta:  
O peso da Terra nas costas.  
E às vezes sinto  
que fui costurada  
junto ao mundo,  
como se eu e ele  
fôssemos irmãos  
que se pertencem.  
E eu sou cada sorriso  
cada beijo  
cada flor  
Sou a morte  
a dor  
a demora, a pressa  
O mais feio  
e mais bonito.  
Mundo -  
Meu fardo,  
meu presente,  
espelho-amigo.  
Sou eu!

Gabriela Plaza

## AMOR?

Meu bem,  
Sinto lhe informar  
Mas o amor nunca dá certo.  
Mesmo aquele amor,  
Amor de fato,  
Colorido de paixão,  
Amolecido pela ternura,  
Temperado de raiva,  
Amparado pela compreensão,  
Esse amor quente  
E tão genuíno...  
O esgotamento é iminente.  
Seu início é presságio do fim.  
No entanto lhe contarei o segredo  
Que poucos se dispõem a enxergar:  
O fim não faz do amor menos extraordinário.  
O desgaste não transfigura a beleza.  
A dor não anula o deleite.  
E se a plenitude da vida se dá quando amando,  
A única coisa que o amor requer de nós é coragem.  
Uma coragem que não exige garantias  
Que respeita o tempo  
Que se sabe livre.  
Coragem para um entregar-se honesto.  
A finitude apenas torna o amor assim humano  
E creio, meu bem, que não há nada mais humano que amar.

Gabriela Plaza

## ESTUDO SOBRE O TEMPO

Relógio é coisa louca  
que frequentemente me lembra  
de que não tenho tempo.  
Então, num instante hermenêutico,  
questiono:  
Aliás, e que é isso?  
Aliás, que é tempo?  
E numa arrogância filosófico-científica,  
resolvo investigar.  
E de antemão já peço perdão  
aos caros filósofos e cientistas:  
Sou criatura romântica.  
Sei da vida  
Mas de resto sou leiga.  
Pois então, avante!  
Discorrerei sobre a temporalidade  
através do meu olhar inocente de poeta,  
fundamentada numa incerteza compulsiva  
(é essa minha bibliografia).  
Passado –  
É sonho presentificado.  
Nada tem de real!  
Existência no imaterial,  
que é a fugaz imagem do perdido.  
Mas na impossibilidade do estável:  
convenhamos,  
tudo é passado.  
E nada de fato o é,  
já que o já sido  
só o é  
já que lembrado,  
reeditado,  
ressignificado;

continua...

continuação

Já que presentificado.  
 Cronologia é fumaça!  
 Mas a nós é impensável  
     viver no vácuo,  
     na fluidez  
 e na moleza do presente.  
 O caos do nonsense nos desorganiza.  
 Então agradeça ao teu deus  
     pelos livros de História  
     e pelo hipocampo.  
 Enganar-se em prol da sanidade  
     é nobre  
     (se não nobre,  
     humano).  
     Futuro -  
     Dizer o que?  
 Um chute com base?  
 Esse bicho amorfo  
 que nos garante o valor do presente  
     e o sentido do passado.  
     É utopia,  
     Distopia,  
 É crer que o sol há de nascer  
 e que um cometa não nos extinguirá.  
 É viver caminhando para a morte,  
     mas apostando alto que  
     a morte  
     não virá amanhã:  
 Promete simultaneamente o morrer e o viver.  
     Especialmente o viver -  
     Para assim haver vontade  
     de se materializar a expectativa.  
 É o presente que diz respeito  
 ao presente que ainda não o é.

continua...

continuação

Presente –  
Explosão de vida!  
Desespero por ser  
e o pavor do não ser mais.  
O prosaico,  
o naturalizado,  
o despercebido,  
Que é máscara  
Para o mais sagrado  
e mais profano  
movimento humano:  
A consciência de estar vivo.  
É absoluto,  
É tudo que nós,  
pobre gente,  
temos:  
Essa centelha de nada nos é tudo,  
nos é vida propriamente dita.  
Dói,  
Arde,  
Ama,  
Aliena,  
Acarinha,  
Nos convoca  
pois palpita:  
O presente.  
Por fim, saiba minha conclusão  
Sobre meu leigo e caro estudo –  
Somos o passado,  
o presente  
e o futuro  
exprimidos enquanto o somos agora:  
Estamos sempre sendo em 3 tempos.

**Gabriela Plaza**



## À FICÇÃO

Esses personagens,  
Essas pessoas  
que nunca conheci,  
Ambientes surreais  
que nunca vi,  
Criaturas fantásticas  
e um gato preto,  
Céu baunilha  
ou rubro,  
O demônio cheio de humor,  
um deus falho,  
a moça loba guerreira  
e o homem que não chorava,  
O judeu antissemita  
E o japonês cristão,  
Um pássaro azul  
ou o tal mockingbird já morto,  
Um coração bravo  
e de ouro,  
Noites brancas  
e vidas distópicas,  
Meus mil pais  
mil mães  
mil irmãs  
e sonhos,  
As vozes sem fim  
que habitam dentro de mim,  
As incontáveis dores  
sorrisos  
amores  
e os desamados...  
Saudo-os:  
Minha vida é maior que meu eu;  
Transcendo-me através  
dos que não existem!

Gabriela Plaza

## ÁGUA-VIVA

O mais doce dos meninos  
ensinou-me a compreender as palavras  
em seu não-significado.  
Com seu sorriso de moleque sábio,  
Indagou-me:  
Já pensou sobre a palavra  
Água-Viva?  
Não...  
Não realmente.  
Ah, mas já pensei no bicho!  
Alien marinho  
Ou  
Saco de lixo  
(dos mais bonitos que já vi).  
Sensação de pós-morte  
ou paraíso.  
Sonho que flutua  
submerso.  
E então entendo:  
Fácil me perder na coisa!  
O menino teimoso,  
com aquele jeito de quem conhece  
o segredo do mundo,  
me re-indaga:  
Já pensou sobre a palavra  
Água-Viva?  
E agora  
Como se voltasse um passo,  
abandono o significado.  
Volto pra palavra;

continua...

continuação

E nesse não-ser,  
reconstruo meus próprios significados  
(enquanto dois olhos castanhos  
me encaram ávidos).  
- Vamos lá! Água-viva:  
Penso  
que não há água mais viva  
do que flutuar no ar  
a milhares de quilômetros por hora  
na máquina-Avião  
- Como se o céu  
fosse o mais denso oceano,  
ou mais selvagem! -  
Ou quando se abre a torneira  
e a água jorra com pressa  
...E então lavar o rosto  
com a água mais viva.  
Ou a nascente do rio:  
a origem da vida!  
Tímida, por isso enganosa  
- Encorpora poder  
e vira oceano -  
Ramifica, cresce!  
Água em plena vida.  
Ou beijar uma boca úmida;  
Ou cortar o dedo  
com o espinho de uma flor  
e ver o sangue sangrar;  
O feto boiando no líquido materno;  
Ou lágrimas  
de contentamento ou tristeza.  
Mas sempre vida.  
Pronto, meu sábio amigo. Água-Viva.

Gabriela Plaza

## TRAIÇÃO

Minha ética morreu  
Meus pêsames a mim própria...  
Gostaria de poder  
poupar-lhe do meu vitimismo,  
Mas não!  
Afinal, foi essa tua vitória.  
Desumanizada  
E desumana  
Não há mais espaço  
pra lógica e retórica!  
Pois agora sou animal  
podre, selvagem,  
que alega instinto:  
Mas admito -  
É só falta de vontade  
de ser gente.  
Mas houve vontade,  
você bem sabe!  
Um dia tempo atrás  
fui digna.  
Batalhava dia após dia  
pra ser humana e  
criar minha própria Bíblia,  
meus próprios preceitos.  
Mas minha ética morreu.  
E o que sobrou de mim?  
Continuo tentando descobrir...

Gabriela Plaza

## HISTÓRIA LIMÍTROFE

As mulheres sofridas  
que me habitam  
Salomé, Frida  
Cora e a mulher desiludida  
Winnie a guerreira  
Bovary, Woolf  
As flores raras  
As fatais  
Históricas freudianas  
Clarice, Adichie  
As moças-almodóvar  
que mataram maridos  
As que traíram  
e foram traídas  
Reais e surreais:  
Orbitam-me o cérebro,  
Sou Sol mas elas que me aquecem.  
Não estou sozinha  
em minha loucura  
de mulher sã.

Gabriela Plaza

## **ESSE POEMA NÃO É PRA VOCÊ**

Vou esquecer teu cheiro  
Maldito cheiro de canela e madeira  
Vou esquecer teus olhos castanhos  
E o timbre da tua voz de persuasão  
Vou esquecer o quentinho da tua presença  
E a mão grande que não mais me toca  
E te garanto:  
Vou esquecer teu nome de menino bonito  
E tua boca sábia vez em quando burra  
E eu não queria esquecer  
Forçar amnésia é das piores torturas  
Sei que você também não quer esquecer  
Que liberdade é essa que só machuca?  
E você, moço teimoso!  
Pra quê me deu tanto motivo pra te esquecer?  
Lembrar é fácil demais  
E  
Dói demais.  
Esquecer é tortura funcional.

**Gabriela Plaza**

## DIAGNÓSTICO

Minha lágrima deixou de ser salgada.  
 Não porque chorei todo o mar  
 Mas porque choro chuva  
 Frequente tempestade;  
 Nenhum trovão sai impune:  
 Deixa sequelas que não sei mais onde enfiar.  
 E nesse conjunto  
 de ramificações fluviais  
 que chamo de meu rosto  
 Escoa aquilo que transborda -  
 Dilúvio que nunca coube no peito  
 Que arranca a mata em volta  
 Que já matou os passarinhos mais doces  
 Assim como já fertilizou o sertão  
 E calejou a inocência da terra burra.  
 E qual o preço?  
 Se te dói,  
 Saiba que queima em mim;  
 Se te respinga,  
 Saiba que é água-fogo  
 no meu estômago.  
 Poupar-te de mim  
 seria  
 poupar-me da vida.  
 O espasmo no peito  
 O latejar do olho  
 O descompasso com o mundo:  
 Vez em quando a vontade é  
 de voltar para o útero  
 de onde vim  
 E não mais chover,  
 só nadar  
 no líquido quente  
 e espesso  
 - Voltar para a Terra  
 onde não há trovão.  
 Mas convenhamos:  
 A tempestade é um espetáculo  
 do qual eu não abriria mão.

Gabriela Plaza

## SEMPRE PRA VOCÊ

Te sinto no vento  
quando você chega na rua  
do meu prédio azul.  
Reconheço o gingado dos seus passos  
no corredor do apartamento.  
Campainha não é necessidade,  
Nem qualquer formalidade -  
A casa já é sua,  
assim como eu por completo.  
Vem mais pra perto  
até a gente se mesclar  
E virar uma bagunça só.  
Deixa a enxaqueca na portaria  
ou se preferir traz suas dores pra cá:  
Abraçarei tuas mágoas  
assim como beijo teus sorrisos.  
Sei que viver de amor é impossível,  
Mas viver sem amor é purgatório.  
Deita aqui junto  
que junto a gente ameniza  
a brutalidade do mundo  
E faz do veneno, antídoto;  
Azeita a noite pouco estrelada,  
Adocica esse sol que ferve o cimento;  
Faz da chuva, geada dourada  
E do mormaço, brisa de outono.  
Lado a lado,  
a gente aprende a amar o torto  
E a ironizar a simetria.  
Perder-se é poesia!  
Perder-se junto, Iliada!  
Caminheemos juntos, meu amado;  
Nosso lado certo sempre foi  
o lado errado.  
E você sabe,  
Tá tudo bem.

Gabriela Plaza



## TEU ENIGMA

Para quem crê saber tudo,  
a ausência de forma  
é inferno.  
Pois se ao Sol  
tudo tem cor,  
A Lua revela a falácia.  
Se todo pedaço de terra  
foi descoberto,  
Disponho-me a achar  
a ilha que não o foi.  
É doce e triste  
aportar na falta de mistério,  
Mas o Mar revela a falácia.  
E se adivinhação  
é charlatanismo,  
Pegar um ônibus  
rumo ao rotineiro destino  
É apostar na fortuna!  
Ao furar o dedo  
no espinho de uma flor,  
A Morte revela a falácia.  
E, meu bem,  
Se teu cinismo cartesiano  
te martela no cérebro:  
“Não há mais segredo no humano!”.  
Olha nos meus olhos -  
O Amor revela a falácia!

Gabriela Plaza

**O NÃO-DIÁLOGO**  
(Dedicado ao Sr. e à Sra. Bovary)

Teu olhar nada poético  
me enxergava  
como um amontoado  
de casualidades causais  
mundanas  
e pobres.  
E eu jogava poesia em você  
como alguém que joga  
tinta  
numa parede de concreto cinza.  
Mas ainda assim  
você via  
a rotina como nada mais que rotina  
as palavras como sons do aparelho fonador humano  
e o amor como conveniência do nosso mundo.  
E eu jogava drama em você  
como alguém que joga  
pimenta e sal  
em comida de hospital.  
Eu preenchia a aparente segura  
do teu peito  
com lágrimas que até forcei  
E com uma euforia  
no fundo triste.

continuação

Porque  
Teu realismo compulsivo,  
quando tomado de romantismo,  
até balbuciava  
que meus olhos pareciam o sol,  
assim como meu abraço quente.  
Mas assim que o suor  
te escorria a face,  
você reclamava da impertinência do clima  
e dissertava sobre o verão te causar  
problemas respiratórios.  
Então,  
eu te socava com ficção  
com delírios  
e com a profundidade (pedante) que havia de haver  
em uma formiga  
ou nos detalhes dos teus lábios.  
Você ria, inflexível no teu pragmatismo.  
Eu, inflexível na minha fantasia.  
Quem sabe a gente não se entende...  
Quem sabe,  
Um dia...

**Gabriela Plaza**

## ÀS MULHERES

Voar livre  
e mergulhar no recomeço  
Quando o mundo inteiro te berra:  
“Todo novo dia é tarde demais!”  
Ignorar o cacarejo  
e ter coragem para saber-se  
completa  
Ainda que o cinismo insista:  
“Ser mulher é ser pouco  
E sozinha se é incapaz”.  
Reinventar-se  
Seja aos 21  
Ou aos 50.  
Não ter medo da tormenta  
que o ter coragem traz.  
Compreender-se indeterminada,  
Sabiá solto,  
Leoa indomada.  
E brincar com a liberdade  
como criança que nunca sofreu  
Mas não se esquecer  
de acarinhar as próprias cicatrizes.  
Aceitar a independência  
como sonho palpável,  
Não utopia.  
O tão esperado sol  
há de raiar  
E a vida há de se encher de vida.

continuação

Não se reduzir à brutalidade  
com a qual te ferem  
E não se dobrar frente  
à chantagem velada.  
Lembrar-se abusada,  
maltratada,  
Mas sempre lutar!  
Ir contra o sedimento  
de um mundo  
que não foi feito  
Nem para você  
nem para sua filha  
ou para a neta que virá um dia  
Nem para tua vizinha  
Para a louca da rua  
para a dona de casa  
Ou para aquela moça da política  
Da docência e da periferia.  
Nem para nenhuma de nós.  
Por fim, gritar:  
Render-se, jamais!

**Gabriela Plaza**

## A COR DO ACORDAR

O dia amanheceu  
com o cinza azulado  
mais triste que já vi.  
Cedo demais para ser feliz.  
Café marrom neutro,  
xícara-buraco-negro:  
Abismo que eu,  
sonolenta,  
tenho medo de olhar.  
E para fugir do ar frio  
da nossa São Paulo  
neste Abril amarelado,  
Me refugio no banho quente:  
Vapor transparente  
que tem cor de vapor.  
E ao sair do banho...  
Minha pele porcelana  
vermelha-rosada  
E os poros exagerados  
pelo choque térmico  
E o desejo espontâneo  
de que meu amor  
de olhos castanhos  
estivesse lá para me abraçar.

continuação

Acordar dói:  
É como ser parida de novo.  
O escuro do sonho  
não dá medo,  
Mas esse buraco  
desperto e rubro  
no peito  
me dá calafrios matinais.  
Vestir-se desatenta,  
Torcendo para que o dia  
seja rosa, azul celeste,  
violeta.  
Abrir a porta  
E sair -  
Sabendo que as cores da vida  
são previsíveis  
Mas tendo o acalento  
eufórico e laranja  
de nunca saber o que esperar.

**Gabriela Plaza**

## PARA RECORDAR, JÁ QUE SEMPRE TENTEI ESQUECER

Medo, vergonha.  
Vergonha de mim, não dele.  
Pois o pensamento que  
me ocupava a mente  
era:

“Uma pena  
eu ter neurônios  
e bom senso.  
Gostaria que isso não  
estivesse acontecendo,  
pois queria poder continuar  
a amá-lo.”

Não,  
Eu não pensava:  
“Isso está errado!”  
- VAGABUNDA!  
Soco na parede  
próximo ao meu rosto  
minúsculo  
de rato.

“Mas ele te ama”  
“Ele estava tão bêbado...  
Ele não teve culpa.”  
VA-GA-BUN-DA  
Chute na parede  
entre as minhas pernas  
abertas.

“Mas ele não te bateu”  
“Você estava tão bêbada...  
Acho que mereceu.”

É...  
É?  
Deve ser.

continua...



continuação

Cuspe no meu rosto!  
Porco.  
Berrava  
VA GA BUN DA.  
E eu “SOCORRO”  
Trancada no banheiro  
Maçaneta intangível  
Soco  
Chute  
Soco  
Grito:  
- SOCORRO!  
Mas depois de uma semana  
ele me deu flores:  
rosas vermelhas,  
batidas,  
rubras,  
feias.  
Me dói ser um clichê feminino -  
Justo eu,  
Feminista invicta,  
convicta!  
Então esqueci!  
Ele me amava.  
Amava?  
Esqueci.  
Mas escrevo porque  
quero recordar.  
O esforço sempre foi para não lembrar.  
Mas não,  
Não esqueci.

**Gabriela Plaza**

## CALA

Às vezes um vazio me toma o peito,  
E chega um belo de um sujeito literato  
e diz ser herança do Romantismo.  
O pós-moderno diz ser culpa  
do maldito Steve Jobs  
e da Era da Tecnologia.  
Meu tio diz que é frescura  
E o babaca do trabalho  
diz que “estou naqueles dias”.  
Alienada e consumista?  
Existencialista? Borderline?  
Não posso nem viver a dor  
enquanto dor somente minha.  
Humanidade,  
cala e deixa meu sofrer humano  
ser-se em paz.

Gabriela Plaza

## **O HOMEM NORMAL**

Comprei a organização do mundo,  
como faz um novilho mentalmente saudável.  
Aceitei o pensamento lógico-matemático  
E nem hesitei quando me disseram que eu tinha um nome  
e que minha existência existia.  
O tic-tac do relógio me pareceu natural  
assim como Deus  
e a democracia.  
Meu pacifismo compulsivo é louvável  
pois sei que se é o que é  
e que as coisas são como são.  
Só não conte para ninguém  
meu secreto desvio padrão:  
Que deleite seria ser louco.

**Gabriela Plaza**

## PARA NÓS, OS DITOS DOENTES

Antes o fogo que o vazio,  
lhe afirmo.  
Antes a extinção que o mofo,  
lhe brado.  
Num riso delicioso e trágico,  
de maneira assertiva escolho:  
O inferno, não o limbo.  
Morrer na guerra, não no desgosto.  
E na doída excitação  
do despedaço  
e do queimar,  
Compreenda:  
De modo estranho sou feliz.  
Feliz já que viva,  
Feliz já que sinto.  
Então morra no seu marasmo,  
No descompasso do teu coração morto.  
Meio-morto.  
Meia-vida não é vida.  
Então pra longe de mim  
seus tediosos olhos piedosos:  
Há de se ter coragem pra viver.  
E se isso significa luta diária  
e essa minha constante dor no  
estômago:  
Pouco importa,  
Saiba que vou.

Gabriela Plaza

## GRILLOS DE METAL

No silêncio do meu quarto  
me sinto em pleno espaço sideral.

Boio no tempo  
como navega um barco.

Não ouço grilos  
pois creio ser espécie extinta  
no centro de São Paulo.

Mas ouço buzinas de carros,  
já que meu vácuo é barulhento.

Vivo em meio ao cimento  
E sou a prova mais que viva:

Mesmo nós,  
ratos da cidade,  
podemos encontrar paz de espírito.

Lhes grito:

Na tranquilidade do meu quarto  
cabe toda a dor do mundo.

A dor daquele moleque no sinal,  
do padeiro da esquina,

da prostituta na qual você cuspiu,  
da mãe que perdeu a filha,

do homem que não sabe chorar,  
do cão sarnento

e do gato surrado.

Só não explodo  
porque aqui do espaço  
o tormento é tranquilo.

Em meu silêncio superpovoado  
ouço o grito do mundo -

E sei que você também.

É dor demais,

É incessável,

Mas nunca estou sozinha.

É esse o aconchego do sofrer.

Gabriela Plaza

## CUIDADO...

Não sei se você sabe  
o que tem feito,  
e creio que se soubesse  
não o faria -  
Chicoteando uma leoa  
dia após dia,  
encarcerando-a no teu coração frio,  
com teu peito inflado  
pela domesticação bem-sucedida.  
Acorda, meu amor estúpido.  
Não reconhece o perigo?  
Deve-se temer um felino quieto.  
Tira essa arrogância do sorriso  
E aconselho-te:  
Durma com um olho aberto.  
E se hoje venceu pela força bruta,  
pela verborragia incansável  
e pela pose de macho,  
Aguarda!  
As garras cortadas  
hão de crescer  
Hei de libertar-me:  
Mais uma vez e para sempre,  
Serei leoa de corpo e alma.

Gabriela Plaza

## **SOBRE ESSA COISA DE “CRESCER”...**

Nosso dilema de humano cronológico:  
Compostura de dita maturidade  
Versus  
A magia do ser criança.  
Me equilíbrio numa corda bamba!  
Ah, a sapiência do acúmulo...  
Disseram-me que é respeitável ser adulto.  
Mas não é sábia a infância?  
Não é honroso o não-saber?  
Em meu olhar calejado  
do dia-a-dia  
e dos tantos anos de vida,  
Vez em quando forço o espanto:  
Prender o olhar na asa  
de uma borboleta  
e então levar um susto!  
Numa asa  
cabe o mundo!  
Viajo no tempo  
E desaprendo  
o aprendido.  
Para assim voltar a amar  
o óbvio,  
o perdido,  
tudo que me escapa à vista.  
A sequela do crescer  
é compulsiva cegueira.  
É recheiar-se de tédio  
e indiferença.

continua...

continuação

Precisar pagar 20 mil reais  
em viagens a praias paradisíacas...  
Para deparar-se novamente  
com um bocejo.  
Acorda!  
Cata um espelho  
E contempla:  
A íris no teu globo ocular  
é um universo.  
As nuvens brincam no céu  
e o asfalto é coisa louca e esquisita,  
lágrimas são salgadas  
e sinto cócegas na barriga!  
Presta atenção:  
O verde das árvores,  
Os poros da pele,  
O pelo do gato,  
A magia disso que é ser gente!  
Por isso, aconselho-te:  
Amigo, descreça!

**Gabriela Plaza**



## (ALMA) INDIGENTE

Minha insustentável leveza  
e minha gravidade sem chão!  
Anseio por uma casa  
daquelas simples e estereotipadas  
onde vivem famílias  
supostamente felizes.  
Mas tudo que tenho  
é nada,  
só minha liberdade.  
E já me disseram que liberdade é tudo.  
Será?  
Tenho todo o mundo  
e me transborda a vontade  
de estar por toda parte em casa.  
E me frustra pois não consigo:  
Ser eterno turista  
e dono da rua!  
Estar sozinho,  
mas sempre comigo  
(e com o vira-lata  
que me segue).  
Olho para tudo  
de lugar nenhum  
E talvez este seja  
justamente  
o meu lugar.

**Gabriela Plaza**

## CONVITE

Não sei outro jeito de ser.  
Ninguém me ensinou  
E eu nunca quis aprender.  
Só sei ser triste.  
E se você vier junto  
Saiba que meu caminho é assim,  
Triste.  
Tenho as delícias do meu ser,  
Posso oferecê-las a você  
Mas o que tenho de delícia  
Vem carregado de uma derrocada constante.  
O que tenho de doce  
Vem aliado a um ácido que machuca,  
Que corrói.  
A questão é:  
Se eu deixar de ser o que sou,  
Me tornarei um outro alguém  
Então seu amor não será por mim.  
E, meu bem, não deixarei de me ser  
Nem por você,  
Nem por ninguém.  
Estou aqui,  
Descascada a sua frente  
Lhe dizendo:  
Sou triste, mas também sou amor  
E posso lhe dar toda minha miscelânea  
de amor e tristeza.  
Te peço só que tenha coragem  
ou vá embora.

**Gabriela Plaza**

## SERÁ?

Homens traem,  
Mulheres choram.  
Velhos inúteis,  
Jovens estúpidos.  
Viver é feliz,  
Morrer é trágico.  
Envelhecer é sonho e sina,  
E suicídio, drama antiético.  
Loucos insensatos!  
O mundo é dos normais!  
Proletários e sua bruta raiva.  
E os burgueses, mesquinhos intelectuais.  
Deve-se ter amigos,  
beber água,  
não fumar  
e comer vegetais.  
Casamento é pré-requisito  
para ser-se persona decente.  
Há de se ser inteligente  
(seja lá o que inteligência significa)  
E também um pouco burro,  
para assim suportar a vida.  
Filhos são teu post mortem:  
Que você tenha bons ovários  
e espermatozoides potentes  
para que sua existência tenha existido.  
E se a invalidez te acometer,  
saiba que merece compaixão  
e olhares piedosos,  
mas não um emprego  
e nem respeito.  
Sorria! Gargalhe!  
Permaneça de pé,  
mesmo humilhado e cuspidor.  
Não reclame e não desmoroque.  
E principalmente:  
Não seja honesto com sua própria verdade,  
pois este sim seria seu fim.

Gabriela Plaza

## A CIÊNCIA DA SAUDADE

E na dita precisão do cientista,  
em sua tentativa de esquisita neutralidade,  
Imploro-te, cara ciência:  
Ajuda-me nesse desvelar!  
Conceitua-me “Saudade”!  
Pela via da sintomatologia?  
Contaram-me os estudos empíricos:  
Semelhante à crise de abstinência.  
Taquicardia  
Insônia  
Ansiedade  
Melancolia.  
Desintoxicação do vício!  
Sinto informar-lhe -  
em nada isso ajuda  
em minha dor.  
Teu psicodiagnóstico  
não alivia meu suplício.  
Ou, talvez,  
através da científica  
gramática fria?  
Substantivo feminino...  
Sau-da-de.  
Aurélio me contou:  
“Pesar, mágoa  
que a privação causa”.  
Ao inferno tais  
2 consoantes  
E 3 vogais:  
A saudade ainda está aqui,  
misteriosa e invicta.  
Apelo agora aos cientistas sociais  
(tamanho meu desespero).

continua...

continuação

Será a saudade criação da burguesia?  
Um fato social?  
Histeria coletiva?

Se minha dor não fosse  
tão particularmente minha,  
doeria muito menos.  
Dar-lhe-ia de bom grado  
a essa entidade chamada “Sociedade”.  
E de nada adianta...  
Continua a saudade.

....

Ciência, cala-te um minuto.  
Perdoa minha petulância leiga  
E prepara-te:  
Estou prestes a fazer uma não-ciência.  
Em minha ignorância assumida,  
E nessa falta de levantamento bibliográfico  
e de estatísticas...  
Digo-lhe em alto e bom som  
o que é essa tal de Saudade maldita:  
É ele, o meu amor.  
É minha cidade da qual parti.  
É aquela amiga que perdi.  
Minha avó que padeceu.  
A lua que se foi  
E o sol que escureceu.  
Minha cadela que morreu.  
O chiclete que engoli.  
Tudo aquilo que vivi e não vivi.  
E isso é Saudade:  
Dói,  
mas é toda minha.

**Gabriela Plaza**

## RUGIDO/MANIFESTO

Não me venha  
com seu romantismo obsceno.  
Seu vocabulário me soa barato.  
Seu amor,  
profano e insensato.  
Não chorarei na sua frente.  
Nem hoje,  
Nem nunca.  
Espere (de eterno sentado)  
pelo dia em que me desfarei por você.  
Que você toque onde dói.  
Que se empenhe em fazer-me  
pequena e frágil.  
Pois na molécula primeira  
sou de todo inquebrável.  
Hei de rugir-  
Nem você, nem ninguém  
Nem hoje, nem nunca:  
Não me permitirei  
sentir-me menos que o tamanho  
de minha coragem.  
Que é muita.  
Permanecerei altiva  
Inteira  
Completa.  
Se sozinha, que seja.  
Se ousa questionar,  
Assista.

Gabriela Plaza

## NÓ

No desenrolar dos dias  
me enrolei.  
Mas afinal,  
quem não se enrola  
nessa bagunça-louca-vida?  
Talvez vocês -  
os obsessivos compulsivos  
os organizados  
os que fazem planilhas  
os controlados  
e os apáticos.  
Já eu e nós -  
os bagunçados,  
os que acabam zonzos  
de tanto amar,  
os que não sabem arrumar  
as cuecas em cores gradativas,  
e os que se perdem  
mesmo com um mapa em mãos...  
Sabemos que não sabemos  
organizar essa coisa chamada vida.  
Mas saiba, é fato  
(até os mais pudicos o sabem):  
Colorimos os dias,  
Engraçamos a existência.

Gabriela Plaza

## ROTINA

Então vamos lá  
nessa batalha diária  
de transformar o prosaico trágico  
em poesia:  
Tive um bom dia.  
Bebi um café amargo  
que soa gostoso  
só pelo hábito.  
Vi meu amor  
com seus tolos olhos apaixonados  
(pobre inocente, mal sabe ele  
que com poeta não se brinca).  
Chorei a cota do dia,  
Já que o choro,  
como o café,  
é também hábito.  
Olhei pela janela  
Vi o moço do prédio do lado  
na sua eterna inércia  
de olhar para esse céu de São Paulo  
que não tem estrelas.  
E então olhei para o meu gato,  
sonhando em ter  
sua arrogante paz de espírito.  
Cacei um amigo,  
e por falta de um genuíno,  
aceitei o mais próximo:  
aquele quase legal  
e quase compreensivo.  
Bebi água com gás  
e senti cócegas no estômago.  
Sono.  
E na hipnose do sono  
escrevi um poema estúpido.  
Zero moral  
Zero causa social  
Zero escrúpulos.  
E dormi sorrindo.

Gabriela Plaza



## NÃO!

Que não me tache  
Não me brade  
Não me encaixe  
Não me chame:  
De humano  
Animal  
Vadia  
Sem noção  
Romântica  
Deprimida  
Reprimida  
Suicida  
Perversa  
Antiética  
Moralista  
Desleixada  
Piranha  
Namorada  
Intelectual  
Superficial  
Estúpida  
Inocente

continua...

continuação

Manipuladora  
Filha ou mãe  
Filha da puta  
Egoísta  
Nilista  
Poliana  
Pacifista  
Violenta  
Barulhenta  
Calada.  
Agora calo.  
Não me chame  
Pois não te chamarei.  
Não me acuse  
Não te acuso.  
Somos nada  
Somos tudo.  
Vamos ser.

**Gabriela Plaza**

## PRA VOCÊ

Menino moço  
Dos olhos pretos  
Do sorriso bonito  
Da voz que me abraça,  
Quero me costurar em você  
Na tua pele quente  
que me acolhe  
e destoa desse mundo tão frio  
No teu jeito  
que me é cor  
nessa capital tão nublada.  
E eu,  
Fogo de palha,  
Tão sem chão,  
Num planar que não acaba  
e que desconhece o pouso,  
Não me sinto tão perdida  
quando te tenho comigo.  
O real me agride  
Mas há algo de surreal em você  
Há algo de delicioso em você  
Um aconchego  
Tão doce e tão vivo  
Que me dá medo.  
Medo porque quero demais.

continuação

Me perdoa pela manha  
Pela falta de seriedade  
Me perdoa,  
Pois não aprendi a ser gente  
Muito menos a ser adulta.  
Não sei assinar contratos  
Nem firmar compromissos  
Não sei fingir amor tranquilo  
Desconheço o beijo sem mordida.  
Então saiba que te mordo  
Justamente porque te gosto.  
E te gosto tanto que não me cabe,  
que me extrapola.  
Nunca tive rua  
Nunca tive caminho  
Sempre brinquei de equilibrista  
suspensa no tempo.  
Mas sinto que se eu te tiver comigo,  
Mesmo que breve,  
Mesmo que só um pouquinho,  
Há de ser um tempo lindo.  
E a corda bamba  
Há de me parecer ladrilho.  
Então, vem comigo?

**Gabriela Plaza**

## VENTO

Vida é coisa frágil.  
Sei pois quando venta  
sinto a fineza de minha pele.  
Do frio seco  
sinto a aspereza  
o corte  
e o espeto.  
Do frio úmido  
sinto o acúmulo  
de orvalho  
em meus poros.  
E nisso lembro  
de meu corpo biológico  
Falho e corrompível  
em sua delicadeza incurável.  
E nisso sei:  
Vida é mesmo coisa frágil.

Gabriela Plaza

## **OLHA...**

Eu sei que o mundo é podre, menina.  
Mas já tentou olhar para o céu?  
Veja aqueles pontinhos  
brancos e leitosos  
Sorrindo para você,  
Brilhando para você.  
Peço-lhe que esqueça  
a demagogia da ciência.  
Esqueça as supernovas  
E as estrelas mortas  
E a velocidade da luz...  
Olhe para esses pontinhos  
E ouça como se lhe dissessem:  
- Seus sonhos hão de salvar-te, menina.  
Não tenha medo,  
Pois quando o mundo se exaurir  
E a enxaqueca te dominar  
E o sentido deixar de ser,  
Lembre-se:  
O céu é todo seu,  
Você sempre terá as estrelas.  
Então vê se olha para cima  
E sorri.

**Gabriela Plaza**

## FALAR SOZINHA

Sobre a morte pouco sei.  
 Honestamente, o que há pra saber?  
 Só sei que ouvi dizer  
 que a morte É.  
 Não precisa de complemento,  
 Desnecessário o objeto do sujeito.  
 Ela se explica em seu absurdo  
 E qualquer absurda tentativa  
 Metafísica  
 Divina  
 Arrogante  
 E científica  
 de conceituação  
 Seria injusta  
 Com a nossa mais primária e certa condição:  
 O desaparecimento,  
 A própria extinção.  
 Soo demasiado crua?  
 Demasiado pessimista  
 em meu discurso desnudo?  
 Pois reforço-lhe:  
 Sou a anti-religiao  
 E a anti-ciencia.  
 Sou a humanidade  
 em sua raiz.  
 Nascemos para morrer  
 E em igual proporção nascemos para viver  
 (Só não posso dizer que se nasce para ser feliz).  
 Então defendo a bandeira de minha existência:  
 Sou pró-ser-humano.  
 E para isso não há explicação:  
 Há de se ser.  
 Assim como há de se morrer.  
 E essa me é a única  
 possível compreensão da morte e da vida.

Gabriela Plaza

## EU E VOCÊ

Vou apelar pra um jargão piegas  
(culpo um amor honesto  
e brega):  
Meu bem,  
A gente se completa.  
Eu tô aqui,  
Preso no barulho  
Vivaz e sufocada  
Nesse calor intenso  
que me imobiliza.  
Você tá aí,  
Correndo ameno pelo mundo  
Com um sorriso amigo  
(e secretamente moribundo)  
Bradando aos quatro ventos:  
Bom dia! Bom dia!  
Sou uma leoa enjaulada  
nas complicações que  
eu mesma criei,  
Vivo escrava.  
Imploro-te: Liberdade!;  
Você é pássaro livre, leve  
Tão leve,  
Que anseia pela gravidade  
ou quem sabe  
por um furacão.  
Clama-me: Paixão!



continuação

Que do amor venha o aconchego  
E que nos ajudemos:  
Abra a jaula,  
Cravo-lhe as garras.  
Só você pode me libertar  
Só eu posso te fazer vivo.  
Você precisa de um belisco  
E eu de carinho.  
Meu amante, meu amor, meu amigo,  
A gente se ama,  
Se precisa,  
Se reconhece.  
Agora repito,  
em minha lucidez brega:  
A gente se completa.

**Gabriela Plaza**

## HISTÓRIA DELA

Meu amor dizia  
que eu tinha cílios de borboleta.  
E todo dia,  
durante o dia todo,  
a tal borboleta  
batia as pequenas asinhas.  
Mas quando a Lua descia,  
toda preguiçosa  
e tosca  
e bela,  
Então a doce borboleta,  
que batalhou no Sol  
e na rotina,  
Sabia que era hora de parar  
a contração doída do voo:  
Era hora de sonhar.  
Recolhia as asinhas que,  
em suas cores primárias,  
poderiam iluminar a noite inteira.  
Mergulhava no imóvel onírico.  
E assim, em sono, parecia morta.  
Mas estava mais viva do que nunca:  
sonhando em ser qualquer outra coisa,  
menos  
borboleta.

Gabriela Plaza

## À VIDA

Estou aqui  
pois grito contra o derrotismo.  
Não me curvarei  
a minha condição de animal falível.  
E não, a morte não pode pesar  
mais que a própria vida.  
Recuso a dor como minha ontologia.  
E se Ser é o Nada,  
Berro-te:  
- Mas sou Tudo!  
Brado:  
- A vida pela vida!  
Ouça:  
Estou viva!  
Sinta:  
O quente de minha pele  
E o quente de minha alma.  
Pois aos meus queridos amigos niilistas:  
Que saibam,  
Não me darei por vencida.

Gabriela Plaza

## **ENTENDA...**

Não que eu goste de você;  
Afinal, claramente não gosto.  
Não que eu vá sentir saudade;  
Certamente não vou.  
E não que te ache bonito;  
Não acho.  
E não, não levo a sério essa baboseira de amor.  
Mas gostaria de te ver amanhã.

**Gabriela Plaza**

## NONSENSE

Meu mundo não faz sentido.  
No entanto não me tome como louca  
ou deprimida.  
Sou uma sonhadora  
uma criativa  
Que não cabe aqui,  
Nunca coube.  
Se eu te contasse  
o colorido do meu real,  
minha procura pelo trágico,  
meus olhos caçando o fantástico,  
Você veria:  
De fato não faz sentido.  
Não alucino,  
mas sonho em alucinar  
E não é assim mais triste?  
Pois este mundo cinza não me basta  
Essa realidade opaca não me toca.  
E por isso  
busco horror e fadas  
busco o amor e o genuíno  
Numa perseguição eterna ao que não há.  
Mas se há de haver,  
seja nos confins ou num mundo que não é este,  
Aí a magia se dará  
E eu me darei  
E o absurdo deixará de ser  
E sem sentido, o sentido me virá.  
Somente então serei inteira.

Gabriela Plaza

## **ANESTESIA**

Dê-me um remédio para a alma  
Pois me dói viver.  
Amenize-me,  
seja com sua simpatia virtual,  
com suas drogas  
ou com a TV.  
Me afaste do real  
A angústia me corta  
e o nada me espeta.  
A morte me aguarda,  
Mas chega com lentidão.  
Como mastigar a vida?  
O engolir é áspero,  
O injetar é cômodo.  
Então ignoro o amargo,  
Driblo a deglutição.  
Consumo, caso, assino contratos  
Vou para a academia  
Tomo meu Diazepam  
Fumo meu cigarro  
Te desejo um “bom dia”  
E sigo vivo não vivendo.  
Me desconheço.

**Gabriela Plaza**

## PACTO

Uma vida é pouco tempo:  
Esse buraco entre a morte  
e o nascimento  
me faz taquicardíaca;  
Pois não poderei  
pensar todo o pensável,  
falar o falável,  
sentir o sentível,  
ler a literatura,  
ouvir toda a música,  
abraçar todos os abraços,  
enrolar-me em todos os braços,  
rolar em todas as camas,  
beijar todas as bocas,  
conhecer toda a gente,  
chorar todo o drama,  
e provar de todo tempero.  
Mas tenho o que tenho  
e nessa possibilidade  
limitada porém infinita  
de ter somente e toda uma vida,  
peço-lhe:

continua...

continuação

Corra livre ao meu lado.  
Não percamos segundo algum  
Do Kairós que nos foi concedido.  
Que o nascimento seja festa  
e o viver não seja castigo.  
Então vê se dança comigo  
nesse tiquetaquear cronometrado.  
E nesse mundo louco  
vamos de braços dados:  
Dissecar o possível  
E cravar a realidade na pele  
Num viver compulsivo.  
E que este intervalo de tempo  
(que carinhosamente  
chamo de minha vida)  
valha tudo que pode.  
Que eu viva.  
Que você viva.

**Gabriela Plaza**



**PAPILLON**

Tic-tac  
 Tica-me o relógio  
 Me lembrando insistente  
 Que sou de carne e osso  
 E de que nada adianta minha pose  
 endeusada e altiva:  
 Continuo tão falível  
 quanto aquela fina borboleta  
 no jardim.  
 Toc-toc  
 Bate-me à porta  
 A angústia incansável,  
 teimosa companheira,  
 Berrando-me:  
 Menina,  
 Do vácuo você veio,  
 Pro vácuo você vai!  
 Acorde! Acorde!  
 E o berro me cutuca a espinha,  
 E o tiquetaquear me arrepia o estômago.  
 E eu me sinto sozinha:  
 Estar de mãos dadas à morte  
 não é estar em companhia.  
 Seu toque é gélido  
 Sua pele é fria:  
 o calor me está na vida.  
 Em nada sou Poliana,  
 e se sim, de todo mal não seria.  
 Sou essa esquisita jovem  
 que sabe e aguarda a cremação,  
 mas abraça o fogo vivo nesse aguardo.  
 Equilibro-me na ponderação,  
 Nessa corda bamba entre morte e vida  
 E sorrio para ambas:  
 Já que a vida não se dá sem a morte  
 Nem a morte sem a vida.  
 Encho a boca ao dizer:  
 Minhas queridas amigas.

**Gabriela Plaza**

## A SENDA

O que é a vida?

O que é a vida?

Essa era a pergunta de Antônio reiteradamente posta,  
provocador – mexendo com forças que não deveria!

Eu estou vivo... A planta está viva... O pássaro está vivo...

A vida é a morte, ora, o deleite da morte!

Um eterno vir a ser e seu desfecho: o nunca ser.

A ironia do nada sobre o tudo.

A vida é o preço que se paga pela vida, sem saber pelo que se paga.

Veja, é um local onde a luz e a escuridão interagem, como no  
liame da luz de uma vela, impreciso e diminui; neste ponto tudo  
é nebuloso e o que parece ser pode não ser ou pode até ser.

Depois... apaga.

É a tragédia feliz. Porque só é tragédia  
diante de sua própria felicidade.

Uma grande tentativa do impossível!

Uma batalha travada contra a Vitória em pessoa.

A cada investida a Vitória sorri.

Em sua origem, o pecado divino – uma perdição.

Em sua essência, o Fogo Secreto – uma maldição.

Uma fornalha que ninguém acendeu, qual alimentam a flama com a  
lenha da própria vida.

Não logra abrir mão de si nem sob a iminência de seu epílogo.

Mas nutre um desejo vívido em cada célula: perpetuar.

continuação

Um motim – a renovação de tudo que já é velho e a transmissão e a recondução de tudo que pode ser bom, que deveria ser bom, que deve ser melhor!

O envelhecer do corpo, o rejuvenescer da alma.

E, uma Gaia-esperança transita da folha em broto tenro para os seres da relva, daí passa à quentura do primeiro raio de sol que castiga a pequena ave que desborda do ovo sem saber por quê, só se faz nascer. E então, sem tempo, transborda para os corações palpitações e para todos os cantos como latência da vida, inconsciente de si e de tudo, independente de consciência, só quer continuar. É a mostra da verdade de quem somos sem saber, unos como o cosmos dos gregos, em irmandade com qualquer ser ou coisa, desde a ameba à rocha solitária nas profundezas. Pois, nem que seja por um segundo, que não se sabe qual é, nos olharemos no espelho. E neste fugidio e aterrador momento estaremos despidos. E então nos apresentaremos nus e reconheceremos a Vida. Não poderemos proferir nenhuma palavra. Mas, então, não deixava de replicar, Antônio: “o que é a vida? ”. Pergunta, Antônio, Pergunta.

**Gilberto Azeredo Filho**

(em homenagem à morte de Antônio Abujamra)

## ANEDOTAS DOS DINOSSAUROS

Aqui começa esta estória, e esta estória começa como toda boa estória deve começar: era, era uma vez.

Houve um tempo, um tempo muito longínquo, um tempo muito bom. Lá habitavam dinossauros, dinossauros altos, dinossauros baixos, pesadões, de várias espécies, de várias cores, daqueles mesmo que se conhece; mais antigamente ainda, contam, uns comiam os outros ou lutavam pelos recursos, e como decorre não havia quase nada para ninguém, só para os mais fortes e para os mais cruéis – estes ficavam com quase tudo -, mas só antigamente. Naquele tempo, lá, nos bons tempos, eles haviam construído um mundo verdadeiro e próspero; não havia mais guerras, porque aprenderam os prejuízos, todos se formavam dinossauros, verdadeiros sustentáculos do saber, da nação e do tempo vindouro, que era promessa de continuação da perfeição. Nem doenças assolavam mais aqueles répteis, todos nasciam com o amparo da tecnologia adequada.

Lá eles não precisavam perseguir a felicidade, pois encontraram a linguagem que representava o mundo de forma plena e viver era o bastante: a vida era o único e verdadeiro prêmio.

Naquele tempo... Bom, na verdade não foi um simples tempo, foram na verdade algumas eras, e isso é mais que algum tempo. Naquelas eras, aquele incrível império dinossauriano, majestoso, magnificente, alçava o bom e o belo, tanto que era uma pérola para quaisquer olhos.

Pelas eras que houve seu esplendor superou todos os desafios, inclusive qualquer pecado, mal e injustiça.

Por causa disso os dinossauros não eram incautos. Ao contrário, eram muito bem organizados e previdentes.

A época de violências havia ficado muito para trás no tempo e em suas almas. Cuidavam do solo, cuidavam da água, do ar, amavam a vida e agiam unindo sabedoria e ciência, cuidavam uns dos outros.

continua...

continuação

Mas... Como filhos da criação não podiam ser independentes dela. E em meio a toda fortuna possível, alcançada após longos períodos de lutas dinossáuricas e aprendizado reptiliano, sem que se pudesse ler o destino, sua origem ou fim, de chofre... algo se opôs...

O Sol agigantou-se, e, após, uma sombra engoliu o céu,  
escureceu-o. Isso de frente aos olhos

de todos os dinossauros, machos e fêmeas, novos e velhos, todos.

Logo, então, a água e o fogo entraram em um combate digno de deuses, estremecendo a Terra e deixando-a nua novamente: arrancou plantações, arrancou estradas... As moradas dos dinossauros arrancou. Arrancou! Os filhos foram arrancados das mães.

Alfim, os amores foram arrancados dos corações.

Até as tocas inocentes dos animais inocentes que pareciam querer estar ali para todo aquele sempre foram reclamadas pela Terra.

Nuvens diferentes chegaram, altas e baixas. Nenhum lugar era melhor ou pior que outro, ou ficou.

Enquanto aquele aterrador espetáculo era visto  
por aqueles habitantes... Havia esperança...

Respiravam... Havia... A natureza a erigiu, a natureza a tombou.

Daí um fenômeno ainda mais intrigante ocorreu para complementar e participar de uma espécie de “gênese póstuma”, conectado com o outro, brotou dele, eram a mesma coisa, faces da natureza que aparentam dissociadas à primeira vista. Surgiu em meio às fumaças impiedosas uma nova pergunta: por quê?

Como um clamor surdo ecoou por todo vale da sombra dos  
hiperbóreos dinossauros: por quê?

E levava as lágrimas e a esperança rendida  
daquele povo histórico e sublime.

Quem o ouvia sentia sua aflição e o seu porquê.

Depois.... Depois.... Depois tudo silenciou.

**Gilberto Azeredo Filho**

## O QUE HÁ DE SE SABER

Talvez já saibas, se não, só há uma coisa  
de se saber, que se possa saber.

Seu destino já está acabado e encerrado numa arca sem chave,  
cravada sob sete palmos de terra, por detrás de um portal de pedra.  
Se pudesses querer mudá-lo, terias de alcançar a chave que também  
está no baú sem chave – o destino e sua chave num cofre sem chave  
na terra atrás da pedra.

E seu destino não vê luz, não há túnel.

Não o vê, seus segredos não te conta.

Tens sua caixa enterrada, mas não pá. Tens seu madeiro  
rijo, mas nem mesmo um cinzel. Sabes de um xis em um  
mapa inacessível, mas nem bússola e mastro com vela.

Não se vai em busca do destino ou de outro, só se vai.

Mas nem se foge. Quem quiereria poder ousar conhecê-lo face a face?

Então tens seu destino, que é alheio e não te pertence.

Tens sua sentença. Tens seu termo. Tens sua espera.

Para ti resta esta consciência como possibilidade da única coisa  
que possuis: és como um leão, rei-besta dominante, predador,  
teus sonhos de poder são de sangue, ó infinitamente imperdoável  
por natureza, sedento. Tens presas e garras para tudo, voraz, és  
fera que persegue a carne, faminto. O sangue é teu prêmio e tua  
marca, tua condenação arrastada em dor e lágrimas e consciência.

Faz da tua marca teu legado num acesso do destino, e vem  
teu destino já selado. Sua sina e propósito ultimados.

**Gilberto Azeredo Filho**

## O ESPÍRITO DA POESIA

Da musical poesia se traz o dia, pois  
 As palavras definem a realidade, na verdade.  
 E se elas têm encanto e magia,  
 Não há espanto, acende-se a luz,  
 Desprende-se da cruz, traz o sol seu manto  
 à vida, finda a melancolia.  
 Realça no rosto jogado a amizade,  
 Busca companhia.  
 Põe disposição, no corpo, energia,  
 sem conta desdobra.  
 Esquece a mania de falar como porta.  
 A contradição descansa sem voz?  
 Alguma benfeitoria na alma avança.  
 Desata sorver na foz um deleite,  
 Por algum tempo se sente dessa alforria  
 O êxtase do compromisso ausente.  
 Dionísio encosta... traz mel e compota,  
 Carne assada e especiarias,  
 Do vinho dos tempos bebemos.  
 Um impulso que cria – seremos!  
 O caos do riso da política tira a agonia.  
 Um suave toque de uma brisa morna num bosque,  
 São as Ninfas, filhas sem dote, não precisam de decote.  
 Surrados ao fim. O tempo acabou.  
 As trombetas tocam ao longe no jardim,  
 A dúbia verdade retornou?  
 No caminho as flores do ocaso carmim.  
 De uns versos rebuscados uma busca sem fim?  
 Fomos porque aceitamos,  
 Num lugar diferente acreditamos,  
 Mas, aqui ou acolá, alma errante,  
 Nunca sabemos onde estamos.

Gilberto Azeredo Filho

## SUICÍDIO DA POESIA - QUANDO A POESIA NOS DEIXOU

Pudéssemos com nosso ritual ungi-lhe o corpo,  
Fechar-lhe os olhos,  
Deitá-lo em respeito,  
Pedir perdão pela desilusão e incompreensão...  
Chorar para nosso alento.  
Guardamos na memória e no peito  
Sua viçosidade, em vida como broto alegre  
Que busca a luz e recebe.  
E nossa ignorância que conspurca?  
Trespassados daquilo que macula...  
Lavou as mãos dessa guerra,  
Puxou para si o gatilho,  
Porque quis não fazer parte, não podia,  
Da parte ultrajante que condena o mundo e usurpa.  
Sem servilidade honrou o alcance de seu vulto,  
A mente brilhante partiu.  
Deixou à enxovia e cravou a perplexidade nos corações dos  
imundos.  
Baixá-lo ao solo,  
Representá-lo à terra que o acolhe  
Em um pacto natural.  
Mas, o que nos pesa no coração  
como perversa realidade...  
Doravante distantes estamos sem compensação.  
Com título de Irmão o liberamos, fazendo-lhe jus.  
O Espírito Sagrado da Terra o conduz de volta,  
Para sempre e sempre agora assola a culpa aos injustos,  
A poesia do exílio da morte para nós não retorna.

Gilberto Azeredo Filho



## DO ESPÍRITO DA DIGNIDADE HUMANA

Na riqueza um muro invisível, as posições só para afirmação das posições, e o asco e o deboche de tudo aquilo que não seja seu próprio "status": estar rico, estar. O dinheiro pelo dinheiro e o seu fantoche. O tratamento Cortez e obrigatório, o comentar sobre a gravata, a imagem e a soberba, cabelo penteado, o sorriso forçado, o caminhar empertigado, elogios, arruma o botão e a gola, sapato lustrado. Comenta o esporte, a indignação, a norma, a nova lei, o novo imposto. Para ele o concorrente odiado, o vazio dos grandes salões e o pobre ingrato.

Contrata ou morre, ou mata!

Na pobreza a surdez da dor inconsciente, o sorriso simples e tonto, a sujeira, o ninho fétido, pés intumescidos, mão calejada, falta-lhe o dente, a panela vazia, o pote virado, aluguel vencido, o palavrão indecente que sai e quer dizer que não sabe outra forma, a soberba e o anonimato. Bar, bebida barata, violência gratuita, música fraca. Ao rumar amanhã de novo para o mesmo ponto, sem ver saída, seu patrão não desacata.

Trabalha ou morre, ou mata!

Para os outros, seriedade na brincadeira. Tapar o sol com a peneira? A democracia indolente, faz panelaço, a soberba, veste a bandeira, meritocracia indiferente, lê o jornal, olha-se como alta classe altruísta, tem ponto de partida diferente, não rompe barreiras: interesse próprio nas regras do jogo deficiente. A busca incessante pelo paradoxo da exclusividade: quanto mais bens mais solidão, mais saudade. O leite tem que ser desnatado, vai ao restaurante no feriado. Assiste a novela, planeja as férias, muda de cidade.

Estuda e trabalha, ou morre, ou mata!

No governo o discurso, mesmo mote, mesma piada,  
o decreto anunciado no rádio –  
um grande acordo entre poderosos, lóbi, mais nada.

continuação

Vem espírito que queremos ser dignos. Onde te encontras  
sorrindo? Em nenhuma parte?  
Nosso indigente de toda sorte só encontra teu jeito  
invertido, teu negativo, teu cerne corrompido.  
No céu indecifrável... Queira um deus!...  
Que rasgue a carne e viole o tempo,  
joga ao túmulo, irrompe a vida novamente se digna,  
novamente, sê digna!  
Por que nobre? Por que escravo?  
Por que moedas de ouro e de cobre? Por que campesinato?  
Por que azar? Por que sorte?  
Ou mata, ou morre e aparta-te de vez.  
De qualquer forma deixa-nos esta mesma morte.  
Insensato!

**Gilberto Azeredo Filho**

## EXÍLIO

Uma luz que se apaga  
E um amor que não afaga  
Perfumes do passado  
De uma alma atormentada  
As lágrimas marcam  
O verso tão puro  
Daquele que agoniza  
À espera do futuro  
Na face do efêmero  
Um grito repentino  
Uma estrela que se extingue  
Na sevícia do destino  
Entre o mundo de sonhos  
E as esperanças, quebrantadas  
Dize-me o que resta  
Senão o exílio das palavras?

Guilherme T. Gusson

## **SEXTA-FEIRA 13**

E no dia do mau agouro  
O alvorecer pálido  
Veio pintar o mundo de cinza  
Varrendo da terra  
Os resquícios de cor  
De uma copa desfolhada  
Um corvo alçou um voo negro  
Mergulhando na névoa cerrada  
Um espectro negro, emissário das trevas  
Em meio a alvura celeste  
E no jardim decadente  
A lótus murchou e perdeu as pétalas  
Maculada pela nódoa do passado  
Caiu seca e solitária  
Sentado sozinho à janela  
Os ventos frios trouxeram a meus ouvidos  
A melodia de uma triste sonata  
Que anunciava uma morte soturna  
O mau presságio foi dado

**Guilherme T. Gusson**

## FUI A UM ENTERRO ESTA NOITE

Fui a um enterro esta noite  
A sala do velório era mui pequena  
Escondida em um canto escuro e solitário  
À porta uma escritura que dizia  
Lasciate ogni speranza, voi che entrate  
Havia apenas eu  
Um vazio angustiante  
Preenchia o local  
E o grito do silêncio  
Enchia o ar de desespero  
A passos trôpegos  
Aproximei-me do ataúde  
E dentro dele vi meu corpo repousado  
Cercado por flores mortas  
Atordado me afastei  
E num súbito, tudo ficou claro  
Entendi o que acontecia, o porquê da solidão  
Era a morte da minha alma  
Chorei um pouco, mas não fiquei surpreso  
Já havia aceitado aquilo  
O morto há muito estava enfermo  
Foi melhor assim



## MÃE

De sorriso florido e estrelas nos olhos  
Da tua carne pura e efêmera  
Exala beleza e ternura  
E da alma imaculada e eterna  
Transcende o amor  
Agraciado pelo destino com tamanho presente,  
Foste me dado o anjo de incomparável doçura  
De cujo seio materno brilha  
Uma plácida luz  
Que fenece a angústia  
E flore o mundo com esperança  
Da tormenta do profundo oceano de teu coração  
Vem a misteriosa calmaria dos véus do silêncio  
Traz em teu colo um acalanto de graça indizível  
E nos braços suaves o berço do espírito,  
Que eternamente descansa em teus cálidos laços

Guilherme T. Gusson

## LUA

Ah Lua, quão formosa é tua fronde  
Quando ascende, etérea, à escuridão noturna  
E pelo infinito vaga a esmo  
E se desvanece em misteriosa altivez  
Debruçada sobre o bátrio de sonhos  
Com teus negros olhos lânguidos  
És a inerte espectadora dos amantes  
E companheira dos homens solitários  
Que sob a glória de teu brilho decadente  
Lamentam-se no ermo da noite  
Embriagados por teu fulgor  
Quantos não foram aqueles que compuseram  
Apaixonadas líras a tuas amadas  
E mais numerosos ainda  
Não foram os que escreveram tristes versos  
Ou choraram a ti, suplicantes  
Como é triste quando vais  
E esconde-te atrás de nuvens levianas  
Ah! Lua querida, volta e derrama  
Teu bálsamo sobre as chagas das almas atormentadas  
Traze de volta vida ao âmago vazio  
E renova os corações agonizantes

Guilherme T. Gusson



## **ELEGIA DO AMOR INEXISTENTE**

Oh minha pequena flor  
As pétalas vermelhas de teus lábios  
Exalam o doce néctar da vida  
E eu, frágil colibri,  
Anseio por beber da pureza de tua fonte  
Longe do sol do teu sorriso  
O meu coração congela tristemente  
E aos poucos a alegria se esvai  
Com a memória do beijo ainda não dado  
Oh minha doce Vênus!  
Como se encanta o meu ser  
Com o brilho celeste em teus olhos  
E o cálido gorjeio da tua voz  
Por que não me agracias com o ensejo  
De fazer-te minha, doce princesa?  
O quão triste queres fazer de mim  
Sem nem ao menos saber que existo?

Guilherme T. Gusson

## SOLILÓQUIO

Os pensamentos vêm, como intrusos, e cavam  
em meu peito um buraco  
E no ermo, a vida fenece lentamente  
Minhas mãos trêmulas buscam incessantemente  
Mas não sei por quê procuro  
Sob o véu do silêncio minha carne macerada desfalece  
E absorto em mim mesmo, não vejo a passagem do tempo  
Tão logo o crepúsculo surge e timidamente  
Brotam no infinito um milhão de estrelas  
Contemplando-as me entristeço com a memória  
de tudo que não vivi  
E com os jardins de sonhos transformados em pântano  
Com olhos de julgamento a imensidão de astros me observa  
E grita ao cadáver da minha juventude, preso em inércia  
E sozinho me desvaneço em meu leito frio  
Quando embriagado pelo sono surgem-me os sonhos  
Apenas desejo que padeçam em sofrimento  
Pois ao amanhecer tudo se extingue  
E o desejo insaciado de meu triste coração corrói meu peito  
Porque dói não ter aquilo que faz morada em mim  
E assim como as águas em face ao abismo  
Meu espírito recrudescer. E me pergunto:  
Será infindo o cilício que há no bojo de minha carne?  
Como a voz que sopra promessas ao vento, serão meus versos  
para sempre vazios de significado?  
Até quando a mácula do meu passado irá me afogar no sombrio  
pélago de lembranças?  
Ah, como é amarga a sina de viver em eterna ausência  
E excruciante é ver o pranto transbordar de minha alma  
E inundar um campo de flores mortas

continuação

Dize-me, vida ingrata, quando de seu destino obscuro surgirá luz  
Para que se finde o tormento e uma vez mais  
Meus olhos melancólicos deixem o opaco e encontrem o encanto  
Na poesia dos olhos de um anjo sereno  
Dize-me quando irá parar de vomitar bile no âmago de meu ser  
E cortar minhas asas e rasgar minhas entranhas  
Dize-me, vida ingrata, quando enfim terei tal enlevo  
Até que cessem as tribulações sentir-me-ei covarde  
Pois como náufrago, perdido nesse mar de aflições  
Flutuo a esmo à espera de que os ventos do destino  
Levem-me para longe  
Longe das lamúrias que comigo caminham  
E que eu flutue até que nessas águas eu me dissolva  
E deixe como triste legado apenas os meus versos  
Enquanto meu espírito inquieto continua a vagar  
pelas veredas solitárias  
Deste mundo que tanto me fascina

Guilherme T. Gusson

## GRITO DISCURSO

Eu vejo o mundo,  
Mas o mundo não me vê.  
Só sabem falar  
Tudo que eu já ouvi.  
Eu sento no meio da ponte.  
Eu atropelo na calçada.  
Eu subo na mesa.  
Derrubo os bancos.  
Pixar as paredes e muros,  
Escrever por cima da dedicatória alheia.  
Apagar como as ondas as dedicatórias na areia.  
Eu queria ter asas pra voar.  
Eu queria ver de cima o mundo girar.  
Queria eu ter voz para poder cantar.  
Andar até a praia e ver o azul do mar.  
Combinar com o meu amor para onde viajar.  
Ser natural como uma flor ao desabrochar.  
Sinto, poesia barata.  
Nunca sinto, as Belas Artes.  
Se aproxime com cuidado.  
Lace a juventude em um bordado.  
Sacudirei os seus sonhos até aqueles venham explodir.  
Bagunçarei suas ideias até que você não possa mais refletir.  
Persegureis sua identidade buscando te excluir.  
Não venham perturbar o caos que acabei de criar.  
Continuem sendo aquilo que apenas eu desejar.  
Seja um ser estático sem identidade a se transformar.  
Não encontrar a paz quando ela se aproximar.  
Não levantar a voz e ódio espalhar.  
Não imaginar sempre certo estar.  
Não apontar o dedo só para acusar.  
Perguntar sem medo se posso opinar.  
Amar livremente sem ninguém julgar.  
Resistir sempre mesmo quando não der mais pra aguentar.

Gustavo Abdala

## PARTES

Branco não sabe que é branco.  
Branco não sabe que é gente.  
Branco é presença da cor.  
Branco nunca foi tratado como  
Gente.  
Sempre tratado como um  
Pingente.  
De Ouro.  
Ouro Branco.  
Preto sabe que é preto.  
Preto sabe que é gente.  
Preto é a ausência das cores.  
Preto só é tratado como gente.  
E gente não como a gente.  
Gente preta.  
Branco não sabe ser branco.  
Preto não sabe ser preto.  
Branco se apropria do preto.  
E preto tenta imitar o branco.  
Branco  
Precisa reconhecer  
Que és branco.  
Nunca sofreu  
Por brancura em demasia.  
Branco não quer ser todas as cores,  
Só quer ser Branco.  
Preto precisa ser preto.  
Não como os Brancos querem que  
Seja o Preto.  
Alegre e Colorido Preto.  
Paradoxo de pigmento.

continua...

continuação

Preto é belo por si só.  
Preto reconhece tua honra.  
    Teu futuro.  
    Teu presente.  
    Teu passado.  
Sabe de onde vens?  
Sabe quem sofreu,  
    Quem lutou  
    E quem morreu?  
Preto reconheça a beleza  
    De teu cabelo,  
    De tuas vozes,  
    De tua cor.  
    E Branco,  
Quando aprender  
    A respeitar,  
    Vem.  
    Pode brincar.  
Pois Preto e Branco,  
    Só é preto e  
    Só é branco,  
    Pois esforço  
Nós não fazemos tanto  
    Para compreender  
Que pretos e brancos,  
    Irmãos e Irmãs  
    Todos devem ser.

**Gustavo Abdala**

## NOTA DE CONFIANÇA

Sabe...  
Senti do fundo  
Dos seus olhos.  
Quando os vi.  
Senti nada.  
Nada por mim.  
Ser,  
O que sou,  
Assim, apenas  
Eu sei.  
Porque não sentes por mim  
No olhar,  
No peito,  
No franzir da testa,  
O que sente por  
Ele?  
O tempo demora  
Para permitir-me  
Esquecer.  
Me fazes sozinho,  
Por que não sou  
Ele.  
Aceito ser só,  
Porque esse sou  
Eu.

continua...

continuação

E minha  
Melancolia  
Deriva da solidão,  
Não de quem  
Não escolheu  
Me amar.  
Nem do vazio que  
Sinto, pois só  
Eu estou.  
Mas, porque  
O amor,  
Aquele inalcançável  
Amor.  
Nunca foi  
Aquele dos  
Seus olhos.  
Mas dos olhos d'Ele  
Que você olhava  
Ao invés dos  
Meus.

**Gustavo Abdala**



## INFELICIDADE COLETIVA

Há muitos suicidas em conta gota!  
Esperando o fim do expediente  
Esperando o fim da sexta  
Esperando o fim do mês  
Esperando o fim do ano  
Esperando a aposentadoria  
Tão infelizes quanto os clássicos,  
somente lhes falta coragem.  
Achando que não são tão fracos,  
não percebem o erro na abordagem  
feita por essa sociedade  
que só faz nos deprimir.  
Precisando de remédios  
para acordar, para dormir,  
para transar e para sorrir.  
“Nascemos infelizes” eles pensam,  
entretanto a estrutura permanece,  
e o mesmo aos seus filhos ensinam.  
E as pessoas pedindo em prece  
para que o tempo passe depressa,  
enquanto eles torcem...  
Esperando o fim da vida.

Heitor Alves

## “O DIA COMO ELE É”

Essas manhãs suaves, que chegam de mansinho  
querendo colo para se encontrar  
enquanto as estrelas rodam de felicidade  
por estarem a caminho do descanso eterno  
Os feixes de luz empurram as tranças do tecido  
para se mostrarem presente  
sacudindo as partículas de alegria  
e êxtase a tomarem coragem para balançar  
por mais um dia  
A tarde empurra o capacho até o batente da porta  
aquecendo tudo com uma explosão de energia  
que toca a luz  
Ao abrir a janela, os feixes de luz se entrelaçam  
na dança das partículas de ar  
que riem pelo calor que as invade  
E por fim, quando o ritmo da dança diminui  
e os astros do espetáculo pensam em ir descansar  
chega a circunferência, que tem seu dia favorito de se expor  
e acalma os passos das luzes, relaxa os nervos da Terra  
e por fim, faz tudo entrar em sintonia  
para começar outro show na manhã seguinte

Isabella Parra

## SALA SÃO PAULO

Em meio aos passos elaborados dos anjos, as notas balançam entre o ar gelado e pousam no topo das cabeças. Um suspiro interrompe o ballet e o clima se torna pesado, quente que arrepia e muda pro gelado que queima.

Um suspiro.

Passos mancos, identificam o piso de madeira, que já foi tratado, retocado, pintado e arrumado. Um passo seguido de uma passada e foi assim que os anjos cansaram de dançar, as notas descansaram nos ombros e não quiseram mais rodopiar por entre os ouvidos. Os anjos sentaram na plateia porque perceberam que deveriam parar de brincar, era hora de ouvir as duras palavras que rasgavam o salão. Entre arranhões e lágrimas, um vazio se instaura, porque sabe que tem um espaço - e se tem espaço, dá para expandir- e aos poucos, o ar toma forma de onda, uma imensidão de nada te transborda.

Mas os anjos decidem dançar, era hora de sentir o toque leve dos fios entre os dedos, o feixe de luz que atravessa a folha impressa com notas que acompanham os timbres que rondam o tripé que por fim, permanece parado, sem poder rodar junto com os anjos, com as notas e os timbres.

Isabella Parra

## “O DIA COMO ELE É”

Essas manhãs suaves, que chegam de mansinho  
querendo colo para se encontrar  
enquanto as estrelas rodam de felicidade  
por estarem a caminho do descanso eterno  
Os feixes de luz empurram as tranças do tecido  
para se mostrarem presente  
sacudindo as partículas de alegria  
e êxtase a tomarem coragem para balançar  
por mais um dia  
A tarde empurra o capacho até o batente da porta  
aquecendo tudo com uma explosão de energia  
que toca a luz  
Ao abrir a janela, os feixes de luz se entrelaçam  
na dança das partículas de ar  
que riem pelo calor que as invade  
E por fim, quando o ritmo da dança diminui  
e os astros do espetáculo pensam em ir descansar  
chega a circunferência, que tem seu dia favorito de se expor  
e acalma os passos das luzes, relaxa os nervos da Terra  
e por fim, faz tudo entrar em sintonia  
para começar outro show na manhã seguinte

Isabella Parra

**SER**

Tu é conto da minha cabeça  
tão frágil e subornada  
por qualquer toque  
sem arrepio  
Tu me disse: “eu te amo”  
e nós postamos fotos de casais  
para o mundo inteiro saber  
que eu sou louca  
Tu é tão bonito  
ao meu olhar singelo  
mas tem traços machucados  
que eu gosto de ninar  
Tu respeita meus valores  
e eu admiro os seus princípios  
tão peculiares  
Tu come pipoca sem sal  
e escreve poesia no quintal  
onde só existe  
no meu mundo  
Mas tu também tem suas malícias  
e saceia o meu tesão  
de todas as formas imagináveis  
tu me tem na palma da mão  
Tu existiu?  
Tu existiu na minha idealização?  
ou também foi feito da terra  
Me perdoa me perdoa  
eu sou tua  
de modo carnal  
social e espiritual  
eu sou tua  
quando não sei quem eu sou

continua...

continuação

Não não  
a culpa é minha  
eu não lembro  
tu deixou tantos roxos  
na minha memória  
O vermelho foi na pele  
que tu tinha guardada  
na gaveta de casa  
tão desarramuda  
quanto a minha cabeça  
Tu é real? eu não sei  
eu não merecia  
o teu amor  
mas pareceu tão medonho  
suas falas soltas a vapor  
de sangue  
Se tu não é feito de osso  
posso namorar outro alguém  
eu posso?  
não não não  
tu não iria deixar  
Tu e teu legado  
de modo tão enraizado  
não me permitem ser  
ser?  
quem eu sou?

**Jade Hilario**

## INSTRUMENTO CARNAL

Tu pousou na minha cintura  
feito um passarinho  
ansioso pelo ninho  
Beija meu pescoço  
e me faz gritar de sabor  
querendo te ouvir  
tocar o piano da biblioteca  
Com seus dedos tão macios  
que me lembram um átomo desprovido  
de cargas que só cabem na nossa poesia  
Diz! Diz no meu ouvido  
os desejos da tua carne  
tão nua e minha  
tão tua e nossa  
Me leva no concerto de música  
e nas peças da faculdade  
fuma qualquer baseado do nosso amor  
e esconde no nosso verso  
dos nossos pais  
E não deixa a nossa estrofe ter fim  
nas ruas de São Paulo  
termina a melodia na minha pele  
e toca o que tu quiser

Jade Hilario

## ENSAIO OS PASSOS

Dou a mão pro passado  
Abraço o passado  
Eu danço com a lembrança  
Eu guio a nossa dança  
Eu lembro a música  
no fim  
A gente não se solta  
Eu lembro  
A gente dança  
No fim  
Eu guio e ela me lança  
Ensaio os passos  
Abraço o passado  
Eu guio a nossa dança  
Eu lembro a música  
no fim  
A gente não se solta  
Eu lembro  
A gente dança  
Eu guio, ela balança  
No fim  
Ela se solta  
Não volta

Jade Vasconcelos



## **PASSOS, PUC, DOM PAULO**

Vida se dá, a cada passo se dá  
Passos rápidos, lentos, morosos e teimosos  
Passos idos são vidas vindouras  
Detentoras de esperanças e lutas  
Labutas de tantas e tantos dão passos  
Já se escuta: puc, puc, puc, passo, passo, passo  
Passos ao ar livre, ar de Dom Paulo  
Evaristo Arns, são ares de coragem  
Passo forte não esmorece na noite que desce  
Erradas veredas de medos são criadas, portas cerradas  
Mas rejuvenesce na humilde fé, caminhada que liberta  
Regada de esperança em esperança, a luta é vida...

**Jerry A. V. Chacon**

## MORTE AO POETA

A poesia não se mata.  
A poesia não serve para nada  
Não tritura frutas.  
Não ajuda na queda de cabelo  
A poesia é inútil  
Quem já se viu! Coisa igual.  
Não há lugar para poesia nesta cidade  
Então, hão noites que poetas saem sujando os muros,  
com seus sonhos.  
A cidade morreu  
A ordem prevaleceu  
Todos dormem  
Não há sonhos  
Morte ao inútil poeta!

João Dantas

**SOBRE MINHAS CRISES, AGORA TERRITORIAIS:**

São Paulo e São Salvador  
As duas e o mar  
Salvador tem mar  
São Paulo é um mar  
Mar onde carros, paredes e postes chocam-se  
Mar verde cava as pedras  
Salvador é um labirinto  
São Paulo as pessoas tentam não se perder com seu google maps  
Ruas retas ou ruas sinuosas  
Ladeiras da Preguiça  
Os fardos ladeira acima em Perdizes  
Roupas coloridas ou pretas, chupo e cinzas  
Uma negra gorda de branco e um tacho de dendê  
Uma issei, nissei ou sansei com bochechas vermelhas  
e fritadeira de pastéis  
Ruas retas, ruas sinuosas  
Salvador perdeu o caminho  
São Paulo entende-se como o caminho  
Rio é aquele que alivia o sal.

João Dantas

E se xs gordxs não fizerem dietas  
E se todos os alcoólatras resolvessem beber  
E se cristo crucificado for masoquista  
E se a biblioteca de Alexandria estivesse aqui  
E se a África colonizasse a Europa  
E se o Brasil falasse Guarani  
E se abríssemos as portas dos:  
    Presídios  
    Manicômios  
    Abadias  
E se todas as universidades fossem jardins  
E se os religiosos fossem para o inferno  
    E se você se amasse  
    E se pudéssemos voar

**João Dantas**

## **A BOA COMIDA**

you realmente se depara com a saudade de casa quando sobe,  
do apartamento de baixo, aquele ar de jantar pronto  
é remetido a todas as gulas que vêm à mente, mas se contenta  
com seu pão-nosso-de-cada-dia não tão pão assim  
boa comida também é poesia  
principalmente a falta dela.

**John Bran**

## A MAIS VIVA DENTRE OS VIVOS

a pessoa mais viva que já vi tem 90 e alguns anos de idade  
 ela tem olhos azuis e cabelos de laquê brancos,  
 não como a neve, talvez como um dia nublado  
 sempre bem vestida, de jóias a unhas feitas,  
 certo dia me achou na rua  
 ela, que é minha vizinha, me conhece desde muito  
 disse, me trombando no posto:  
 -ei, menino, como está?  
 eu, que já não tão menino assim:  
 -sigo bem! cansado do estudo-trabalho! a senhora?  
 -sigo andando, como sempre andei, volto da missa.  
 -mas o prédio é pro outro lado!  
 -óbvio que sei disso - em meio a gargalhadas de alguém já experiente  
 sei disso, vou para casa de minha irmã;  
 ela, coitada, já está cansada com seus setenta. - rimos -  
 -ah! vai tomar um lanche?  
 -sim, vou, não à toa estou com pães na sacola.  
 não te chamo pois ela está uma velha aborrecida, menino.  
 -ah! imagino! eu, com minha rotina, quase estou por aí junto dela!  
 -não está. você está sendo burro. eu, experiente, porém jovem,  
 ando muito e faço tudo que quero. há vinte anos,  
 quando já era jovem aos setenta, trabalhava e viajava, com amigas.  
 morreram todas. não de fato, mas de cansaço.  
 a maioria ainda vive, mas na realidade não. sou ainda a única que  
 trafega comprando pães para lanchar. você, menino, se encaminha  
 para um jovem, porém experiente. vai morrer aos quarenta.  
 — ambos andando juntos, passado o posto de gasolina  
 onde pães regulares são comprados,

continua...

continuação

já longe da igreja e perto do prédio da irmã de Maria Teresa seguimos ainda refletindo sobre o quão jovens cada um foi e é —  
 -sabe, menino, você é curioso. poucos dos seus param  
     para falar comigo,  
 mesmo eu não me importando, adoro minha companhia própria.  
 -tenho interesse nos que vivem! são curiosos! apesar de tudo, vivem!  
 -mas esse é o básico. vocês que não vivem e apenas se tornam  
     experientes me assustam.  
 a vida está aí para ser vivida, por mais clichê que pareça.  
 -sim! de fato! mas talvez vivamos apenas para ganhar experiência!  
     alguém que não treina,  
     não ganha experiência, não evolui!  
     — gargalha —  
 -alguém que só treina, só ganha experiência, só evolui. qual o ponto  
     de evoluir e não parar? quando não se para,  
     não se vive, não se aproveita, não se ama, não se constrói, não se  
     enraíza, não se reflete, não se descansa.  
     -mas quando se para, se morre!  
 -não. se morre quando se deixa de viver. muitos seguem acordados  
     mas já morreram,  
 poucos vivem de fato. alguns, até, já faleceram mas seguem vivos.  
 quando escuto meus discos da bossa, estamos todos vivos, e não  
     digo por nada metafísico.  
 mesmo que os discos sejam de quarenta anos atrás.

...

-o senhor, menino, tem muito a aprender. mas não de mim. minha  
 lição já passei, agora tem de fazer seu para-casa.  
 — o porteiro, já acostumado das idas de Teresa, abre  
 para sua visitação à irmã e nos despedimos

John Bran

## **ENCONTRO**

Entre encontros  
E desencontros  
Busco o ponto  
...final?  
Afinal,  
De ponto em ponto  
Nasce a linha  
E desfazem-se os desencontros  
Para nascer  
[em fim]  
O encontro final

**Jorge Arbage**



## LUA DE MEL

Quando te visito, visitava, visitarei,  
Passeio de leve, arroteio a casa.  
Afigo flores e jabuticabeiras.  
Tamborilo o vidro da janela,  
minha alma se reflete em tuas pupilas, espelho mais fiel.  
Teu arrepio não é surpresa ou susto.  
Bem conheces quem está aqui, reajo a teus acenos  
que co respondem aos meus. E vice-versa.  
Abres a porta (nem sempre abres: à gazela apraz ser arisca).  
Sorrisos, beijos recendendo a garapa.  
Com ternura, pegas em mim, cresço. Vamos à alcova.  
De par em par, afastas tuas cortinas: “Vem cá”.  
Lume aceso, saboreamos caldo fumegante, leite adocicado,  
temperos e odores mil. Nos lambuzamos.  
O que ofertas, festejo: o que trago, comemoras.  
Mimos que carregamos conosco – nossos corpos.  
Bailamos, bailamos, sete, setenta vezes bailamos,  
de manhã e à tarde. Ao anoitecer bailaremos?  
Ao redor de tua casa, formoso relevo que vivo a palmilhar:  
o montículo das deusas do amor, perfumoso,  
as colinas arrebitadas, puro leite,  
as engraçadas dunas gêmeas.  
Lá e cá brotam voluptuosidades  
como as que ocuparam os pincéis de Rubens  
e a mim, teu trovador.  
Assim como eu a ti, me visitas, pois moramos um no outro.  
“Nós” é o melhor lugar desta Terra.  
Petite mort, ressurgimos a sorrir.

Jorge Claudio Ribeiro

**RIVERSIDE CANTICLE (CHAPTER 9)**

Numa tarde dourada de outono, sabes?, eu te comi...  
Era dia do Senhor, o primeiro da Criação, quando houve a luz.

Ao voltar de tuas claras pupilas,  
entre as coisas e gentes em que pousavas teu olhar,  
lá estava o meu, à espera, à espreita,  
mendigo, caçador.

De soslaio, ou em afoito mergulho entre nossas retinas,  
ou junto com os machos ao redor,  
que mirávamos a ti desatenta, eu te sorvia.

Da janela, ao fundo, as águas fluindo, fluindo.

Em ousado silêncio entre nós,  
ou no papinho aleatório em volta,  
a cada palavra tua a flutuar,  
sem que indagasses, eu co respondia,  
pressuroso, saciado e ainda querendo.

Brunch-with-jazz. “Pedi uma bossa-nova pensando em ti.”

“Qual música?” “Bonita”, murmurei.

O trio desconhecia, mas mandou “Dindi”. OK.

O sorriso teu, de lábios e dentes indizíveis,  
mostrava um apetite que alimentava o meu.

Achavas tudo ótimo e também eu.

Veza ou outra, me vi de mãos postas,  
em êxtase, a contemplar-te.

“Logo que chegar aí, quero andar de bicicleta...”, antecipaste.

Pois pedalamos no parque ladeado por prédios art déco.

“Mira, no hands!”, me exibia, bilíngue.

Eu, boy again, voei a teu lado em fácil equilíbrio.  
Teus cachos ao vento douravam os strawberry fields,  
Alice e o coelho, museus e templos, lagos e bulevar.

continuação

A cada passo ou parada, exalando fluidos e hálitos  
– emanções da superfície e profundidade,  
das saliências e vales de tua sinuosa topografia –  
a ti, perfumosa, eu aspirava.  
(Naquela) tarde te re conheci,  
beleza tão antiga e tão nova,  
fonte e foz do riomar de formosuras:  
algumas, como a ti, distingo;  
incontáveis outras afloram ou imergem no caudal.  
Iluminaram-me partículas de tua cintilação.  
Bastou a nós, outono e primavera,  
estar ali-e-então, simples, entregues.  
Encarei o medo. Muitas graças.  
Nasceu a Lua, quarto minguante.  
Demorado abraço de adeus, duas pontadas no peito.  
Esse domingo me orvalha.

**Jorge Claudio Ribeiro**

## **E, CHOVE LÁ FORA**

No rubor da tua face  
O aroma do vinho mais sutil  
Delicados são seus toques  
Carinhosos afagos  
E, chove lá fora  
Tua carne macia e morna  
Descansa cansada a minha cabeça  
Dedos dedilham meu peito  
Estou aconchegado  
E, chove lá fora  
O som corre lentamente  
Meu suor pinga na melodia  
Quero para sempre  
Mas já me vou embora  
E, chove lá fora  
Amor itinerante  
A porta está aberta  
Para mim na chuva  
Me retirar  
E, chove lá fora  
Caminho molhado, esquisito  
Sou gado marcado  
Propriedade do teu coração  
E você  
Nem uma toalha,  
nem um guarda chuva  
E, chove lá fora  
Disso eu sei  
Não sei se é chuva  
Não sei se são lágrimas  
Que molham meu rosto  
Que molham meu coração

**José Eduardo Rendeiro**

## **PASSA A VIDA**

passa o tempo  
passa o dia  
passa a noite  
passa a hora  
passa o som  
passa o carro  
passa a garota  
passa o amor  
passa a tristeza  
passa a alegria  
passa a dor  
passa o amigo  
passa o papo  
passa o bar  
passa o garçom  
passa o drink  
passa a grana  
passa o assaltante  
passa o trabalho  
passa a diversão  
passa a casa  
passa o ferro  
(e eu aqui...passando a mão no cabelo)

**José Eduardo Rendeiro**

## A NATUREZA : VOCÊ

O vento  
Como é belo  
Em teus cabelos a desmanchar  
Em teu corpo a deslizar  
Em teus olhos a brilhar  
A chuva  
Teus cabelos respingar  
Teus olhos a lacrimejar  
Lágrimas de Sol  
Lágrimas de Vento  
Uma Gota  
de orvalho  
de suor  
de calor  
A me molhar  
Sutil como a garoa que chega  
É poderoso te sentir  
Quase nem ir  
A minha boca adocicar  
Seu veneno meu licor  
Seu ruído minha música  
Tua presença  
como uma sinfonia  
como uma cor  
Nada mais belo  
Ver viver  
Vi Ver  
Ver Você Viver Você Ser Você.

**José Eduardo Rendeiro**

## DESENCANTO

O Homem então o agarrou  
E a um escuro quarto o levou  
Com lábios sujos de vinho  
O menino que nada sabia  
Logo entendeu que seria  
Violado naquele quartinho  
Dilacerando sua roupa  
Enfiou-lhe o pênis na boca  
E gozou depois de um quinto  
E com o membro molhado  
Depois de tê-lo surrado  
Passou a arrumar o cinto  
E ao extinto garoto sussurrou:  
“Mantenha-se em muito calado  
E diga somente a Deus  
O quanto tu és culpado”  
Assim que a porta o garoto fechou  
E o sangue das pernas limpou  
Ele então pôs-se a cantar  
Mas tão logo acabou seu canto  
Para não acordar com o pranto  
O importante bispo a rezar

Julio Cesar

## A ANTO LOGIA

Desejo-te agora sofrimento  
E dor e angústia pelo pensamento  
Em resposta às minhas saudades  
Por ti causada pela partida  
Nos pedaços da minha emoção  
Despedaçadas pelas meias verdades  
E destruída pela dor contida  
Do silêncio de tua omissão  
Mas ela quer que a dor impere!  
E portanto que eu não a soltes  
Mesmo nos braços doutro coração  
Por que ainda quer que eu te espere?  
Na esperança de que um dia voltes  
Ou para beijar-me frio no fundo do caixão?  
Poesianapuc Poesianapuc #poesianapuc

Julio Cesar



## É PRECISO VIAJAR

A gente sempre deixa algo para trás.  
Sempre sente uma dor qualquer,  
Expectativa do porvir.  
É uma abelha voando ao longe.  
Uma matilha andando em círculos.  
Jacarés cegos pela chuva.  
A gente sempre se prepara para morte  
E nunca conseguirá...  
Uma flor na nascente.  
O Sol que se apaga.  
O Tempo que saltou.  
A gente sempre perde um minuto.  
Existe sempre uma saúde a ser recuperada.  
Tem sempre um machucado que não cicatriza.

Kwame.Y

## **É COMO CHUVA NO VIDRO**

Você não consegue  
Desligar o brilho,  
Submeter o contraste  
Ao teu gosto do que deveria ser realidade.  
Enxerga-la por fora é como chuva no vidro:  
Uma superfície borrada por espaços disformes de elementos.  
Sobrecarrega o transparente,  
Desdefine o presente  
E continua caindo.  
A tempestade acabou, eu sei,  
Mas os resquícios dela são pacientes...  
Trilham seu caminho até a linha inferior por própria permissão  
De causar uma auto-confusão  
Àquela vida.  
Não a sua,  
A de quem tenta ver  
É como chuva no vidro  
Irregular e de formas incompreensíveis  
Pra quem não conhece o trilho  
Através do sólido  
Cortado pelo líquido  
Como chuva no vidro  
Do teto de cada um.

**Larissa Teixeira**

## ADVÉRBIO DE INTENSIDADE

Era só mais um dia  
Dia de jogo do corinthians  
Todas as câmeras voltadas pro estádio  
Os ouvidos do trânsito sintonizados no radio  
Era só mais um clássico  
Desses de quarta- feira  
Pagodinho e bebedeira  
Secando até encher o saco  
Vinha do metrô que sai da oeste  
Terceira linha, a mais colorida  
Vermelha como a força da leste  
Entoando uma vitória uniformizada  
Mais uma torcida  
Desorganizadamente organizada  
Tinha um objetivo em itaquera  
Uma ansiedade que não espera...  
Era mais um dia de ânimo.  
Exaltado, mas ainda assim ânimo  
Uma energia maior que o adversário  
Uma força além de qualquer páreo  
Em casa nao pode ser nem empate  
Haja res pon sa bi li da de  
Dia de mostrar toda a habilidade  
Dia de fazer do futebol arte  
Mas ainda assim só mais um dia  
Estação carrão  
Quase o meio da linha  
Por ali passou uma aglomeração

continua...

continuação

Por motivos desconhecidos  
Por repercussões que não ocorreram  
A aglomeração já havia passado  
Os passados que no passado moram  
Desci pra Vila Matilde  
Já estava mais aliviada  
Há portas extras, como a daquela privatizada  
Proteção em dupla camada  
Era só mais uma linha  
Que te faz esquecer os devaneios  
Sorte de quem vinha  
E não viveu esses receios  
Do que adiantaria?  
Era só mais um dia  
Amanhã é quinta-feira  
E quem joga é o palmeiras  
Pertinho da barra funda  
Para a vermelha, fim dos trilhos  
Reduziram a saturação até ficar cinza  
Exceto pelo amarelo daquele moço que vende milho  
Era só mais uma noite  
Havia autoridades regidas por sirenes  
Talvez de cima espreitasse a morte  
Aguardando uma decisão perene  
Um bombeiro resolveu contar:  
“É só mais um cara tentando se matar”  
Era só mais uma vida prestes a acabar  
Já já a rotina poderia voltar.

Larissa Teixeira

Prezado aristocrata, poderoso chefe,  
Hora de esquecer a nobreza  
Coloca os pés no chão  
Porque vamos por as cartas na mesa.  
Reclama do sistema e da instituição corrompida,  
Não solta nomes, parece quase uma abstração...  
Aceita, é mais um tipo de política falida:  
Pronta pro eleitorado,  
Distante do proletariado.  
Tão frágil quanto o discurso rápido  
Nem tem embasamento histórico para ser sustentado.  
Alguém avisa aí que discurso de ódio não é pra ser ostentado  
Muito menos tema de entrevista.  
Já não basta marketeiro, ainda tenta comprar jornalista?  
Um ou a imprensa inteira,  
Sonho mesmo é liberdade de empresa  
Fora da hegemonia  
Que faz jus à democracia.  
Com verdadeiras coberturas, modificam a conjuntura  
E sem falsos pluralistas,  
Contratantes de intercambistas,  
Prontos para rotularizar quem tá fora da lista do mercado.  
O novo chefe de Estado  
Portador de marionetes  
Aliado dos algoritmos da internet.  
Faz um favor, pega a pirâmide e esquece  
Não tem que ter base se o lance é igualdade  
E falando nisso, para de congelar as oportunidades.

Larissa Teixeira

## **SOBREPOSIÇÃO**

Escreveu todos os sonhos em uns papéis  
Lista de afazeres inatingíveis.  
Idealizou que estava mais perto da realidade  
Tanto quanto estavam longe de ser verdade...  
Jogo de probabilidades  
Improváveis de acontecer,  
Fruto de uma mentalidade  
Que se recusava a esquecer  
De tudo que poderia  
Transformar como um toque de Midas  
As injustiças que ainda viveria,  
Fazer prêmios com as que já vivera  
Acumular de outras vidas  
E descobrir o que não conhecera.

**Larissa Teixeira**

## TEMPO

O tempo é  
para brincar.

O tempo é  
para crescer.

O tempo é  
para amar.

O tempo é  
para entender.

O tempo é  
para aprender.

Leonardo Pinheiro

## “PESCADOR DE SONHOS”

Eu pesco os sonhos  
de uma donzela  
E ela está sonhando  
Que se tornou Cinderela!  
Eu pesco os sonhos  
De um jogador  
E ele sonha em  
Jogar em um campo de amor.  
Eu pesco os sonhos de um atleta  
E ele sonha em  
Amar mais  
Como faz em poeta.

Leonardo Pinheiro



## **MEU MUNDO**

No meu mundo  
Lá no fundo  
Me deslumbro.  
No meu mundo  
Tudo é belo  
Tudo é singelo  
Tudo é sincero!  
No meu mundo  
Me descubro  
Me encontro  
Me confundo  
Mas isso...  
Só no meu mundo.  
Leonardo Pinheiro

**Leonardo Pinheiro**

## **BOÊMIO ALEXANDRINO**

Ressaca atrás de ressaca, atrás de ressaca,  
De segunda a segunda, mortal no domingo.  
Insônia, vômito, no fígado uma faca.  
Triste, mas se o amigo diz: Vamos? Berro: Bingo!

**Luciano Bitencourt**

## MENINO NO FAROL

Há um menino vendendo balas no farol  
tem o rosto queimado  
pelo sol,  
pela dureza  
da vida.

Há um menino vendendo balas no farol  
ele é meu aluno,  
ele está descalço  
e o meu coração está  
despedaçado.

Há um menino vendendo balas no farol  
para comprar um pouco  
de pão,  
para alimentar o seu corpo  
faminto.  
O farol abre  
ele se arrisca  
na pista  
a vida segue...  
mas o menino continua no farol.

Lucivania Maia

## **ABISSAL**

no canto escuro  
do meu espanto  
mora um celacanto  
no arbusto  
do meu susto  
se esconde,  
em bronze,  
um busto  
no côncavo do meu medo,  
em arremedo,  
eu mesmo

**Luis Barbuda**

## **A CABO**

não há fim  
não há começo  
nada acaba  
nem chega ao cabo  
mas também não menoscabo  
quem queira recomençar  
só reitero que  
recomençar  
não é cabível  
já que acabado não está

**Luis Barbuda**

## **VAGO ERRO**

errar, vagar  
errar, não acertar  
acerta o que vaga, erra,  
busca  
no vagar errante  
o erro que aceita  
o acerto do erro  
erro porque busco  
acerto porque erro  
errante, sigo sozinho  
fazendo do erro, luz  
do errar, caminho

**Luis Barbuda**

## **ORIENTE MÉDIO**

mulheres sem rosto  
homens sem dentes  
sol inclemente  
céu insuportavelmente azul  
como uma sentença  
pairando sobre as cabeças  
não haverá água  
a secura inunda os corpos  
e o coração  
não haverá perdão

**Luis Barbuda**

## **CALO**

nem osso, nem carne,  
nem pele, nem unha  
calo  
nem silêncio, nem impedimento,  
convencimento,  
cunha  
na língua é osso que trava  
carne, pele,  
sentimento  
travo  
ao pé da letra,  
da língua  
calo

**Luis Barbuda**



## **VOLUTA**

nem por todo o tempo  
por todo o dentro  
nem a curva da tua cintura  
do teu ventre  
nem a voluta espiral do teu umbigo  
a doce artimanha do teu sorriso  
nem mesmo a  
dura pena da tua ausência  
nada  
faz sentido

**Luis Barbuda**

## **CATEDRAL**

erguemos catedrais  
vazias  
para um deus morto  
que não nos vê  
nem verá  
erguemos catedrais  
vazias  
para enchê-las  
com nossas esperanças  
de que um dia  
um deus nos olhará  
inventamos um olhar  
olhai por nós

**Luis Barbuda**

virtù  
virtual  
moral  
digital  
lógica  
analógica  
mouses  
verdugos  
no.clique  
da.lâmina  
reputações  
putrefeitas  
sentenças  
binárias  
digito  
ergo.sum

**Luis Barbuda**

## **FORJA**

no alto forno de você  
meu ferro,  
em brasa,  
liquefaz-se  
exaurido,  
resto,  
ao seu lado,  
volatilizado

**Luis Barbuda**

## A MÁQUINA

(A Carlos Drummond de Andrade)  
a máquina do mundo  
se ofertou ao poeta  
mas ele, com fastio, seguiu seu caminho  
com as mãos pensas  
faltastes ao encontro  
ou antes, chegastes tarde  
o que é a mesma coisa  
mas, poeta, tamanha severidade  
para quem estava apenas de passagem?  
(os poetas acaso não se curvam,  
não prestam vassalagem?)  
mais prefere a pedra inerte,  
silente, da estrada pedregosa  
que há de expor, decifrado o enigma,  
todos os segredos da vida,  
toda a sua geometria  
e todo o nexo  
será enfim revelado  
se não do mundo,  
de Minas, ao menos  
e não é a mesma coisa?

Luis Barbuda

Ainda bem,  
Um dia se aprende:  
Não dá pra chegar (lá)  
Num só dia.

Então, vale a pena  
Parar e aproveitar  
Pra cheirar uma flor,  
Olhar um bicho cantar.

Já que não se irá  
Chegar num só dia,  
Dá tempo de comer um pouco,

Beber um copo de água...  
Daqueles quando estamos  
Quase mortos de sede...

Quem sabe dê tempo,  
Pra você roubar meu beijo,  
Ler um pouco, descansar,

Fazer eu rir com algo bem bobo,  
Ou até mesmo me colocar pra dormir.  
Já sei, ver um filme!

Essa eu fiz pra você  
Aquele que sabe,  
Não vai chegar lá  
Num só dia.

Lá, onde você sabe  
Se deve chegar  
Somente o  
Inominável.

Papai disse:  
Tem gente que  
Chega lá num dia.

**Luiza Novaes**

## PAINAS

Não te sabias criança ou adulto  
 Já que eras tão jovem quando sonhaste  
 Aquele sonho confuso, instigante  
     O campo, pela janela  
     Uma vista ou uma ilusão  
     De sonhar acordado  
 Ou acordar sonhando ainda  
     Jagunço e os coelhos  
     Era sonho?  
 O alpendre e o baú fechado  
     Sonho seria?  
 Uma cama de palha no quarto dos avós  
     De certo que existia  
 O lampião e o cheiro de querosene  
     Os grilos e os sons noturnos  
 Cercavam a casa como um feitiço  
     Que se desfazia ao amanhecer  
     Quando as frestas da porta  
 Se abriam para a passagem da luz  
     Flutuavam poeiras iluminadas  
     Carretéis de pipa  
     Tanques de areia  
 Um galinheiro tão grande como um bairro  
     Com uma praça ao centro  
 Um terraço frequentado pelas aves do lugar  
     Na cozinha a lembrança do frio matinal  
 O acordar cedo, na aurora recém saída da noite  
 Um mingau amarelo forte, de cor e de quente  
 E um copo comprido com um dedo de açúcar  
     Vazio ainda, para levar na viagem  
     Ao curral encantado, prometido

continuação

Tu lembras da porteira?  
A primeira fronteira, lembras ainda?  
O declive em curva antes da estrada reta, pequena  
A mão amiga tão saudosa e quieta  
As plantas-que-dormem às margens do caminho  
O pequeno córrego de água  
Como pode haver peixes por ali?  
Tu lembras de pensar  
Enquanto atiras as pequenas bolinhas feitas de miolo de pão  
É parada rasteira  
Já se aproximam daquele destino  
Tão pequeno, rude e bonito  
Há um campo de painas sobre a lama do chão  
Onde se ergue a imensa árvore  
Cuidadora daquilo tudo  
Zeladora daqueles tempos e daqueles campos  
O leite morno enchendo o copo adoçado  
A espuma quase a derramar

**Marcelo Vieira Graglia**



PRA QUE FAZER LEI E TRANSFORMA  
CRIANÇA EM BANDIDO  
TEM QUE PEGA O SISTEMA QUE É O NOSSO INIMIGOS

**Marcos Santos**

A poesia é tudo na vida...  
você pode aprender a ser expressa e viver em liberdade...

**Marcos Santos**

A covardia se apossa dos corpos.  
A covardia se faz dos corpos.  
Covarde são eles próprios.  
Que sentem  
O mar distante  
O vento próximo  
O vento é dor certa de uma vida cega.- ele refresca e massageia  
cada camada de pele pertencente ao corpo  
Mas quando o olho sensível se encontra com o vento  
Cria-se um doloroso poder sobre o corpo.  
O mar é o sonho de um corpo consciente  
O vento surge do mar  
Mas o mar é a coalescência dos sonhos insubstituíveis  
Dos corpos.  
Somos covardes o suficiente para aceitar essa condição  
andar de encontro ao vento e crer que essa é nossa potência.  
Sofrer.  
Correr.  
Morrer.  
E finalmente,  
Nadar. -

Mariana Ribas

## **DA ALEGRIA DO MESTRE** (Fala do Educador aprendiz)

Veja, algo de muito importante  
Hoje aconteceu aqui.  
Juntos arrancamos pedaços de Mundo  
Agora nosso Mundo,  
E ainda assim de cada um,  
E eu aprendi.  
O que antes era informe  
Não tinha nome, estava desgarrado  
O que não era comigo  
Agora é através de mim  
Eu o reconheci.  
Você se fez ponte, caminho, passagem  
E mediou a chegada,  
Agora é presença o que antes era nada  
que eu não via  
que eu não queria ver  
de que eu fugia, temia...

Você chegou engravidado  
Portador de palavras, chegou.  
Não sei bem como  
Mas algo me tocou  
Quem sabe o que eu trazia comigo  
E nem sabia,  
Pode sair na passagem que você criou  
E da tua gravidez de mim e do Mundo  
Veja, alguém que agora sabe  
Se trazer à presença,  
Com suas próprias palavras,  
Ficou.

**Marília J. Marino**

(Um tributo a Joel Martins)

Queria saber poetizar a vida para poder participar dessa página .  
Queria saber escrever sobre o amor, sobre a dor, felicidade .  
Gostaria de ter rimas para os meus encontros e para meus tantos  
desencontros. Queria as palavras metricamente grafadas.  
Frases perfeitamente pontuadas, mas não sei fazer isso,  
pq a vida tem dessas coisas malucas; ultrapassa o parágrafo ,  
não respeita os sinais, come sílabas, formula frases sem  
sentidos, diz que vc vai e vc só está voltando. Eita vida poeta,  
ela não precisa de mim para “se poetizar” . Ela se basta.

**Maristela Grossi**

## AMOR FEBRIL

A tua distância é fria...  
Que embala no meu amor fervente.  
Surgem calafrios... Sozinha...  
Encontro-te no coração e na mente.  
E fecho os olhos a tua procura.  
O meu riso figura-me saudosa.  
Sinto teu sorrir... Minha loucura,  
Que padece nas lembranças mais gostosas.  
E cada toque que me suaviza a pele.  
Minha figura branca e serena cora-se.  
É o amor que o sangue ferve,  
Traduzindo todo calor que me envolve.  
E nada é mais importante do que a presença,  
De ti, nos meus abraços fogosos.  
Que te aconchega na paixão intensa,  
E te dispersa entre astros numerosos...  
És o céu de meu amor febril.  
Infinito... De sentimentos sinceros.  
Todo passado que um dia partiu,  
Concretizou-se no tudo que considero.  
O meu beijo te chama pedindo.  
Todo prazer que trouxeres sorrindo.  
É tanto amor, que causa vertigem,  
Nestes olhos frágeis... Da tua virgem!

Marta Tanuri

## RESGATE

Neste momento, te busco Oh! Deus!  
Não vês nossas lágrimas sofridas?  
Ou a fumaça nebuliza vossas vistas?  
É o terror que se expande pela Terra,  
E o medo, no coração do mundo se enterra.  
Um alarme mundial apita...  
É o desespero de pessoas lânguidas.  
Com forças somente para chorar.  
O terrorismo nos Estados Unidos se planta.  
Para que a guerra comece a germinar.  
Dizem que tudo que vem do céu é benção.  
Mas, no dia 11 de setembro não vieste Oh!Glória!  
Cartão postal vira símbolo de intolerância.  
Em Nova York, até um herói chora.  
E povo pensa: \_ O que será de nossas crianças?  
E eu cá penso...  
Sinto pelo mundo, mas não a facada.  
Choro por um povo e me afofo nestas.  
Será que vale a pena, lutar pela pátria amada?  
Apresentando às crianças a guerra, chamando-a de festa?  
Essas mentes empoeiradas pelo ódio.  
Não conhecem mas o sorriso do arrebol.  
Nem no semblante alheio, um olhar de carinho.  
Só vendo morte ao olhar para o sol.  
E a repugnância num ninho de filhotinhos.  
A religião se torna motivo para a guerra.  
A indiferença nos conceitos de cada um.  
Embora ainda havendo singelas preces,  
Fecho os olhos para a crueldade comum.  
Com o intuito que a esperança o mundo enxergue.

continua...

continuação

As lágrimas nos rios se confundem,  
Assim não haverá mais falta de energia.  
É tanta a angústia que modela,  
A decisão que o mundo repelia,  
A carta branca foi dada para a guerra.  
Aviões se chocam contra prédios.  
Suicidas sacrificam-se com a vingança.  
A mando de sorrisos satânicos...  
E um fanatismo que não se cansa,  
Proclama sua justiça através do pânico.  
O que se vê, já não é mais prenúncio.  
Está tudo descrito, eis nossa redação!  
Sonho ainda com eternas poesias...  
E a mensagem de paz ao repartir o pão,  
Relembramos como Jesus fazia!  
E agora imploro nesta prece...  
Deus tira-nos desses destroços.  
Na qual não se encontram só as vítimas,  
E sim, todos os filhos vossos,  
Que já esqueceram o valor da vida.  
Salvemo-nos Oh! América!  
Salvemo-nos, Oh Mundo inteiro!  
Demos as mãos, mesmo ensanguentadas...  
Pois o sangue simboliza tudo o que já foi feito,  
E a união, futuras mãos purificadas.  
Imploramos todos a paz...  
Chorando pedimos outra chance.  
Deus! Fazei com que a sabedoria nos encape.  
Em nós a misericórdia plante.  
E vem a nós, trazendo o nosso resgate

Marta Tanuri



## MESMA RIMA

VIVO NUMA MESMA RIMA REPETIDA  
COM UM SÓ DIZER E NADA MAIS.  
AMO TANTO E ISSO ME INTIMIDA,  
COMO SE NADA MAIS EU FOSSE CAPAZ.  
E A MESMA RIMA REPETIDA  
TRAZ À HISTÓRIA COMO A DOENÇA À MORTE.  
UMA CONSECUTIVIDADE QUE NEM SEMPRE RIMA  
MAS ARREBENTA NO PEITO, FORTE.  
TUDO É TÉTRICO E HÁ UM MESMO SOM.  
TERMINANDO NUM VERSO COM RIMA.  
QUANDO CHORO SINTO MAIS MEU DOM.  
QUANDO SORRIO NÃO TRANSCREVO A POESIA.  
MEU SORRISO TRANSPARECE NO AR.  
E TUDO SE DEDUZ FELICIDADE.  
A POESIA SE FAZ NO MEU AMAR.  
E O REGISTRO NUMA OPORTUNIDADE.  
MUITAS PALAVRAS VOAM...  
ALGUMAS PRENDO COMO BORBOLETAS.  
PARA ENFEITAR O QUE POVOAM,  
DEIXO-AS VIVER NA MINHA CANETA.  
E A MESMA RIMA REPETIDA  
TRANSPARECE E NÃO TEM SAÍDA.  
PARA QUEM AMA UM SÓ NA VIDA.  
TEM QUE ACEITAR A MESMA RIMA REPETIDA.  
E ESCREVER-EI A MESMA RIMA  
ATÉ QUANDO A CRIATIVIDADE SE FIZER FORTE.  
E O MEU SENTIMENTO QUE NÃO TEM MORTE  
VIER TRAZER AO MEU PEITO, A MESMA RITMIA.

Marta Tanuri

## MINHA AVE

No voar de minha ave.  
Que voa para plácidas campinas.  
Deixo livre, não digo pare.  
E sim expulso, digo parte.  
Vá e sinta a tua vida.  
Se minha ave por fim se cansa.  
Digo: Repousas mas não desista.  
Assim como o prazer que tem quem dança.  
E a paixão que tem quem canta.  
Eu digo: Ave, buscai tua sina!!  
Mesmo ainda que se machuque.  
Eu digo: Vá em frente, eis o tempo,  
Uma dor por fim desgasta, Lute!!  
A tua vitalidade é ser livre, Procure!!  
Novos horizontes de bons momentos.  
Minha ave que tanto zelo...  
Dou-lhe coragem, imensidão.  
Tem os sentimentos mais sinceros.  
O que esta sente, eu preservo.  
Pois esta que voa é meu coração.

Marta Tanuri

## A LUZ DA ALMA

Tudo o que já foi dor...  
Desapareceu pelo teu sorrir.  
Anoiteci com o luar de prata.  
Adormeci entre preces cansadas.  
E acordei lembrando de ti.  
E o dia amanheceu mais belo.  
E da vida me tornei aprendiz.  
Meus olhos se voltaram ao céu ...  
E o arrebol encontrou-me ao léu.  
Daqui para frente serei muito mais feliz.  
Meu sorrir mostrou meu ser.  
Meus amigos melhor acolhi.  
Brotei dentro em mim o perdão.  
Por fim guardei o amor e a paixão,  
Que no coração viverão por ti.  
Agora digo enfim...  
Abra a janela do teu peito,  
E deixe toda essa luz entrar.  
E os momentos que são tão fugazes,  
Se tornem para sempre. Nosso preceito.  
Eu enxergo a tua alma.  
E é só você que me conhece.  
O meu chorar, o sentir e o sorrir.  
Todos os pensamentos que estão a fluir.  
És o presente vindo de uma prece.  
Para-me o agora.  
E encontro-me com o passado.  
Lembranças nos meus olhos flutuam.  
Tuas palavras no meu ouvido ainda murmuram.  
E minha aflante respiração lhe condena amado.  
Cai-me a noite...  
E o luar se esconde numa nuvem escura.  
Mas ainda há luz dentro de mim.  
E ao saber que o teu sorrir vezes eu fiz,  
Torno-me angelical, sublime e pura.

Marta Tanuri

## PESSOAS E CHEIROS

sinto saudade de pessoas e cheiros...  
coentro, dendê, óleo de coco,  
amálgama de sua alma de temperos  
sinto saudade de pessoas e cheiros...  
frenesi daquele agridoce.  
da costela com goiabada,  
daquele dia da paella fotografada.  
sinto saudade de pessoas e cheiros...  
do jogo de buraco e da cumplicidade.  
da massa de nhoque crua roubada  
daqueles momentos só nossos  
sinto saudade de pessoas e cheiros...  
sinto sodade do que foi,  
do que será, do que não será.  
o que seremos...por que acabou?  
e como começou?  
sinto saudade de pessoas e cheiros...  
sinto saudades de você,  
docê, de você, de tu, de nós.  
Imensa é a inconstância do ser  
o sol é, assim como nós fomos  
a Lua está sendo, e quem se atreverá?  
inconstante e resiliente  
às vezes oculta, às vezes crescente.

Martha Malheiro Launay

## **NO TEMPO DAS CIGARRAS**

Mar e Ilha  
Revolta e profunda  
Deu-me a luz e revelo minha sombra  
Do teu sangue, honro-te e sangro, maravilha...  
Vermelho, sagrado e visceral  
Minha loucura, Meu alento  
Feminina, Yang e Feral.  
Debaixo do pé de caju, bem-te-vi  
Maritacas anunciam o pôr do sol bem ali,  
Debaixo do pé de caju, sem Marília  
Até a próxima vida,  
minha amiga...

**Martha Malheiro Launay**

## CAFÉ DA MANHA

Espreguicei-me na cama.

Meus braços sentem o comprimento dos lençóis

E meus ouvidos, o silêncio de domingo num feriado.

No vapor do café sendo passado, refaço nossos passos.

Deleite de momentos despidos, e do agora indo afora.

Esquento as mãos na xícara de café, como se fosse o seu corpo.

No torpor do mundo lá fora, a gata se estica distraída.

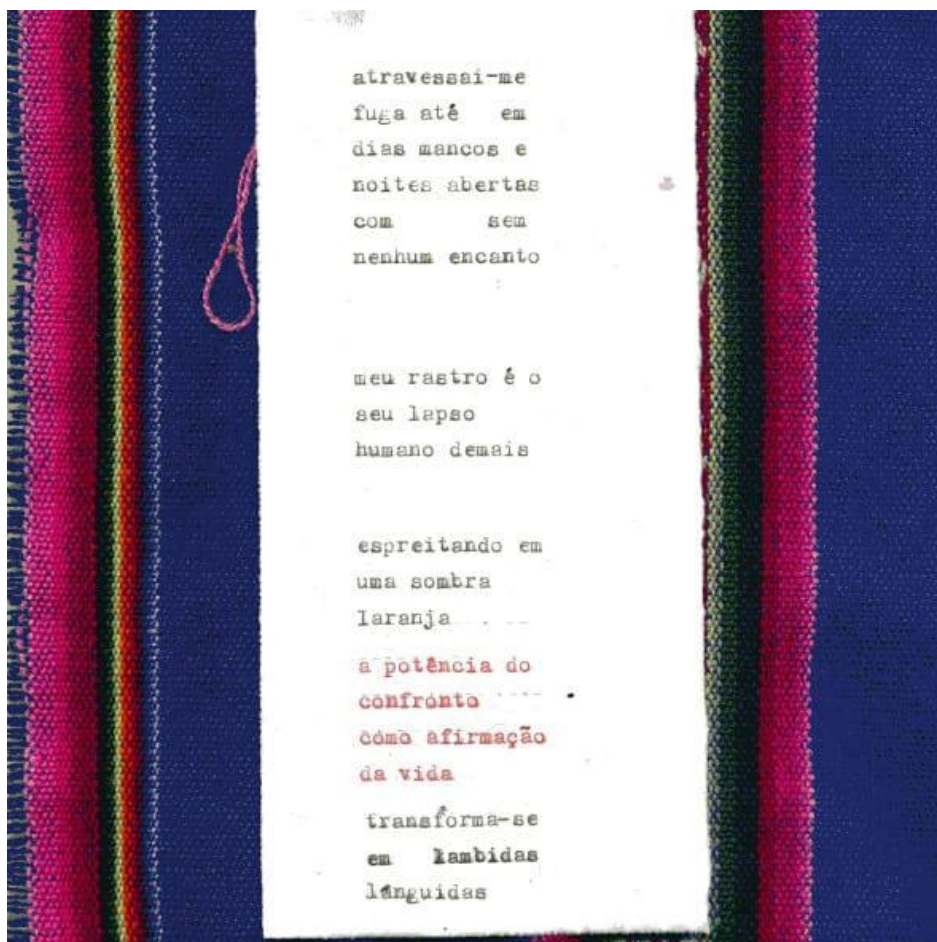
Rolhas de cortiça recordam-me constrangimentos e alegrias...

Percebo raízes secas a transbordarem uma espessa seiva.

Talvez um ressuscitar, depois de ter morrido algumas vezes.

11:11 marca o relógio. Não tem tic-tac.

Martha Malheiro Launay



Maurin Ka

TÃO GOSTOSO QUANDO SE ACORDA TÃO BEM.  
SÃO TEMPOS TÃO TURBULENTOS DE TANTO DESDÉM.  
ÀS VEZES UM AR DO CAMPO INFLA OS PULMÕES,  
ABRE OS SORRISOS E O SOL SE PÕE NOS CORAÇÕES.  
TRAZ A PACIÊNCIA À SELVA DE PEDRA, GRIS.  
TEMPOS QUE NÃO EXISTEM MAIS, ATÉ EM PARIS.  
MAS NO FUNDO O POETA SABE QUE A SOLIDÃO TRAZ  
O QUE À ELA FALTA E ELE O FINAL O FAZ.  
MENINA TÃO MULHER SE TORNOU.  
E MENINO DESTA VIDA NOVA NÃO DESFRUTOU.  
PACIÊNCIA... SE AO MENOS ACORDA BEM;  
DESMAIA, DEBRUÇA E TENTA DORMIR TAMBÉM.  
QUEM SABE, NOS SONHOS TUDO O TEM.

*Natalie V.*

Nátalie Verndl



## À NOITE

Queria viver num mundo simples  
Onde chuva e sol fossem dávidas, não caos  
E pessoas soubessem rir de seus pés molhados  
Queria sentir-me num lugar simples  
Onde tempo fosse encontro, não busca  
E dificuldades pontes, não pontos  
Queria caminhar por ruas simples  
Fazer das distâncias oportunidades, não dramas  
Com caminhos tão intensos quanto chegadas  
Mas, por enquanto tento não complicar  
lugar, chuva, distâncias, tempo  
E chorar somente pelos medos que tenho  
Felicidade é invento quando se acaba a luz.

Nayá Fernandes

## **VIDA**

Não há nada que prepare o fim  
Carta, poema, pensamento ou vela sobre o altar  
Haverá sempre uma dor inteira, perene lamento

Lágrima

Não há ninguém que saiba consolar  
Abraço, lembrança, companhia ou pensamento bom  
Tudo permanecerá como sempre foi

Ausente

Não há medo que não possa voltar  
Pesadelo, insônia, angústia ou pânico permanente  
Você não pode mais ver flores

Indiferente

A morte

Essa irmã onipotente

**Nayá Fernandes**

## CRIA

Meu filho exige de mim o tempo  
Quer que eu troque café pelo carrinho  
Livro pela bola  
A janta e o vinho pela história  
Meu filho exige de mim a força de quem  
Abdica de si o tudo  
Ele chora. Eu também.  
Não posso ser toda dele  
Ao mesmo tempo não podemos  
Existir longe um da outra  
Meu filho exige de mim  
Aquilo que eu queria ser: inteira.  
Quando eu era pequena gritava “mãe”, quando abria os olhos.  
A sensação da não resposta  
Era de um abismo solitário  
Cheio de abraços não dados  
Meu filho, parte do meu corpo  
Exige de mim uma identidade que não tenho  
Como fragmento acordo à noite para cobri-lo  
Quando o arrepio me tira do lugar comum  
Meu filho quer que eu me sente no chão com ele  
Seu tapete, colorido, é nosso universo comum  
Eu queria estar ali, debruçada sobre sua imaginação criadora.  
Meu filho, cria minha  
Alguém que não sou eu  
O que imagina que eu seja?  
Ele continua a exigir o que imagina de mim  
Sou, para ele, imagem dele mesmo  
Sou o tempo que ele quer comigo  
Sou exigência enquanto carrinho, bola, história  
Sou o que ele exige e não sou nada  
Desejando ser amor.

Nayá Fernandes

## MULHER

Pari  
no asfalto uma certeza  
Não há beleza no mundo  
Nem sequer qualquer riqueza  
Senti  
que no fundo estava sozinha  
Escrevi acompanhada à noite  
Como não inventar melancolia?  
Saí  
de dentro do que eu cria  
Senti-me suja, maltrapilha  
Era agora mulher andarilha  
Morri  
quando todos ainda sorriam  
Busquei na dúvida um sonho  
Era da terra minha loucura

Nayá Fernandes

“Ser bom sendo mal (...) Mostrar que o mal é bom, E o bem cruel.  
Caetanear. Tropicalizar. Misturar amor com (o) paixão ao saber,  
para assim tudo, que importa, saber. Provocar a experiência do  
limite, recolher a verdade, renascer. Des-atrofia da experiência  
!!! Saberes em orgia, Fertilização, catarse. Antropofagia. –

**Paola Cantarini**

## **FILOSOFEMA ZOONTOTEOPLANCTOPICTÓRICO - DE WILLIS SANTIAGO GUERRA FILHO**

Eis a clareira, a *Lichtung* de Heidegger, tal como aparece em fotografia de livro sobre a floresta de Meinong (Richard Routley, “Exploring Meinong’s Jungle and Beyond”, publicado pela Research School of Social Sciences, Australian National University, 1980) – quem vê a floresta, não vê a clareira, assim como quem vê a árvore não vê a floresta, e no entanto a clareira só se vê por haverem as árvores e a floresta, existindo cada uma das três de três modos diversos sem que sejam o ser, mas são, como Deus e deuses também são, sem existirem e-videntemente, sendo Aquele co-incidente com tudo o que existe, é, foi ou será. Não sendo mais animais, que “(s)istem”, humanos ex-(s)istem; a floresta, a clareira, deuses e Deus in-(ex)istem, enquanto as árvores sub-(s)istem, dependendo delas e da manta vegetal que haja animais, humanos e o restante, em suas florestas interiores, de Meinong. Em certo sentido, portanto, são (e somos) todos sonhos desta manta, desta mata, suas criações, para lhes suprir a imobilidade, lhes permitir a reprodução, a sexuação, que se inicia com a floração – conclusão: a flor é a razão.

Paola Cantarini

## **ANTROPOFAGIA BRASIL-DIREITO**

Ser bom sendo mal (...)  
Mostrar que o mal é bom,  
E o bem cruel. Caetanear.  
Tropicalizar.  
Misturar amor com (o) paixão  
ao saber, para assim tudo, que importa, saber  
provocar a experiência do limite.  
recolher a verdade, renascer.  
Des-Atrofia da experiência !!! saberes em orgia,  
Fertilização, catarse,  
Antropofagia.

**Paola Cantarini**

## POESIA RADICAL

P  
O  
E  
S  
I  
a  
R  
A  
D  
I  
C  
A  
l

...  
..  
.  
.

Nua,  
selvagem, pura  
como galopes de um cavalo.  
O que é o ser humano afinal?  
Político animal. Animal político  
Abelha e lobo.  
Mas e o logos, o diálogo?  
O assombro dos assombros,  
cheio de ódio e asco.  
A martelar a cabeça e  
certezas dismantelar  
olhando a beira do penhasco.  
..arriscar  
florescer..

continua...



continuação

já que nos sonhos  
não se pode morrer!  
O martelo de Nietzsche  
ensina a verdade não mais procurar  
subir a mais alta montanha  
tirar o anão das costas,  
gritarrrrrrrrrrrrrr,  
saltar e voar...  
Cinza virar  
E depois  
D  
I  
A  
M  
A  
N  
T  
e  
.  
..  
...  
Poetizar  
Santificar o riso e dançar  
Mas e se no final  
VER QUE É O INÍCIO  
ETERNO RETORNO DO IGUAL  
E quem te pegar  
pela mão for justamente o Diabo?

Paola Cantarini

## POEX PRATICA

Onde os fortes nascem?  
Filosófica desmitificação  
Pensamento a desdogmatizar  
Em busca de um selvagem coração  
por caminhos invisíveis.  
narrativas a revisar  
Sabemos o que não queremos  
Mas o que queremos?  
Entre o que se fala e se faz  
A distância so esta a aumentar  
Promessas a cumprir  
Palavras que são apenas palavras.  
O ponto é simples e claro  
os ricos não desejam parar de comer caviar.  
Sistemas abertos ou fechados  
Não importa,  
não faz diferença  
para aqueles que não passam pela porta.  
Linha abissal  
nem mais uma janela se abre.  
Todos no fim  
Somos pura flor  
ao sol procurar  
abrindo-se ao vento  
atrás de mais tempo.  
E do meio do mundo  
solto meu grito mudo:  
só o dono da dor  
sabe o quanto esta a doer  
e que risadas e piadas  
muitas vezes são  
Pedidos de socorro!

Paola Cantarini

Gosto de poesia  
Moldura de verdades  
Inesperadas  
Encontro do escritor com aquele amigo distante:  
Seu eu  
Mural de recados para ela, ele e aquele, e até para si  
Ventre mágico, gravidez permanente  
Diferente da barriguinha que, aos cinquenta,  
Pareia com a vista falha

**Pedro Aguerre**

O primeiro rabisco  
Em um caderno  
O primeiro ato artistico  
Efemero e eterno  
Representa uma tentativa de fuga  
De todo esse tormento  
Pra ver ser algo muda  
Com a esperança de que o lapis leve embora  
Todo nosso sofrimento  
É um ato admirado e criticado,  
As vezes por sua falta de objetividade ou dificuldade  
É que sua compreensão vai além da leitura feita pela vista  
Requer um olhar profundo,  
Possivel, apenas, se ainda lhe restar um pingo de sensibilidade  
Talvez isso justifique sua raridade hoje em dia  
Afinal, em um mundo de ruas vazias  
Lotadas de pessoas frias  
Não há espaço para poesia  
Ser poeta é resistir  
Ser poetisa é resistir  
Escrever é resistir  
É estar ferido pela lagrima  
E mesmo assim  
Sorrir.

**Pedro Dadalto**

Fui viajar sem destino  
Comigo?! Apenas coragem e disposição  
E mesmo sem saber qual era o destino  
Sabia que estava indo cumprir uma missão  
Então, embarquei no navio  
Observando cada onda  
E naquele dia Frio  
Percebi que a viagem ia ser longa  
As águas estavam agitadas, a travessia seria dura,  
Mas eu encarei como um sonho o que era um pesadelo  
De pacífico só conheci a nomenclatura  
Emprestei da frieza ártica para se manter no mar vermelho  
Navegar pelo desconhecido foi sombrio  
Mas não podia fugir, então abracei minha empreitada  
Pra mim não teve essa de que o mar se abriu  
E se aqui cheguei é porque acreditei em cada braçada  
Os temporais te fazem sentir perdido  
Mas independente disso  
Nunca deixe de navegar  
Mesmo sem bússola, é possível na vida encontrar um sentido  
Os Naufrágios são dolorosos, mas nos ensinam a nadar  
Navego e carrego malícias de um jovem marujo  
A aventura é dura e requer sabedoria  
Eu conheci cada gota desse oceano sujo  
E nadei muito pra não me afogar no mar da apatia  
Entretanto,  
Entre tantas dificuldades nunca abandonei o remo  
Romulo me disse que era necessário quebrar qualquer regra  
Por isso, a mais feroz tsunami eu já não temo  
Afinal, por maior que seja a onda uma hora ela se quebra

continuação

Pela viagem eu vi  
A maldade em expansão  
Navios sendo conduzidos pela ganância  
Vi Cortes chegar na América e destruir toda uma civilização  
Foi quando percebi, que no tal “mundo desenvolvido”  
a vida não tinha tanta importancia  
Já desviei de caminho, contrariei a corrente  
Vacila o que cochila em meio a calmaria  
Sempre estive atento, mesmo que o mal não parecesse presente  
Afinal, aguas calmas são um convite a pirataria  
E eu pirava todo dia  
A imensidão silenciosa trazia consigo a duvida  
E desesperado por um conselho, dispus minhas duas orelhas  
E ela me disse  
Pra nas aguas de março  
Fechar os olhos e me deixar levar pela musica  
E que se perdesse o rumo, pra olhar pro  
ceu que o encontraria nas estrelas  
Elas me diriam por onde navegar  
Me ensinam tb que a insegurança é nossa maior oponente  
É necessario acreditar na gente para algo se realizar  
Acredite na sua força  
E lembre se, somos como um Iceberg  
Nossa grandeza transcende o aparente  
A duvida afirmando, foi estranho e engraçado  
Já a Dificuldade me trouxe cicatrizes e levou minha inocência pelo  
mundo escuro  
Naveguei por entender que o mundo é grande demais para se viver  
ancorado  
E De corpo fechado, fortifiquei meu pensamento  
e fiz dele o porto mais seguro

continua...

continuação

Eu aprendi com Poseidon e não sofri de seus males  
Não me iludi com a beleza da sereia  
Resiliencia foi o lema pra vencer os 7 mares  
E depois de tanta luta, efim coloco meus pes na areia  
Sempre acreditei que chegaria nesse instante  
Os desafios maritimos com versos ritmicos eu demonstro  
Tudo ja passou, eu fui apenas mais um navegante  
Aventureiro e guerreiro desse mar desse monstro  
A vida é nosso mar  
Então,  
Saibamos navegar

**Pedro Dadalto**

## MUTUALISMO

Precisei da dor para aprender a compor  
Sempre precisei compor para expressar meu amor  
No fim não sabia mais distinguir  
O que tentava transmitir  
Depois de tantos anos só odiando  
E outros tantos querendo só ser amado  
Eu descobri  
Que um precisa do outro para existir  
Foi me amando  
Que aprendi a me odiar  
Foi me odiando  
Que aprendi a me amar.

**Pedro Geneze Liberato**



## HIPÓTESES

Sempre correndo atrás de anseios alheios  
Achando que suas ideias são simples devaneios  
Sempre buscando a satisfação pública  
Quando a satisfação que buscamos é nossa própria súplica  
Enxergando assim  
Talvez pararemos de pensar  
E simplesmente não se perguntar  
“e se?”  
Toda vez antes de tentar.

**Pedro Geneze Liberato**

Escreva-me  
quando se lembrar de mim  
nem que seja por um minuto,  
pois eu saberei reconhecer  
esse feito  
através das palavras,  
mesmo que peque  
com sua destreza  
para com a sintaxe,  
já que a ordem  
das sentenças  
não impedirá  
reconhecer-te  
como desbravador  
inquietao  
dos olhares  
meticulosos  
que incitam  
a imaginação  
para um destino  
duvidoso,  
nos confins  
do mundo.

**Peter Ferreira**

## **IMPERFEITO.**

O erro emocional  
cometido por um “leigo”  
em questões do coração  
far-se-á entender  
como esse boçal  
engana a todos  
com sua ausência  
de sentimentos.

Autor: Peter Ferreira

**Peter Ferreira**

## O COMEÇO DO FIM.

Fala-me,  
eu te peço.  
Diga-me  
que é o fim.  
Diga-me  
que você é um doente.  
Diga-me  
que você se arrepende.  
Diga-me  
sem aquela voz estridente.  
Fala-me,  
eu te peço.  
Diga-me  
que se arrependeu do que fez.  
Diga-me  
sobre essa insensatez.  
Diga-me  
que vai embora sem olhar para traz  
outra vez.  
E espero, que um dia,  
você se lembre de tudo  
E espero, que um dia,  
você veja esse lado obscuro  
Porque para mim,  
nada mais importa do que  
você inventa.  
Porque para mim,  
a emoção é sempre  
mais intensa.

Peter Ferreira

## SONETO ENFASTIADO

Uma vida indubitavelmente enfadonha  
Nasce para um ser sem crenças  
Apesar da alma tristonha  
Parece que já está predestinada a uma sentença  
Mudou a vida percorrendo uma trajetória  
Enganou a todos e a si mesmo  
Amigos ficaram apenas na memória  
E as ideias e confissões a esmo.  
Envolto em esquecimento  
Quer fugir  
para acalantar o sofrimento  
As areias nos olhos não o deixa ver  
Que a descoberta da paixão  
Um dia chegará para quem a merecer

Peter Ferreira

### **[JORNADA.]**

Conflitada, foste rumo a Norte  
Aventa às chaves d'Álgido abeira  
Para além da farsa corriqueira  
Em bordo embebida tua sorte  
Enroupaste só em andadura  
De mancenilheira o madeiro  
À ilharga, falso escudeiro  
Devasso, maldizer em ti perdura  
Galga o espinhaço, resta o cume  
Na folha infinita escreve o nume  
Derrama seus mil tons de nanquim:  
    'Repousa, o herdaste, serafim!  
Teu riso, emerge a benquerança  
Na Alma, reside a esperança!'

**Rafael Shintate**

**[TARTUFO.]**

Se em mirrados campos  
À eufonia atentos  
Assobiam os Santos:  
Que se ouça o tormento  
Pois se é d'Ouro a aura  
E a verdade, luzente  
Aos cuja Alma se exaura  
É Apolo poente  
E maculam o fio  
Com o rubro e o vazio  
Da fruta delirante  
Trufado, almirante  
De bom tornas molesto  
Teu mago, desonesto

**Rafael Shintate**

### [CÂNCER.]

Que me serve de alento,  
Se cresceu em ti o filho,  
E roubou-me todo o brilho  
Restando apenas tormento?  
Em pomar de secas folhas  
Recordações descoradas  
E risadas já passadas  
Qualquer rota que escolha  
Traz a mim cruel rigor:  
A levaram, sem pudor  
Ou me permitir ensejo  
De me debruçar em pranto  
Despedir-me do encanto;  
Ó maldito caranguejo!

Rafael Shintate



**[BALSA.]**

Como que andasse em infindas vagas  
Que aninha o teu travesseiro  
Ou te empenhasse em mais dez mil sagas  
Sendo o teu chamego balseiro -  
É terno o caramelo nas chagas  
Da Alma que te faz inteiro -  
Teu riso e todo regalo tu lagas  
Aterra do lago o outeiro  
Se bailam os remos em nova rota,  
Dança teus dedos em mais uma nota  
De corda a frota melodia entoa:  
“Torna a vida em júbilo à toa,  
Sê do rebanho do Amor a guia:  
Te faz o Sol que ilumina o dia!”

**Rafael Shintate**

Soneto da solidãe

Rafael Tubone

Sinto a falta de dedos dedilhantes  
Sobre a carcaça da minha epiderme,  
Sinto a falta de lábio bem errantes  
Sobre meus lábios, sobre o corpo inerme.

Inebriado e entregue ao feitiço  
De uma mulher, um ser amado e amante,  
Que se ame tanto e por isso me encante  
E me liberte do estado enfermigo

Da vida; sou como um tolo lançado  
A um sorriso, ao bem do que me chega,  
Que não pareça o bem da que me nega

O amor doce e louco e apaixonado.  
Que me dedilhe ventre e mãos e costas  
Me escandindo e repartindo em postas.

Rafael Tubone Magdaleno

## “ODI ET AMO

Odeio e amo. Vivo, no entanto,  
 Amargando cruel inclemência,  
 Maldizendo a estada e a ausência,  
 Sem tinir o abandono do pranto,  
 Pois odeio e amo; e em tudo emulo  
 A elegância sutil de Catulo,  
 Motejando o epigrama, porquanto  
 Odeio e amo! E não perguntais  
 O motivo de tal malquerença?  
 A culpada, irada e infensa,  
 A quem tanto versei os meus ais.  
 Mas não sei se há mesmo razões  
 De sofrer, pois nem há corações  
 Partilhados; há tristeza e cais  
 E despedida, e amor e ódio,  
 Ojerizo armando em batéis,  
 Os poemas que armei em papéis,  
 Pensando no amor, em um pódio,  
 E também ao mundo melhorar,  
 Porque é triste nos prados o amar,  
 Se o solo está coberto de sódio.  
 Temo e sinto. E não quero odiar  
 O amor que eu lha consagrei,  
 Mas pensando no quanto penei  
 Desconheço como transformar  
 A penúria, o amargo, a malícia,  
 A barbárie da nova carícia,  
 Num singelo e leve cantar.  
 Odeio e amo; eis o meu fado,  
 E eu tentei ser-lha bom, fui maldito!  
 E tentei ser-lha justo, eis delito!  
 Pois a filha da fruta é pecado  
 - Quantas ânsias, não fui pecador -  
 Do recado, ainda sinto o odor,  
 Te odiando, e amando, alternado.”

Rafael Tubone Magdaleno

POESIE

Sujet indéfinissable  
Murmures prononcés par des cons ;  
Qu'est-ce qu'une poésie? Imprévisible,  
Elle est ce que les poètes font.

Rafael Tubone

## **O REFLEXO INVERTIDO**

É nesses versos que me entrego,  
Nas escritas me liberto, mas confesso.  
O sofrimento passado está presente por todos os lados,  
O que era pra ser apenas um aprendizado, ficou marcado.  
Lamentável,  
Quem diria eu, ser a minha própria fortaleza,  
Daquelas que não passa nem mesmo gentileza.  
Tristeza,  
Que não sai da minha cabeça,  
A marca deixada com sua presença.  
Minha beleza não justifica minhas más vivências,  
Mas sim a sua turbulência.

**Raquel Morgana**

## **O DOSADOR DE SENTIMENTOS**

Vem dosar meu amor,  
Para que eu possa controlar minha dor.  
Sentir o calor sem desejar uma flor,  
Me enquadra nessa forma sem valor.

**Raquel Morgana**

Powdering rain  
Softly falls over the grass  
And makes it grow  
Like bread

Ricardo Ikedo

Eu vejo um homem negro, moribundo, debruçado sobre um colchão surrado. Repousa tranquilamente sob o viaduto, coberto por um manto fedido. Paro no farol. Deito-me neste mesmo colchão, junto ao homem negro que repousa tranquilamente sob o viaduto, o manto fede. Padeço por precisar de oxigênio, alterno entre apneia e respiração, sofridamente. Os motores dos ônibus gritam dentro da minha cabeça, ferem o meu sono, preciso ignorar. Ruído cinza de concreto. Minha pele pegajosa. Sinto nojo e desgosto de mim. Pés pretos, duros e imundos, unhas quebradiças e amareladas, prefiro olhar para o teto do viaduto, velho, mofo, encardido. Percebo as gotas pingando e o som ecoa em meus ouvidos com o tormento longe da cidade. Sinto um gosto seco na boca, gosto de asfalto, terra. Meu estômago acaba de roncar, pedindo por acolhimento. Olho em volta e não vejo nada, repouso novamente a cabeça, o colchão é meu único amigo. Sinto raiva, quero espernear, ninguém me ouve a não ser eu mesmo, choro, me escondo envergonhado. Estou sofrendo, não entendo. Estou muito triste, sinto em meu peito dor de ansiedade. Minha barba coça. Uma moça bonita passa e não me olha, se afasta. Eu sou o nada, que é algo, que não é nada. O farol abre, olho para trás e o homem negro ainda dorme. Caminho.

Samia Athayde Smaili



vejo bela, nua, uma janela de olhos azuis, naquela parede  
preta desbotada pelo tempo, sensual. ventania passeia por seu  
corpo e faz dançar a cortina de veludo vermelho que cobre  
parcialmente suas curvas. mal sabe a parede branca do corretor  
que a inveja, de sua tristeza com o mundo que vê, mal sabe  
que esta mesma linda janela chora sempre que se faz chover

**Samia Athayde Smaili**

**RISO DOS OUTROS –**

me sento no bar  
 dez horas da manhã  
 o Sol sobre as cabeças como um assassino ainda na etapa da perseguição  
 do estudo  
 um bafô equatoriano  
 pessoas caminham com a cruz e com os fardos  
 sejam eles quais forem  
 a sudorese desce pelas feições duras  
 ao meu lado um velho observa sua aposta no bicho  
 rosto redondo inchado e vermelho, cabelos brancos ralos e compridos  
 se apoia numa bengala e me acena com dificuldade  
 levanto minha cerveja e lhe dedico um brinde  
 [e viro o copo como um sertanejo cansado e  
 sábio, devido ao Sol à foice aos pássaros e ao fenômeno, faria,  
 ou deveria fazer no fabulário concomitantemente respeitoso e ordinário]  
 o Velho responde com um custoso sorriso e observa o semáforo fechar  
 lida com a queda e  
 com afinco  
 vai em direção ao outro lado da rua  
 o lado apoiado na bengala pende como um cadáver  
 o sinal abre  
 ele corre esquisito entre o engarrafamento  
 as pessoas  
 em seus carros com rádios e músicas de péssimos gostos e ares-condicionados  
 riem  
 o Velho  
 submerso nas buzinas  
 acena e pede paciência  
 – sim,  
 meu velho,  
 eles vão rir de você

continua...

continuação

devido aquele derrame que fez de tuas pernas uns bifés bambos  
e de seu sorriso torto algo vivo que eles nunca vão ter  
vão rir de sua feiura e vão rir pois você já teve chifres  
mesmo que isso tenha lhe feito um homem mais verdadeiro e preparado  
vão rir de sua inocência e de toda a futilidade da  
poesia vão rir pois você é medíocre e miserável vão rir quando você estiver  
desmaiado no chão inchado de cana e horror  
a história  
a brutalidade começa no riso dos outros  
dou um gole de cerveja e noto serenamente como pânico é uma palavra  
expressiva e como o reflexo no lago e a asfixia combinam com tudo isso  
poeira  
o ódio pela vagabundagem é alimentado  
por vagabundos cegos e palermas angustiados  
e assim sempre será  
não é aceito o ódio por si mesmo  
uma mera convenção benzida  
um banquete engraçado na caça por um herói  
o frágil anseio de termos de fazer algo dar certo  
não são mais dez da manhã  
o céu escurece e os morcegos tem sorte de  
estarem longe de minha companhia  
estou no bar em acordo perdulário com os anzóis  
contrato na mesa  
as minhocas precisam assinar essa porra  
procuro morcegos no céu e uma carabina dando sopa porque quero rir  
uma mulher desconhecida  
velha detonada bêbada e simpática  
olha para mim sei lá por quais raios de motivos e  
sem nenhum diálogo  
me dá o resto de seu maço de cigarros  
e meu dia melhorou  
talvez eu tenha pedido um cigarro.

Santiago Segundo

## **AÇÃO DE COBRANÇA**

Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz de Direito da Vara Cível da renomada Comarca de Aliança.

José Silva Simplício, de todos amigo do peito, propõe, inconformado, sua ação de cobrança. Essa é contra o seu compadre Firmino Valente homem que parecia honesto, sem errar jamais até o dia fatídico no qual, com o requerente fez uma dívida na importância de cem reais.

O requerido comeu e bebeu muito, sem pressa e solicitou o pagamento na próximo semana.

No entanto, não se cumpriu a tal promessa e agora, por justiça, o requerente a V. Exa. clama. Mesmo após tentar várias vezes uma conciliação, o requerente não pôde solucionar o que ocorreu, restando a ele apenas a propositura desta ação, para pedir, sem receio, o que de direito é seu.

Diante do exposto e com base na legislação vigente, requer a citação do requerido com muita brevidade para, querendo, contestar os termos da presente, sob pena da revelia e também do triunfo da verdade.

E esse pagamento, na sua totalidade, deverá ser efetuado inclusive com os honorários, mais multa e juros de mora, já que o requerente, necessitado, não se fará de rogado, pois, nestes termos, pede deferimento, sem demora.

**Simone Zanotello de Oliveira**

Acolha-me  
quando eu não acreditar  
quando eu perder a fé  
quando os pensamentos se confundirem  
representando os dias cinzentos  
Acolha-me  
quando eu perder a luz  
quando eu não conseguir enxergar  
o que há de belo na vida  
e perder-me na desilusão  
Peço-te, acolha-me  
e entenda que esses dias passarão  
eles fazem parte de um ciclo  
que eu não posso evitar  
mas se eu estiver contigo, posso superar  
no momento que tu acolhes  
eu posso superar  
trazendo de volta  
a alegria e força perdidas  
renovando o ciclo da vida vivida

**Sofia Coelho**

Acolha-me  
quando eu não acreditar  
quando eu perder a fé  
quando os pensamentos se confundirem  
representando os dias cinzentos  
Acolha-me  
quando eu perder a luz  
quando eu não conseguir enxergar  
o que há de belo na vida  
e perder-me na desilusão  
Peço-te, acolha-me  
e entenda que esses dias passarão  
eles fazem parte de um ciclo  
que eu não posso evitar  
mas se eu estiver contigo, posso superar  
no momento que tu acolhes  
eu posso superar  
trazendo de volta  
a alegria e força perdidas  
renovando o ciclo da vida vivida

**Sofia Coelho**

## LEVE

Leve, muito leve,  
De tão leve, parece flutuar,  
Tal como pena branca sobrevoando, pelo ar, silenciosamente.

Por onde passa, deixa um cheiro de alecrim,  
Cheiro doce e quente de chá recém-feito.  
Acalma a alma.

Se ontem o céu estava escuro  
e turbulências insistiam em aparecer,  
Hoje o céu azulou,  
E é a brisa suave que toma conta.

Não há explicação  
Nem é preciso que haja.  
Basta sentir  
E como é bom sentir!

**Sonia Montone**

De tão alva, ofusca a vista.  
Algodão com tamanha maciez, parece uma canção de ninar.  
Com suave e doce perfume, abraça o corpo,  
aconchegando, restaurando e fazendo renovar!

**Sonia Montone**



Letra após letra  
Grudando-se, formam sílabas  
Sílabas após sílabas  
juntando-se, formam palavras  
Palavra chama palavra  
E uma frase se forma.

Frase após frase  
Grudando-se, formam um enunciado  
Enunciado após enunciado  
Juntando-se, formam parágrafos  
Parágrafo chama parágrafo  
E um texto se forma.

Ideia após ideia  
grudando-se, formam sentidos  
sentidos após sentidos  
juntando-se, formam imagens  
imagem chama imagem  
E uma sensação se forma.

Frases, textos e uma sensação!

**Sonia Montone**

A palavra  
não quer cessar.  
O verbo  
precisa de espaço.  
O acesso  
é pela frase.  
A letra  
é de aço.  
A estética  
dilata o poema  
em pedaço!  
Notas cubistas

**Therence Santiago**

Permane no espaço-tempo a palavra. Verbo que dilata  
a conjugação. Gesto/letra que dá sentido.

Poema-ação.

Notas sobre Bergson

**Therence Santiago**

Palavra talhada.  
Faca afiada  
de verbos.  
Entre os dentes  
o fonema.  
Espaço semiótico  
do possível. Poema.  
Notas sobre a arquitetura

**Therence Santiago**

Sou poema.  
Pedaço de mim na letra.  
Meus olhos- palavra,  
dizem sílabas  
de desejos e sonhos.  
Metalinguagem do que sou  
em verso e prosa!  
Autoetnografia

**Therence Santiago**

Palavra esculpida na paixão.  
Verbo que escapa pela  
boca/poema.  
Tempo de imersão.  
No fluxo a poesia/dilema  
inunda o coração!  
Artesania

**Therence Santiago**

Sou da filosofia da tradução,  
dos sentidos,  
do experimento,  
do possível.  
Ando pela busca das dobras da palavra,  
busco a experiência  
Anseio pelo sentido!  
Cartas para a ciência do poema

**Therence Santiago**

Lua nua.  
Branca espuma  
feita de sonho  
e espelho.  
Olhos cansados.  
Imagem do infinito  
particular.  
Ensaio sobre a noite

**Therence Santiago**



Chove. Dia frio. Cinza. O poema escorre, encontra o  
contratempo. Forma a forma com o vento. Experimento.  
Cartas para o inverno

Therence Santiago

Como um blues antigo  
os versos escorrem  
em pensamentos  
de sol e chuva.  
Estado sensível  
que perdura.  
Poética decadente de mim.  
Notas sobre Amy

**Therence Santiago**

## DEPOIS DA TEMPESTADE

Se tudo é triste, dance ao poente.  
Olhar doido na cidade alegre,  
olhar são na cidade amarga.  
Não se perca, condenado,  
antes de provar a culpa  
de sonhar contente  
e se esquecer  
da tristeza  
enquanto  
sina.

Ulysses Barros Papageorgiou

## PÊNULO

Prazer cativo do fazer.  
A robotização dos sentidos,  
o eterno hoje em amanhã vividos,  
os sentimentos todos regidos.  
Fazer cativo do prazer.  
É o dom de voar,  
é a maldição da vida por segundo,  
é o legado da felicidade.  
Prazer cativo do fazer.  
Bater o cartão na entrada,  
bater o cartão na saída.  
Fazer cativo do prazer.  
É veneno no chá do carrasco,  
é bálsamo na pinga da esperança.

**Ulysses Barros Papageorgiou**

## VALORES

Atribuição de valores  
Produto do capital  
São tantas dores  
Tal mecanismo colossal  
Perpetuou horrores  
Banalizado o mal  
Proclamaram-se interventores  
Justificados pelo racional  
Renegaram amores  
Ao não-ocidental  
O quê vale mais?  
Os que possuem demais  
Ou os que nada tem  
Deixados a margem  
Enquanto você pode obter  
O outro não pode se manter  
Produção de um saber  
O Homem pode dizer  
Pelo que vale a pena sofrer  
Os marginalizados  
Não são lembrados  
Suas dores esquecidas  
Por serem almas despossuídas  
Da valoração imposta  
Por uma ordem justaposta  
Que define o Humano  
E excluí o fulano

continua...

continuação

Seres poderosos  
As custas de quem?  
Seus minerais rochosos  
Foram lapidados por alguém  
O eu com muito desdém  
Não se lembra dos que não tem  
Os que não possuem  
Também importam?  
Suas almas também sentem  
As perdas que sempre sofrem  
Pela mão dos que perpetuam  
Os valores que nos situam  
Vidas valem mais que outras  
Lutos doem mais que outros  
Pessoas morrem mais que outras  
Lutas lembram mais que outras  
Sujeitos importam mais que outros  
Homens detém mais que outros  
Humanos possuem menos que outros  
Prezam por etiqueta  
Com a mão na baioneta  
Impõe o jeito correto de andar  
A maneira correta de comunicar  
A forma certa de se alimentar  
Aquilo que podemos ou não usar  
Quem devemos namorar  
Como você deve se portar?

continua...

continuação

O porte  
E o valor  
Você assim se comporte  
Deseje aquele amor!  
O quê você com/porta?  
Conjuntos de modos  
É valoroso aquilo que exorta  
Todos os métodos  
Fundados por alguém  
Sem tradução pra outrém  
Que sofre por não deter  
As maneiras valorosas de viver  
Diferenças características  
Aos humanos intrínsecas  
Não precisa se importar  
Com o valor que pretendem dar  
À maneira que desejamos viver  
Estamos aqui pra escolher  
Aquilo que nos faz se sentir bem  
Façam como quiserem  
Aos seus modos se valorem

**Victor Melo**

## INANIÇÃO

Ilhado em quatro polegadas  
Horizontes bidimensionais  
Vozes e personas gravadas  
enjauladas em mil umbrais  
Em diluído mundo onírico  
Agrilhoadas em LED e níquel  
Aprende com perfeição calculada  
a alma esterilizada  
Pensamentos automatizados  
Dos tradicionais canais  
Provendo enlatados  
sentimentos artificiais  
Um caminho de ângulos retos  
Vivendo sempre muito discreto  
Em despropositado labor  
mascarará a sustentar  
Esconde a dor  
para tentar agradar  
Sozinho e acompanhado  
O aderido comportamento disseminado  
Exibindo sorrisos  
de coração partido  
Desejando chorar  
sem saber porquê  
Conversa franca, há muito perdida  
De superficiais contatos se faz a vida  
Farta-se em consumo banal  
alimentando o vazio existencial

Vinícius Godoy



## PRÉVIA-IRONIA DO AMOR

O crespo caibro,  
do susto sem corpo;  
daquele par,  
Às cadeiras malditas;  
das vozes miúdas-  
de amor;  
na palavra sem jeito,  
e o curto cabelo que  
não coube ao rosto, ao...  
...mínimo vocábulo,  
digo,  
muito; tanto, e muito e  
tanto e digo, que...

Digo.

Te amo; não,  
não entendes,  
amor; novamente:  
nobremente;  
te amo.

Que pena de nobre amor conquistas...

o coração de um outro?  
Território inóspito;  
junta, espádua,  
da guerrilha em nós,  
o silêncio monjolo.  
de ombros o após reluta.  
Costa que não se encosta.

Posso?

Amar-te assim,  
as despedidas?

Inútil.

Te-amo.

continua...

continuação

Ouvi um grito, sei;  
veio do peito, e-se...  
caminhou é.  
Foi-se, perdeu-se.  
O dito desencontro é  
sempre falso  
como o esquecimento.  
O repique tranco;  
das vísceras;  
à boca minha,  
que grande palavra eres.  
Não posso,  
dizer de ti, te...  
Amo?  
Um pouco; o mínimo,  
que seja;  
intenso o caminho.  
rememorar, não quero,  
e a perder-te,  
amada?  
Não sejas inocente;  
tu,  
que trocas de rosto todo dia;  
e morre-sem velar,  
de andadura;  
ao dorso enjaulado:  
à jaqueta,  
Esvai-se a pobre roupa,  
minha.  
Mas amanhã nos veremos,  
quase a frente,  
e de novo; sentados,  
ao rosto silêncio.

continua...

continuação

Nobre, não mais;  
passeio pelos dedos calvos,  
recortados ao tempo,

Primeiro:

pinço o mourejo firme  
desgarrado-agarrar,  
até que algo se trombe;  
pelo delicado,  
é claro...

Mas o frágil dos seres,  
quase sempre;  
morre ao amar, sim,  
Te amo;  
como a morte é;  
de se esperar.

**Vito Antonio Antico**

## ENGANO

Como pudeste? Confiavas irrefletidamente  
Em minhas iludidas promessas encantadoras.  
Na extensão de teu olhar, a esperança banhava-se,  
Ingênua, sorrindo a platônica alegria do amanhã...  
Frustrado, olhavas para mim e pranteavas  
O desleal sofrimento que minha hipócrita vaidade  
Causava em teu, agora amargo, coração auspicioso.  
Advindo de teu atônito semblante, caía perante meu ser  
A pungente cólera da solidão.  
Sentimentos intrínsecos à minha existência,  
Ascendem impensadamente ao mais alto estágio do sentir;  
Apropriam-se da razão, aparentam vontades e, tiranos, governam-me.  
Correspondi a mundos próprios, deteriorando o meu.  
Apaixonei-me por ti com veemência de poesia,  
Sem ao menos pressupor que tu não sabias ler.  
Meramente paixão; a minha, formidável atriz, enganou a nós  
E tu reconhecias-te como traído,  
pois sensatos eram teus sentimentos.  
Não vivenciavas mais a paixão, e sim o amor...  
Desculpa-me, Amor.

Vitor Hugo Gonçalves

Mais uma, por favor  
Diz a sabedoria boêmia  
Que sempre há tempo para mais um brinde.  
O problema surge quando o garçom se torna amigo,  
Nem sequer anota mais teus pedidos  
E aquilo que te libertas, aprisionas;  
Depende, tão somente, da dose.

Vitor Hugo Gonçalves

**INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA REALISTA**

Chora em desesperança a seca terra de minha nação;  
 Adubada a ódio e irrigada sazonalmente a sangue,  
 Rotaciona-se aqui culturas de medos e desânimos.  
 Terra fértil de castigo, terra roxa de tanto apanhar.  
 Planaltos e planícies padecem de depressões agudas,  
 Conforme serras e morros traçam percursos para contrastes.  
 Miséria que bate a enxada. Erosão que desgasta,  
 sedimenta, perfura e alcança  
 O ígneo coração de minha sedimentar pátria.  
 Gigante pela própria natureza. Um universo interior ao mundo.  
 Natureza gigante, diversificada, extraviada e vendida.  
 Cartografada belissimamente nos tons mais verdes,  
 retalhada por nuances de azuis,  
 Cada escala de quilômetro teu é taxada a preço de commodities.  
 Em tua vitrine exibimos nossas dissimuladas igualdades.  
 A afetiva miscigenação varre para debaixo do tapete o livro de história;  
 Esconde, em meandros de um rio qualquer, a malvadeza das caravelas.  
 Apreciamos a diversidade, mas pobreza e cor da  
 pele conurbam-se em grau elevado.  
 Orográficas chuvas de tiros, dos Pampas à Mata dos Cocais, intensificam-se  
 Com a chegada de massas de gás lacrimogênio.  
 No Centro-Sul, mais um corpo vai ao chão, mais um filho vai ao céu,  
 Mais um latifúndio é cercado e outra tonelada de soja é exportada.  
 Estado Soberano, da Constituição e das leis,  
 das brisas marítimas e do samba,  
 Governado pela insanidade da moeda e pelo desespero da fome,  
 Sonhas em ver tuas taxas e estatísticas iguais as dos primos ricos.  
 À deriva, entregas-te ao Atlântico e sorris em meio ao naufrágio.  
 Acometida por um mal, estrebuchas-te.  
 Sabes que um filho teu foge sim à luta  
 E que teu futuro espelha não mais grandeza.  
 Em berço esplêndido, deitas. Tenta reergueres-te, mas faltam os auxílios...  
 Entre outras mil, choro justamente por ti, Brasil.

Vitor Hugo Gonçalves

## AMOR LUA

Admirado, consoante à primeira vez,  
Pela janela vejo como graciosa despontas.  
Revestida de esperança, em ti percebo  
Meu futuro; em teus reflexos, meu amor.  
Farol da noite, como és linda perante  
Meus olhos. Em ti bendigo os prazeres da vida,  
E faço de tua alma uma aprazível morada.  
Eterna amante do poeta, és também poesia.  
Da janela de meu coração, as estrelas alegam-me,  
Mas é teu brilho que ilumina inteiramente meu ser.  
Delineada a mão por Deus, tens a graça de ser única;  
E como do céu é a lua, eu sempre serei de ti.

Vitor Hugo Gonçalves

## CONSTELAÇÃO

Mediocridade da vida, que se diz Tempo,  
Empalideceu estrelas que, há muito,  
Animavam a escuridão de minha galáxia  
E guiavam-me entre apáticos universos.  
Astro por astro, estrela por estrela...  
Da resplandecente imensidão,  
Atravessada de ardentes corpos celestes,  
Restou-me a ausência de luminosidade.  
De quando em quando, despontam no céu;  
Cintilam com euforia, propagam feixes de utópicas  
Alegrias e, sem anúncios, cessam seus formosos brilhos.  
E a luz, outrora hóspede assídua, fez-se visita desinteressada.  
Eu, também estrela, procuro o contentamento  
Da solidão, compreendendo a arrogante efemeridade do infinito.  
À estrela cadente, desejo que fique ao meu lado;  
Pois em meu mundo, presencio apenas a vastidão do nada.

Vitor Hugo Gonçalves



## CASEBRE

Desperto diariamente para a vida  
Golpeado pela maciça mão do mundo.  
Encubro os hematomas de minha mutilada alma  
Fantasiando-a com corpo findável qualquer,  
Desprovido de encantos maiores.  
Corpo esse, repulsiva carcaça da existência,  
Que sutura em sua face um riso hipócrita  
E preenche o olhar com espelhos que refletem dianteira desgraça;  
Sufocando-se em sofrimentos, afogando-se no desespero.  
Tola roupa, enclausuras tua grandiosa essência, torturando-a,  
Para te submeteres à insensata pequenez mundana.  
Porosa como és, precipitas-te em ácidos oceanos morais,  
Corroendo, pouco a pouco, o tesouro que carregas contigo.  
Ao anoitecer, achando-me só, desprendo corpo e alma;  
Corpo restaura-se e alma incendeia-se.  
Ansiando distintos livramentos, o debate é contido...  
Amanhece. Alma, ansiosa, suplica a liberdade da vida eterna,  
Enquanto o corpo, egoísta, em segredo roga a eterna vida.

Vitor Hugo Gonçalves

## COLIBRI-ABELHA-CUBANO, EU LÍRICO

Elaboro um plano de voo. Minuciosamente,  
Anseio a leveza de uma alma em êxtase,  
Para que o peso do mundo na extensão de meu dorso  
Seja gracioso como plumagem de pássaro silvestre.  
Alço-me, assim, rumando a desordenada eventualidade  
De existir, divergindo qualquer filosofia racional.  
Por vezes, a fadiga da subsistência martela-me as asas  
E acabo por descansar na poesia de um coração.  
Nos versos da vida, encontrei-me engaiolado em uma elegante  
Estrofe que, excentricamente, elucidava a graça de ser livre.  
Rompendo grilhões do passado, reestruturei-me na liberdade  
E voei novamente. Nessa incursão, pude contemplar o sol...  
A lucidez banhou em realidade meus pneumáticos ossos,  
Transportando-me ao substantivo coletivo -ruflo entre o bando.  
Na incompreendida multidão poética, permito-me à  
Escansão de sentimentos, podendo somente assim respirar.  
Menor ave do mundo, o pássaro mais leve que possa existir.  
Surpreendentemente, sou eu quem passa a maior parte  
Da vida voando. Comigo, a efemeridade de ser criatura.  
Persisto em delinear meu plano de poesia, e a cada novo voo  
Tenho a sensação de estar partindo pela primeira vez.

Vitor Hugo Gonçalves

## PÁSSAROS NA GAIOLA

Vejamos:  
não tem sentido,  
nem tem um porquê.  
Somos atirados,  
jogados,  
lançados em completa e  
angustiante  
Existência.  
Existencialmente,  
somos humanos, olha lá.  
E por assim dizer,  
vive-se no que mais me atormenta,  
(demais mesmo):  
na angústia.  
É claro, não me entenda mal,  
vivemos assim, e sempre o será,  
não porque a vida é ruim,  
nada disso,  
mas porque somos pássaros  
postos dentro de uma gaiola  
que está plena e  
cativamente aberta.  
Aberta, temerosamente,  
que ao meu ver é de arrepiar,  
para que voemos e escolhamos  
fazer o que bem quisermos.  
Tenso, pois, é pensar que somos seres  
múltiplos,  
cheios de espíritos e tudo ao mesmo tempo,  
até que agimos humanos  
e escolhemos.

Vitor Perdonatti

## **ESSA NOSTALGIA**

Incisão profunda em nossos  
corações;  
é a Nostalgia que volta e dói  
a alegria de ter vivido  
- e pensar que ainda se vive,  
mas não tocamos -  
as aventuras mais particulares  
de nossa vida.

**Vitor Perdonatti**

## O TEMPO

Quando estiver oculto e caído  
No desgosto do tempo, você, eterno amante,  
Concentre-se e sinta a brisa dessa imensa  
Força transitória que nos faz  
Crianças, adolescentes, adultos e velhos.  
É preciso conhecer o Tempo para sentir  
O êxtase da passagem, do esquecimento  
E do caminho melancólico e lento  
A qual todos estamos sujeitos.  
Tudo passará: o dia, as pessoas, o chão onde pisa,  
tua sombra, a música, as cores que vê,  
o mundo onde vive e as tristezas que tem.  
Contente-se, pois, com as pequenas coisas:  
O sorriso da pessoa que ama,  
O abraço dos amigos,  
A leitura virtuosa,  
As descobertas feitas...  
São sensações essas que fazem com que todos  
Nós nos eternizemos,  
Sensações essas que vibram e ritmam tanto  
Que se lapidam no espaço,  
Continuando a flutuar na eterna imensidão de caos  
E ordem por onde passamos e não voltaremos a rever.

Vitor Perdonatti

## CÂNTICO À FLOR

Vivacidade!  
E estou aqui  
sem ter ainda minha almejada  
liberdade pra compartilhar  
com ela em sua eterna  
intensidade.

Loucura!

Ah, em sua formosura  
há também a sua maluquice,  
cochilando até que alguém  
a chame pra brincar.

Ternura!

Bravo! Bravo ser você,  
e mirar em mim todo o  
o carinho do mundo  
sem precisar ter necessidade!

Saudade!

Dias e dias virão em que  
estarei só eu mesmo,  
sem poder te encarar  
e dizer que a tenho  
em meu bolso sempre,  
até que a veja de novo.  
Até agora, muito obrigado!  
Esparsos rabiscos se formam,  
como flamas e ciscos,  
sobre o desenho perpétuo  
da aura  
dela.

Vitor Perdonatti

## MATÉRIA NEGRA

O espaço entre dois corpos  
o silêncio  
o tempo  
são feitos de querer  
querer  
e querer.

Todo vazio é feito de querer:  
a ausência  
o invisível  
o impossível.

Cada batida do coração  
leva o querer  
até onde não havia:  
e então há.  
O universo, pra sempre em expansão.

Vivian Chazan

PEDIDO

talvez se eu sentar na beira do mundo  
e abrir meu coração para o grande divino  
invisível  
ele tenha a gentileza de escutar minhas  
palavras  
e tome meu pedido em suas mãos com  
carinho  
e sussurre no meu ouvido o indizível—  
a cura

Vivian Chazan



## JANEIRO

É aqui que eu nasci  
e é pra cá que devo voltar  
quando o verão acabar.

Enquanto meu sangue é quente.  
Enquanto há gente.

A vida tem de continuar.

Vivian Chazan

## **GOSTAR DE VOCÊ**

Gostar de você é algo que não consigo imaginar.  
É como a magia das ondas no mar.  
Gostar de você é amar, é querer, é sofrer.  
É amar, porque o amor é o sentimento mais lindo  
que um ser possa ter.  
É querer, porque lutamos para obter tudo o que queremos.  
É sofrer, porque o sofrimento enobrece,  
com o sofrimento o ser humano cresce.  
Estar sem você é como uma noite fria e sombria,  
trazendo a angústia ao meu coração.  
E, quando você aparece, é como a luz do sol  
a despontar no iniciar de um novo dia,  
acabando com a escuridão sombria da noite,  
aquecendo um coração frio.

**Waldir Alves**

Xô Vampirão!  
 Sugador de sangue do povo brasileiro  
 Ladrão de almas  
 Paga pau de estrangeiro  
 Racista, machista e capitalista  
 Você é o primeiro da lista  
 De muitos outros golpistas  
 Que como vampiros, sanguessugas que são  
 Sentirão a pressão  
 Desse povo de luta e resistência  
 Que não se intimidam e não prestam continência  
 Mulheres pretas e pobres de luta  
 Que por esses ai são todas tidas como puta  
 Que na rua seguem firmes na labuta  
 Te farão esquentar sua cuca.  
 Fora coisa ruim, sai pra lá!  
 Não aponte seus dedos pra cá  
 Com nossos direitos você não pode brincar  
 Com sua festa nós vamos acabar.  
 Xô imorais assassinos!  
 Não nos intimidamos com seu dedo no gatilho  
 Somos de força, coragem e resistência  
 Não somos feitos pra obediência  
 Que tenta nos calar e intimidar.  
 Sai cramunhão, vai pra lá!  
 Tira seus demônios de cá  
 Em suas direções alho, água benta,  
 sal grosso e pimenta  
 E nossa reza pra fortalecer  
 E o povo negro, pobre sofrido um dia ei de vencer  
 Porque esse povo de luta  
 JAMAIS, Jamais ei de TEMER!

Wellington Penna

## **BACON NO PACOTE**

Bacon no pacote  
Dois por um real  
Uma delícia sensacional  
Aqui senhorita  
Bacon no pacote  
Bacon no pacote  
Opa, perigo no trem  
Guarda já vem  
Vamos pros comerciais  
Porta fechou, perigo passou, vendedor voltou  
Bacon no pacote  
Bacon no pacote  
Dois por um real

**Wilson Brancaglioni**